Dedicated with sincere regard to
William Dean Howells

This edition of two hundred was printed in
facsimile from the copy in the library
of Archer M. Huntington, at the
De Vinne Press, nineteen
hundred and three

OS LVSIADAS DE LVYS DE Camoẽs.

Cõ todas as licẽças neceſſarias

EM LISBOA.

Por Pedro Craſbeeck Impreſſor delRey. An.1626.

LICENÇAS.

Visto como esta obra foy ja vista & impressa, damos licença pera que de nouo se imprima, & torne conferida com seu original pera se dar licença pera correr, & sem ella naõ correrà. Em Lisboa 15. de Dezembro de 625.

O Bispo.

Imprimasse.

Moniz.

QVe se possa imprimir este liuro vistas as licenças q̃ tem do Sancto Officio, & Ordinario. Em Lisboa a 19. de Dezembro de 625.

Araujo. V.Caldeira.

ESta conforme o Original, Lisboa 20.de Abril 1626.

Fr.Thomas de S.Domingos Reuedor.

TAxão este liuro em sessẽta reis em papel a 21.de Abril de 1626.

Araujo. *D.de Mello*

DOM IOAM D'ALmeida do Concelho delRey nosso Senhor.

Eduzido a taõ pequeno corpo, ofereço a v. m. o mòr gigante do Parnazo, & assi como em hum pequeno Mappa se cõprende toda a maquina do mundo, assi neste abreuiado volume se incluye toda a perfeiçaõ da poezia a qual verdade não somente a conhecem os melhores ingenhos deste tempo, mas tambem a naõ ignorarão os que mais florecerão no passado, pois dizendosse diãte de D. Frãcisco de Portugal terceiro Conde do Vimioso que este liuro era o primeiro que em oitaua rima se imprimira em Hespanha, respondeo & serà o derradeiro: tambem foy muy abonado testemunho o do Conde da Idanha a quem preguntando o Autor, se achara muitas faltas no seu liuro, respõdeo hũa achei muy notauel, que foi não no fazerdes taõ pequeno que o pudessemos decorar logo, ou tão grande que o nao pudessemos acabar de ler nunca: so el-Rey Dom Sebastiaõ mostrou estimalo pouco porque trazia mais ocupado o pensamento em dar materias a escritores, & poetas, que em darlhes premios: & daqui naceo fazerlhe taõ estreita merce, & taõ trabalhosa na arrecadaçaõ, q̃ dezia muitas vezes o Autor que

hauia

hauia de pedir a elRey lhe mãdaſſe commutar aquelles dez mil reis de tẽça,em dez mil açoutes nos Almoxarifes,porẽ logrou ã pouco tempo,q̃ perdeo logo a vida,não ſó com geral ſentimento da noſſa naçaõ , mas de todas as eſtrangeiras, onde lhe não faltarão afeiçoados q̃ dezejaraõ pedir os ſeus oſſos para em ſua terra lhe fazerem magnifico ſepulcrode q̃ elle tem bẽ pouca neceſsidade,porq̃ emtoda a parte lhe ſerue de Mauſſeolo a ſuá fama,& de epitafio eſte ſeu liuro, o qual por meyo deſta impreſſam reſumi a taõ pequeno eſpaço, porq̃ naõ he juſto q̃ os curioſos ſe cõtentẽ sò de o lerẽ,mas de o trazerẽ ſempre cõſigo:Diamãte he,& por eſta cauſa dino mais dé engaſte q̃ de encadernação;& ſe a ordinaria valia,& eſtimaçaõ dos diamantes he regulada pelas maõs q̃ os trazẽ, ninguem duuidarà vẽdo eſte nas de v.m. de q̃ ſerà o ſeu preço ineſtimauel;ſatisfaça v.m. em fauorecelo naõ sò cõ a opiniaõ q̃ ſe tem da ſua curioſidade, mas cõ as obrigaçoẽs do ſenhor Dom Franciſco d'Almeyda pay de v.m. de quẽ o Autor foi tão afeiçoado ſeruidor, q̃ embarcandoſſe em hũa nao para eſte Reyno, dizia q̃ ſe vinha da India porq̃ não eſtaua nella Dõ Franciſco d'Almeida , & depois continuou de modo neſta afeição q̃ adoecẽdo no tẽpo das alteraçoẽs neſta cidade de Lisboa & eſtãdo o sñor D.Franciſco por Capitão general da Comarca de

Lamego

Lamego, se despidio delle por hũa carta (que he a vltima que sabemos sua) da qual acabarei; esta com traslà lar algũas regras, para que veja este Reyno o muito que deue à sua memoria, queixasse pois de estar oprimido de doẽça, de necessidades, & de tristeza de ver a Portugal diuidido em tantos bandos, & despois de particularizar cada cousa destas diz as palauras seguintes. Quem ouuio dizer nunca que em tão pequeno teatro como o de hum pobre leito, quizesse reprezentar a fortunà tão grandes desauenturas, & eu como se ellas não bastassem, me ponho aindà da sua parte, porque procurar reziftir a tantos males, pareceria especie de desauergonhamẽto: em fim acabarei a vida, & veràm todos que fui tão afeiçoado a minha patria, que não sò me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella. Deos guarde a v.m. Lisboa 15. de Abril de 1626. annos.

Lourenço Crasbeeck.

DE

DE TORCATO Taſſo.

SONETO.

Vaſco le cui glorioſi, ardite antenne,
Incótro al Sol che ne riporta il giorno
Spiegar le vele e fer colá ritorno
Ond'egli par che di cadere accenne
Non piu dite per aſpro mar ſoſtenne,
Quel q̃ feceal Ciclope oltraggio, e ſcorno
Nè chi turbo l'Arpie nel ſuo ſoggiorno
Nè diè piu bel ſubietto a colte penne.
Et hor quella dèl colto, e buon luigi
Tant'oltre ſtende il glorioſo Volo
Che i tuoi ſpalmati legni andar mẽ lũge.
Ond'a quelli, a cui ſe alza il noſtro polo
E à chi ferma incontra i ſuoi Veſtigi
Per lui del corſo tuo la fama aggiũge.

DE DOM IOAM d'Almeida.

Neſta empreza felice que tomaſte
Alta piramide a teu nome ergueſte,
E a lira com que os Orbes ſuſpendeſte
Em circulo de eſtrellas a engaſtaſte
Dete louuor o mũdo a quem hõraſte
E Heſpanha a quẽ cãtãdo engrãdeceſte,
Mais rica inda cos verſos q̃ eſcreueſte
Que coas Orientaes Indias q̃ cantaſte.
Do IluſtreGama os feitos celebrados
Tanto de eſpanto tem por ti eſcritos
Como tem de terror por elle obrados.
Deſcobridores ambos inauditos!
Elle de mares nunca nauegados,
Tu de conceitos nunca de outrẽ ditos.

OS
LVSIADAS
DE LVIS DE Camoẽs.

CANTO I.

1

S armas, & os baroẽs assinalados,
Que da Occidẽtal praya Lusitana,
Por mares nunca de antes nauegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do q̃ prometia a força humana.
E entre gente remota edificáraõ
Nouo Reyno, que tanto sublimaraõ.

2

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reys, que forão dilatando
A Fè, o Imperio, & as terras viciosas
D'Africa, & d'Asia, andaraõ deuastãdo,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tãto me ajudar o engenho & arte.

Cessẽ do sabio Grego,& doTroyano,
As nauegaçoẽs grandes que fizeraõ:
Callese de Alexandro,& deTrajano,
A fama das victorias que tiueraõ,
q̃ eu canto o peyto illustreLusitano,
AquẽNeptuno,&Marte obedeceraõ:
Cesse tudo o q̃ a Musa antiga canta,
q̃ outro valor mais alto se aleuãta.

4.

E vos Tagides minhas,pois criado
Tẽdes em mi hũ nouo engenho ardẽte,
Se sẽpre em verso humilde,celebrado
Foy de mi vosso rio alegremente,
Daime agora hũ sô alto,& sublimado,
Hum estilo grandiloco,& corrente,
Porq̃ de vossas agoas Phebo ordene,
q̃ não tenhão enueja às de Hypocrene.

5.

Daime hũa furia grande & sonorosa,
E não de agreste auena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
q̃ o peito acẽde,& a cor ao gesto muda:
Daime igual cãto aos feitos da famosa
Gente vossa,que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cãte no vniuerso,
Se tam sublime preço cabe em verso.

6.

E vos ò bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança,
De augmento da pequena Christãdade:
Vos ò nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade: (de,
Dada ao mũdo por Deos q̃ todo o mã-
Pera do mũdo a Deos dar parte grãde.

Vos tenrro,& nouo ramo florecẽte,
De hũa aruore de Christo mais amada,
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesarea,ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo,que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas,& deixou
As que elle pera sy na Cruz tomou.

8

Vos poderoso Rey,cujo alto Imperio
O Sol logo em nascendo vè primeiro:
Veo tambẽ no meio do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental,& do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

9

Inclinay por hũ pouco a magestade
Que nesse tenrro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra,qual na inteira idade,
Quãdo sobindo yreis ao eterno tẽplo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão:vereis hũ nouo exẽplo
De amor,dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

10

Vereis amor da patria,não mouido
De premio vil:mas alto,& quasi eterno
Que não he premio vil,ser conhecido
Por hũ pregão do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quẽ sois senhor superno.
E julgareis qual he mais excelente,
Se ser do mundo Rey,se de tal gente:

Ouuí, que não vereis cõ vãs façanhas
Fantasticas, fingidas, mentirosas,
Louuar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecerse desejosas,
As verdadeiras vossas sam tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
q̃ excedẽ Rodamõte, & o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

12

Por estes vos darey hũ Nuno fero,
q̃ fez ao Rey, & ao Reyno tal seruiço,
Hũ Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero
A Citara parelles so cobiço:
Pois polos doze Pares daruos quero,
Os doze d'Inglaterra, & o seu Magriço.
Douuos tambẽ aquelle illustre Gama,
Que para sy de Eneas toma a fama.

13

Pois se a troco d̃ Carlos Rey d̃ Frãça,
Ou de Cesar, quereis igual memoria:
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle que a seu Reyno a segurança
Deixou, cõ a grande & prospera victo-
Outro Ioane, inuicto caualleiro, (ria.
O quarto, & quĩto Afõsos, & o terceiro.

14

Nẽ deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos Reynos la d'Aurora,
Se fizerão por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora.
Hũ Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quẽ sẽpre o Tejo chora
Albuquerque terribel, Castro forte,
E outros ẽ quẽ poder não teue a morte

E ẽ quãto eu estes cãto, e a vos nã posso
Sublime Rey, q̃ não me atreuo a tanto,
Tomay as redeas vos do Reyno vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, & feitos singulares,
De Africa as terras, & d'Oriẽte os ma-
(res.

16

Em vos os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vè seu exicio afigurado,
Sò com vos ver o barbaro Gentio,
Mostra o pescoço aojugo ja inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio,
Tem pera vos por dote aparelhado:
Que affeiçoada ao gesto bello, & tẽro,
Deseja de compraruos pera genro.

17

Em vos se vẽ da Olimpica morada,
Dos dous Auôs, as almas ca famosas,
Hũa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas sanguinosas:
Em vos esperaõ, ver se renouada
Sua memoria, & obras volerosas,
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

18

Mas em quãto este tẽpo passa lento
De regerdes os pouos, que o desejão:
Day vos fauor ao nouo atreuimento,
Pera q̃ estes meus versos vossos sejão:
E vereis ir cortando o salso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejão,
Que sam vistos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Occeano nauegauão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauão,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da brãca escuma,os mares se mostrauã
Cubertos,onde as proas vão cortãdo.
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas.

20

Quãdo os Deoses no Olimpo luminoso
Onde o gouerno està,da humana gẽte
Se ajuntão em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea,juntamente
Conuocados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

21

Deixão dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder,que sò co pensamento
Gouerna o ceo,a terra,& o mar yrado:
Ali se acharaõ juntos num momento,
Os que habitão o Arcturo congelado.
E os q̃ o Austro tem,& as partes onde
A Aurora nace,& o claro Sol se escõde

22

Estaua o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto,seuero,& soberano,
Do rosto respiraua hum ar diuino,
Que diuino tornàra hũ corpo humano:
Com hũa coroa,& ceptro rutilante,
D'outra pedra mais clara q̃ diamante.

Em luzentes assentos, marchetados
D'ouro, e de perlas, mais abaixo estauã
Os outros Deoses todos assentados,
Como a razão, & a ordẽ concertauaõ:
Precedem os antiguos mais hõrados,
Mais abaixo os menores se assentauão
Quando Iupiter alto assy dizendo,
Cum tõ de voz começa, graue & horrẽ-
(do.

24

Eternos moradores do luzente
Estelifero polo & claro assento,
Se do grande valor da forte gente,
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deueis de ter sabido claramente (to:
Como he dos fados grãdes certo intẽ-
Que por ella se esqueçâo os humanos,
D'Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

25

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido
Cum poder tão singelo & tão pequeno
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tam temido
Sempre alcançou fauor do ceo sereno.
Assi q̃ sempre em fim cõ fama & gloria
Teue os tropheos pẽdẽtes da victoria.

26

Deixo Deoses atras a fama antiga,
Que co a gẽte de Romulo alcançaraõ,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamarão.
Tãbẽ deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando aleuantarão
Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora vedes bem, que cometendo,
O duuidoso mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, não temendo
D'Africo & Noto a força a mais s'atre-
q auẽdo tãto ja q̃ as partes vẽdo, (ue:
Onde o dia he cõprido, & onde breue.
Inclinão seu proposito, & perfia
A ver os berços, onde nace o dia.

28

Prometido lhe està do fado eterno,
Cuja alta ley naõ pode ser quebrada,
Que tenhão longos tempos o gouerno
Do mar, que vè do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tẽ passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

29

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos climas & ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, de termino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos.
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornaràm a seguir sua longa rota:

30

Estas palauras Iupiter dezia,
Quãdo os Deoses por ordẽ respõdẽdo,
Na sentença hum do outro difiria,
Razoẽs diuersas dando & recebendo.
O padre Baco, ali nam consentia
No que Iupiter disse, conhecendo
Que esqueceràm seus feitos n'Oriente,
Se la passar a Lusitana gente.

31 Ouuido

Ouuido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortissima de Hespanha,
Pelo mar alto,a qual sojeitaria
Da India,tudo quanto Doris banha:
E com nouas victorias venceria,
A fama antiga,ou sua,ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

32

Vè que ja teue o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna,ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado,
Seu tam celebre nome,em negro vaso,
D'agoa do esquecimento,se la chegão
Os fortes Portuguezes,que nauegão,

33

Sustentaua contra elle Venus bella
Affeiçoada aa gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana,
Nos fortes coraçoẽs,na grãde estrella,
Que mostràraõ na terra Tingitana:
E na lingoa,na qual,quando imagina,
Cõ pouca corrupçaõ cre q̃ he a Latina.

34

Estas causas mouiaõ Cyterea,
E mais,porq̃ das Parcas claro entẽde
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que hũ pela infamia que arrecea,
E o outro polas honras que pretende,
Debatem,& na persia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem:

Qual Austro fero,ou Boreas na espessura
De silvestre aruoredo abastecida, (ra,
Rõpẽdo os ramos vão da mata escura,
Com impito & braueza desmedida.
Brama toda montanha,o sõ murmura,
Rõpẽse as folhas,ferue a serra erguida.
Tal andaua o tumulto leuantado,
Entre osDeoses no Olimpo cõsagrado.

36

Mas Marte que da Deosa sustẽtaua,
Entre todos as partes em porfia,
Ou porq̃ o amor antiguo o obrigaua,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deoses em pè se leuãtaua,
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera tràs medonho & irado.

37

A viseira do elmo de Diamante,
Aleuantando hũ pouco,muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter,armado,forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão,no solio puro:
O ceo tremeo,& Apolo de toruado,
Hũ pouco a luz perdeo,como infiado.

38

E disse asi,ò padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece,que criaste,
Se esta gẽte q̃ busca outro Emisphério,
Cuja valia,& obras tanto amaste:
Não queres que padeçaõ vituperio,
Como ha ja tanto tempo q̃ ordenaste
Não ouças mais,pois es juyz direito,
Razoẽs de quem parece q̃ he sospeito.

Que ſe aqui a razão ſe naõ moſtraſſe
Vencida do temor demaſiado,
Bem fora que aqui Baco os ſoſtentaſſe,
Pois que de Luſo vẽ, ſeu tam priuado:
Mas eſta tenção ſua, agora paſſe,
Porq̃ em fim vem de eſtamago danado.
Que nunca tirarà alhea enueja,
O bẽ q̃ outrem merece, & o ceo deſeja.

40

E tu padre de grande fortaleza,
Da determinação que tẽs tomada,
Nam tornes por detras pois he fraq̃za
Deſiſtir ſe da couſa começada.
Mercurio pois excede em ligeireza
Ao vento leue, & aa ſeta bẽ talhada,
Lhe va moſtrar a terra, õde ſe informe
Da India, & onde a gente ſe reforme.

41

Como iſto diſſe o Padre poderoſo,
A cabeça inclinando, conſentio
No que diſſe Mauorte valeroſo,
E Nectar ſobre todos eſparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioſo,
Logo cada hum dos Deoſes ſe partio.
Fazendo ſeus reaes acatamentos,
Pera os determinados apouſentos.

42

Em quanto iſto ſe paſſa, na fermoſa
Caſa Eterea do Olimpo omnipotente
Cortaua o mar a gente belicoſa:
Ia lá da bãda do Auſtro, & do Oriente,
Entre a coſta Ethiopica, & a famoſa
Ilha de Sam Lourenço, & o Sol ardente,
Queimaua entam os Deoſes, q̃ Tifeo
Cõ temor grande em pexes conuerteo.

Tam brandamẽte os vẽtos os leuanaõ,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Sereno o ar,& os tẽpos se mostrauão
Sem nuuẽs,sem receio de perigo.
O promontorio prasso ja passauão
Na costa de Ethiopia,nome antigo.
quãdo o mardescobrindo lhe mostraua
Nouas ilhas q̃ em torno cerca,& laua.

44

Vasco da Gama,o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo,& de altiuo coraçaõ,
A quem fortuna sempre fauorece
Pera se aqui deter,não ve razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinaua:
Mas nam lhe socedeo como cuydaua.

45

Eis aparecem logo em companhia,
Hũs pequenos bateis,que vẽ daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar cõ larga vella:
A gente se aluoroça,& de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente sera està,em sy deziaõ,
Que costumes,que ley,que Rey terião?

46

As embarcaçoẽs erão,na maneira
Muy veloces,estreitas,& compridas,
As vellas com que vem erão de esteira,
D'hũas folhas de Palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton,nas terras acendidas
Ao mũdo deu,de ousado,& nã prudẽte
O Pado o sabe,& Lampetusa o sente.

De panos de algodão vinhão vestidos
De varias cores, brancos, & listrados
Hũs trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados,
Das cintas pera cima vem despidos:
Por armas tem adagas, & tarçados.
Com toucas na cabeça, & nauegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

48

Cos panos, & cos braços acenauaõ,
Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras, se inclinauaõ,
Pera que junto às ilhas amainassem.
A gente, & marinheiros trabalhauaõ,
Como se aqui os trabalhos s'acabassẽ:
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.

49

Naõ eraõ ancorados, quãdo a gente
Estranha, polas cordas ja subia,
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitaõ sublime os recebia.
As mesas manda por em continente,
Do licor que Lieo prantado auia:
Enchem vasos de vidro, & do q̃ deitaõ,
Os de Phaetõ queimados nada engeitaõ

50

Comendo alegremente pergũtauaõ,
Pela Arabica lingoa, donde vinhaõ?
Quem eraõ? de q̃ terra? que buscauaõ,
Ou que partes do mar corrido tinhaõ?
Os fortes Lusitanos lhe tornauaõ,
As discretas repostas que conuinhaõ.
Os Portugueses somos do Occidẽte,
Himos buscando as terras do Oriente.

Do mar temos corrido,& nauegado
Toda a parte do Antartico,& Califto
Toda a cofta Africana rodeado,
Diuerfos Ceos,& terras temos vifto:
Dum Rey potente fomos, tam amado,
Tam querido de todos,& bem quifto:
Que naõ no largo Mar,cõ leda fronte:
Mas no lago entraremos de Acheróte.

52

E por mãdado feu,bufcãdo andamos
A terra Oriental,que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que fó dos feos Focas fe nauega:
Mas ja razaõ parece que faibamos,
Se entre vos a verdade naõ fe nega.
Quem fois,q̃ terra he efta quehabitais?
Ou fe tendes da India algũs finais?

53

Somos,hũ dos das ilhas lhe tornou,
Eftrangeiros na terra,ley,& naçaõ
Que os proprios,faõ aquelles q̃ criou
A natura fem ley,& fem razaõ:
Nos temos a ley certa que enfinou,
O claro defcendente de Abrahaõ:
Que agora tem do mundo o fenhorio,
A mãy Hebrea teue,& o pay Gentio.

54

Efta ilha pequena que habitamos,
He em toda efta terra certa efcala,
De todos os que as ondas nauegamos,
De Quiloa,de Mombaça,& de Sofala:
E por fer neceffaria, procuramos,
Como proprios da terra,de habitala.
E porque tudo emfim vos notifique,
Chamafe a pequena ilha Moçambique

E ja que de tam longe nauegais,
Buſcãdo o Indo Idaſpe,& terra ardẽte,
Piloto aqui tereis,por quem ſejais
Guiados pelas ondas ſabiamente.
Tambem ſerà bem feito que tenhais,
Da terra algum refreſco, & q̃ o Regẽte
Que eſta terra gouerna,que vos veja,
E do mais neceſſario vos proueja.

56

Iſto dizendo,o Mouro ſe tornou
A ſeus bateis com toda'a companhia,
Do Capitaõ,& gente ſe apartou,
Com moſtras de deuida corteſia:
Niſto Phebo nas agoas encerrou,
Co carro de Chriſtal,o claro dia:
Dando cargo à irmaã que alumiaſſe,
O largo mundo,em quanto repouſaſſe.

57

A noite ſe paſſou na laſſa frota,
Com eſtranha alegria, & naõ cuidada,
Por acharem da terra tam remota,
Noua de tanto tempo deſejada:
Qualquer entaõ conſigo,cuida, & nota
Na gente,& na maneira deſuſada:
E como os que na errada Ceita crèraõ
Tanto por todo o mundo ſe eſtẽderaõ.

58

Da Lũa os claros rayos rutilauaõ,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Eſtrellas os Ceos acompanhauaõ,
Qual campo reueſtido de boninas,
Os furioſos ventos repouſauaõ,
Polas couas eſcuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo coſtumaua.

Mas aſsi como a Aurora marchetada
Os fermoſos cabellos eſpalhou,
NoCeo ſereno,abrindo a roxa entrada
Ao claroHIperionio que acordou, (da
Começa a embãdeirarſe toda a arma-
E de toldos alegres ſe adornou:
Por receber com feſtas,& alegria,
O Regedor das ılhas que partia.

60

Partia alegremente nauegando,
A ver as naos ligeiras Luſitanas,
Com refreſco da terra,em ſi cuidando,
Que ſaõ aquellas gentes inhumanas:
Que os apoſentos Caſpios habitando,
A conquiſtar as terras Aſianas
Vieraõ:& por ordem do deſtino,
O Imperio tomaraõ a Coſtantino.

61

Recebe o Capitaõ alegremente,
O Mouro,& toda ſua companhia,
Dalhe de ricas peças hum preſente,
Que ſó pera eſte effeito ja trazia:
Dalhe conſerua doce,& dalhe o ardẽte
Não vſado licor que dà alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come,& bebe.

62

Eſtà a gente maritima de Luſo,.
Subida pela exarcia,de admirada,
Notando o eſtrangeiro modo,& vſo,
E a lingoagem tam barbara,& enleada.
Tambem o Mouro aſtuto eſta confuſo,
Olhãdo a cor,o trajo,&a forte armada
E perguntando tudo lhe dezia,
Se por ventura vinhaõ de Turquia.

E mais lhe diz tambem, q̃ ver deſeja
Os liuros de ſua ley, preceito, ou fé,
Pera ver ſe conforme à ſua ſeja,
Ou ſe ſaõ dos de Chriſto, como crè:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitaõ pedia, que lhe dè
Moſtra das fortes armas de q̃ vſauaõ,
Quando cos inimigos pelejauaõ.

64

Reſponde o valeroſo Capitaõ,
Por hum que a lingoa eſcura bẽ ſabia.
Darteey ſenhor illuſtre relaçaõ
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem ſou da terra, nem da geraçaõ,
Das gentes enojoſas de Turquia:
Mas ſou da forte Europa bellicoſa,
Buſco as terras da India tam famoſa?

65

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o viſiuel, & inuiſiuel,
Aquelle que criou todo o Emiſpherio,
Tudo o que ſente, & todo o inſenſiuel
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Soffrendo morte injuſta, & inſufriuel:
E que do Ceo à terra emfim deceo,
Por ſubir os mortais da terra ao Ceo.

66

Deſte Deos homem, alto, & infinito,
Os liuros que tu pedes, naõ trazia,
Que bem poſſo eſcuſar trazer eſcrito
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como tẽs dito,
Comprido eſſe deſejo te ſeria: (go
Como amigo as veràs, porq̃ eu me obri
Que nũca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo,manda os diligentes
Ministros,amostrar as armaduras,
Vem arneses,& peitos reluzentes,
Malhas finas,& laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pilouros,espingardas de aço puras,
Arcos,& sagittiferas aljauas,
Partasanas agudas,chuças brauas.

68

As bombas vem de fogo,& jũtamẽte
As panellas sulfureas,tam danosas,
Porem aos de Vulcano naõ consente
Que dem fogo às bõbardas temerosas:
Porque o generoso animo,& valente,
Entre gentes taõ poucas , & medrosas,
Naõ mostra quanto pòde, & cõ razaõ,
Que he fraqueza entre ouelhas ser liaõ

69

Porẽ disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o q̃ vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mà de pensamento.
Nas mostras,&no gesto o naõ mostrou
Mas com risonho,& ledo fingimento,
Tratalos brandamente determina,
Atè que mostrar possa o que imagina.

70

Pilotos lhe pedia o Capitaõ,
Por quem podesse à India ser leuado,
Dizlhe,que o largo premio leuaràm,
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometelhes o Mouro,com tençaõ
De peito venenoso,& taõ danado:
Que a morte se podesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

71 Tamanho

Tamanho o odio foy, & a mà võtade,
Que aos eſtrangeiros ſupito tomou,
Sabendo ſer ſequaces da verdade,
Que o filho de Dauid nos enſinou,
O ſegredos daquella eternidade
A quem juizo algum naõ alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foſte tanto amigo?

72

Partioſe niſto emfim co a cõpanhia
Das naos o falſo Mouro deſpedido,
Com enganoſa,& grande corteſia,
Com geſto ledo a todos,& fingido:
Cortàraõ os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno,& recebido
Na terra do obſequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito apoſento.

73

Do claro aſsẽto Etereo,o graõ Tebano
Que da paternal coxa foy naſcido
Olhando o ajuntamento Luſitano,
Ao Mouro ſer moleſto,& auorrecido:
No penſamento cuyda hũ falſo engano
Com que ſeja de todo deſtruydo.
E em quãto iſto ſó na alma imaginaua,
Conſigo eſtas palauras praticaua.

74

Eſtà do fado ja determinado,
Que tamanhas victorias tam famoſas,
Ajaõ os Portugueſes alcançado,
Das Indianas gentes belicoſas.
E eu ſó filho do Padre ſublimado,
Com tantas qualidades generoſas:
Ey de ſofrer que o Fado fauoreça
Outrẽ, por quẽ meu nome ſe eſcureça?

Ia quiseraõ os Deoses que tiuesse,
O filho de Filipo nesta parte,
Tanto poder, que tudo sometesse
Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
Mas hasse de sofrer que o Fado desse,
A tam poucos tamanho esforço, & arte
q̃ eu co graõ Macedonio, & coRomano
Demos lugar ao nome Lusitano?

76

Naõ serà assi, porq̃ antes q̃ chegado
Seja este Capitaõ, astutamente
Lhe serà tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey à terra, & o indignado
Peito, reuoluerey na Maura gente,
Porque sempre por via irà direita
Quem do oportuno tẽpo se aproueita.

77

Isto dizendo irado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo, (no
Onde vestindo a forma, & gesto huma-
Pera ò Prasso sabido se moueo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambiq̃ conhecido
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

78

E entrãdo assi a falarlhe, a tẽpo, & ho
A sua falsidade acomodadas, (ras
Lhe diz como eraõ gentes roubadoras
Estas que ora de nouo saõ chegadas:
Que das naçoẽs na costa moradoras,
Correndo a fama veyo, que roubadas,
Foraõ por estes homẽs que passauaõ,
Que cõ pactos de paz sẽpre ancorauaõ

79 E sabe

E ſabe mais, lhe diz, como entẽdido
Tenho deſtes Chriſtaõs ſanguinolẽtos,
Que quaſi todo o mar tem deſtruido,
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano vrdido,
Contra nos, & que todos ſeus intentos
Saõ pera nos matarem, & roubarem,
E molheres, & filhos captiuarem.

80

E tambem ſey que tem determinado,
De vir por agoa a terra muito cedo,
O Capitaõ dos ſeus acompanhado,
Que da tençaõ danada naſce o medo:
Tu deues de ir tambẽ cos teus armado
Eſperallo em cilada, occulto, & quedo:
Porque ſaindo a gente deſcuidada,
Cairàm facilmente na cilada.

81

E ſe inda naõ ficarem deſte feito,
Deſtruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito,
Outra manha, & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja aſtuto no engano, & tam prudẽte,
Que os leue aonde ſejaõ deſtruydos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

82

Tanto que eſtas palauras acabou,
O Mouro nos tais caſos, ſabio, & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conſelho.
E logo neſſe inſtante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues ſe lhe tornaſſe,
Em roxo ſangue a agoa que buſcaſſe.

E buſca mais pera o cuidado engano,
Mouro q̃ por Piloto à nao lhe mande,
Sagaz, aſtuto, & ſabio em todo o dano
De quem fiar ſe poſſa hum feito grãde,
Dizlhe que acompanhando o Luſitano
Por tais coſtas, & mares co elle ande:
Que ſe daqui eſcapar, que la diante
Va cair onde nunca ſe aleuante.

84

Ia o rayo Apolineo viſitaua,
Os montes Nabatheos acendido,
Quando Gama cos ſeus determinaua,
De vir por agoa a terra apercebido:
A gente nos bateis ſe concertaua,
Como ſe foſſe o engano ja ſabido:
Mas pode ſoſpeitarſe facilmente,
Que o coraçaõ preſago nunca mente.

85

E mais tãbem mandado tinha a terra
De antes pelo Piloto neceſſario:
E foilhe reſpondido em ſom de guerra
Caſo do que cuidaua muy contrario:
Por iſto, & porque ſabe quanto erra,
Quem ſe cre de ſeu perfido aduerſario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis ſomente que trazia.

86

Mas os Mouros q̃ andauaõ pela praya,
Por lhe defender a agoa deſejada,
Hũ de eſcudo embraçado, & de azagaya
Outro de arco encuruado, & ſeta erua-
Eſperaõ q̃ a guerreira gente ſaya, (da:
Outros muitos ja poſtos em cillada.
E porque o caſo leue ſe lhe faça,
Poem hũs poucos diante por negaça.

Andaõ pela ribeira alua arenosa,
Os belicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & co a hastea perigosa,
Os fortes Portuguefes incitando:
Naõ sofre muito a gente generosa,
Andarlhe os caẽs os dentes amostrãdo
Qualquer em terra salta tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode q̃ he primeiro

88

Qual no corro sãguino,o ledo amãte
Vendo a fermosa dama desejada,
O Touro busca,& pondose diante,
Salta,corre,sibila,acena,& brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramãdo duro corre,& os olhos cerra
Derriba,fere,& mata,& poẽ por terra.

89

Eis nos bateis o fogo se leuanta,
Na furiosa,& dura artilheria,
A plumbea pela mata,o brado espanta:
Ferido o ar retumba,& assouia:
O coraçam dos mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
Ia foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto auenturoso.

90

Não se contẽta a gente Portuguesa:
Mas seguindo a victoria estrue,& mata
A pouoação sem muro,& sem defesa,
Esbombardea,acende,& desbarata.
Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
Que bem cuidou cõprala mais barata:
Ia blasfema da guerra,& maldizia,
O velho inerte, & a mãy q̃ o filho cria.

91 Fugindo,

Fugindo, a seta o Mouro vay tirãdo,
Sem força, de couarde, & de apressado,
A pedra, o pao, & o cãto arremessando,
Dalhe armas o furor desatinado:
Ia a Ilha, & todo o mais, desemparãdo,
Aa terra firme foge amedrontado.
Passa, & corta do mar o estreito braço
q̃ a ilha em torno cerca, em pouco espa
(ço.

92

Hũs vaõ nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encuruadas,
Quem bebe o mar, & o deita juntamẽte
Arrombão as meudas bombardadas
Os Pangayos sotîs da bruta gente.
Desta arte o Portugues emfim castiga,
A vil malicia, perfida, inimiga.

93

Tornão victoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa
Ficaua a Maura gente magoada,
No ôdio antigo, mais que nunca acesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

94

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe mãda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a mà tẽção no peito encerra,
Pera os guiar à morte lhe mandaua,
Como em final das pazes q̃ trataua.

O Capitaõ, q̃ ja lhe entaõ cõuinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado,& vẽtos tinha,
Pera ir buscar o Indo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agasalhado:
E respondendo ao mensageiro, a tento
As vellas manda dar ao largo vento.

96

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite diuidia,
Das filhas de Nerêo acompanhada,
Fiel,alegre,& doce companhia.
O Capitaõ,que naõ cahia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro vrdia
Delle muy largamente se informaua,
Da India toda,& costas que passaua.

97

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malèuolo Baco lhe ensinara
De morte,ou captiueiro nouos danos,
Antes que à India chegue lhe prepara,
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara,
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98

E dizlhe mais co falso pensamento,
Com que Synon os Phrigios enganou,
Que perto està hũa ilha,cujo assento,
Pouo antigo Christaõ sempre habitou:
O Capitão que a tudo estaua atento,
Tanto co estas nouas se alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
q̃ o leue à terra onde esta gẽte estaua.

O mesmo o falso Mouro determina,
q̃ o seguro Christão lhe mãda,& ĩpede,
Que a ilha he possuida da malina
Gente,que segue o torpe Mahamede.
Aqui o engano,& morte lhe imagina,
Porq̃ em poder,& forças muito excede
A Moçambique,esta ilha que se chama
Quiloa muy conhecida pola fama.

100

Pera là se inclinaua a leda frota:
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixaua a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrarios a desuia,
Donde o Piloto falso a leua,& guia.

101

Mas o maluado Mouro não podẽdo,
Tal determinação leuar auante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz,que pois as agoas discorrendo
Os leuàrão por força por diante,
Que outra ilha tem perto,cuja gente,
Erão Christãos cõ Mouros juntamẽte.

102

Tambem nestas palauras lhe mẽtia,
Como por regimento emfim leuaua,
Que aqui gente de Christo não auia.
Mas a que a Mahamede celebraua.
O Capitão que em tudo o Mouro crià,
Virando as vellas,a ilha demandaua:
Mas não querẽdo a Deosa guardadora
Não entra pella barra,& surge fora.

Estaua a ilha à terra tam chegada,
Que hum estreito pequeno a diuidia,
Hũa cidade nella situada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe descobria,
Regida por hum Rey de ãtiga idade,
Móbaça he o nome da ilha, & da Cidade.

104

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o pouo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rey, que ja sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o auisara,
Na forma doutro Mouro que tomàra.

105

O recado que trazem he de amigos:
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos eraõ de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
ô grandes, & grauissimos perigos,
ô caminho de vida nunca certo:
Que aonde à gente poem sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.

106

No mar tāta tormenta, & tāto dano
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade auorrecida:
Onde pode acolherse hũ fraco humano
Onde terà segura a curta vida? (no,
q̃ nāo se arme, & se indigne o Ceo serē-
Cõtra hũ bicho da terra tão pequeno.

Fim. B 2 CAN-

CANTO II.

1

A neste tẽpo o lucido Planeta,
Que as horas vay do dia distinguindo,
Chegaua à desejada, & lenta Meta,
A luz celeste às gentes encobrindo:
E da casa maritima secreta, (brindo:
Lhe estaua o Deos nocturno a porta a-
Quando as infidas gentes se chegàraõ
Aas naos, que pouco auia q̃ ancoràraõ.

2

D'antre elles hũ q̃ traz encomẽdado,
O mortifero engano, assi dezia.
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reyno, & salsa via,
O Rey que mãda esta ilha, aluoroçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalharte,
Verte, & do necessario reformarte.

3

E porque està em estremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso
Entres a barra tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Traràs a gente debil, & cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, & prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante:
Daqui leuaràs tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

5

Ao mensageiro o Capitão responde
As palauras do Rey agradecendo,
E diz, que porq̃ o Sol no mar se escõde
Não entra pera dentro obedecendo,
Porem q̃ como a luz mostrar por onde
Va sem perigo, a frota não temendo,
Comprirà sem receyo seu mandado,
q̃ a mais por tal senhor està obrigado.

6

Pergũtalhe despois, se estaõ na terra
Christãos, como o Piloto lhe dezia,
O mensageiro astuto que naõ erra,
Lhe diz, q̃ a mais da gẽte emCristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a sospeita, & cauta fantasia:
Por onde o Capitão seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

7

E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser auenturados,
Em casos desta sorte duuidosos:
Manda dous mais sagazes, ensayados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & porque vejaõ,
Os Christaõs, que só, tanto ver desejaõ.

E por estes ao Rey presentes manda
Porque a boa vontade que mostraua,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bẽ ao cotrario em tudo estaua.
Ia a companhia perfida, & nefanda
Das naos se despedia, & o mar cortaua
Forao com gestos ledos, & fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

9

E despois que ao Rey apresentaraõ,
Co recado os presentes que traziaõ,
A Cidade correraõ, & notaraõ
Muito menos daquillo que queriaõ,
q̃ os Mouros cautelosos se guardaraõ
De lhe mostrarem tudo o que pediaõ.
q̃ onde reyna a malicia, esta o receyo
Que a faz imaginar no peito alheyo.

10

Mas aquelle q̃ sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, & foy nascido
De duas mãys: que vrdia a falsidade,
Por ver o nauegante destruydo.
Estaua em hũa casa da Cidade,
Com rosto humano, & habito fingido
Mostrandose Christaõ, & fabricaua,
Hum altar sumptuoso que adoraua.

11

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto, & Sancto spirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a vnica Phenix virgem pura,
A companhia sancta està pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que so das lingoas q̃ cairaõ,
De fogo, varias lingoas referiraõ.

Aqui os dous cõpanheiros cõduzidos
Onde com este engano Baco estaua,
Poem em terra os giolhos,& os sẽtidos
Naquelle Deos, q̃ o mundo gouernaua
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaya odorifera queimaua
O Thioneu,& assi por derradeiro
O falso Deos adora o verdadeiro.

13

Aqui foraõ de noite agasalhados,
Com todo o bõ,& honesto tratamento
Os dous Christãos,não vẽdo q̃ enganados
Os tinha o falso,& sãto fingimẽto:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol foraõ no mũdo,& num momẽto
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

14

Tornão da terra os Mouros co recado
Do Rey,pera q̃ entrassem,& consigo
Os dous que o Capitão tinha mãdado,
A quẽ se o Rey mostrou sincèro amigo:
E sendo o Portugues certificado
De não auer recevo de perigo,
E que gente de Christo em terra auia,
Dentro no salso rio entrar queria.

15

Dizẽlhe os q̃ mãdou,q̃ em terra virão
Sacras aras,& sacerdote sancto,
Que ali se agasalhàrão,& dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto
E que no Rey,& gentes não sentirão
Senão contentamento,& gosto tanto,
Que não podia certo auer sospeita
N'hũa mostra tão clara,& tão perfeita.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiaõ,
Que leuemente hum animo se fia
De mostras que tam certas pareciaõ:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixãdo a bordo os barcos q̃ traziaõ:
Alegres vinhão todos, porque crem
Que à presa desejada certa tem.

17

Na terra cautamente aparelhauaõ,
Armas, & moniçoẽs, & que se vissem
Que no rio os nauios ancorauaõ,
Nelles ousadamente se subissem:
E com esta treição determinauão,
Que os de Luso do porto naõ saissem:
E que incautos pagassem deste geito
O mal q̃ em Moçambique tinhão feito

18

As ancoras tenaces vão leuando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sós ao vento dando,
Inclinão pera a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andaua sempre a gente assinalada:
Vendo a cilada grande, & tam secreta,
Voa do Ceo ao mar como hũa seta.

19

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
Com toda a mais cerulea companhia.
Que porque no salgado mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondolhe a causa a que deceo,
Com todas juntamente se partia:
Pera estoruar q̃ a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

Iá nas agoa erguẽdo vaõ cõ grãdepressa
Cõ as argenteas caudas brãca escuma,
Cloto co peito corta, & atrauessa
Com mais furor o mar do q̃ costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa, (mas
Por cima da agoa crespa, em força su-
Abrem caminho as ondas encuruadas,
De temor das Nereidas apressadas.

21

Nos hõbros d'hũ Tritão cõ gesto acceso
Vay a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tão fermosa:
Ia chegão perto donde o vento teso,
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartense, & rodeão nesse instante
As naos ligeiras que hião por diante.

22

Poense a Deosa cõ outras em dereito
Da proa capitaina, & ali fechando
O caminho da barra estão de geito,
q̃ emvão assopra ovẽto, avella inchãdo
Poem no madeiro duro o brãdo peito,
Pera detras a forte nao forçando.
Outras em derredor leuãdoa estauaõ,
E da barra inimiga a desuiauaõ.

23 (gas,

Quaes pera a coua as prouidas formi-
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitão, de inimigas,
Do inimigo Inuerno congelado:
Ali saõ seus trabalhos, & fadigas,
Ali mostrão vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nimphas estoruando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna pera detras a Nao forçada,
A pesar dos que leua, que gritando,
Mareão vellas, ferue a gente irada, (do
O lem: a hũ bordo, & a outro atrauessã
O Mestre astuto em vão da popa brada
Vendo como diante ameaçando
Os estaua hum maritimo penedo,
Q̃ de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

25

A celeuma medonha se aleuanta,
No rudo marinheiro que trabalha,
O grande estrõdo, a Maura gẽte espãta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quẽ lhe valha,
Cuidão que seus enganos saõ sabidos,
E que ande ser por isso aqui punidos.

26

Ellos subitamente se lançauão
A seus bateis veloces que trazião,
Outros encima o mar aleuantauão,
Saltando n'agoa a nado se acolhião:
De hũ bordo, & doutro subito saltauão
Que o medo os compelia do que vião,
Que antes querem ao mar auẽturarse,
Que nas mãos inimigas entregarse.

27

Assi como em seluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa
Estando fora da agoa incautamente,
Daqui, & dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendose ao couto q̃ conhecem
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Afsi fogem os Mouros,& o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiàra,
Crendo que feu engano eftaua noto,
Tambem foge faltando na agoa amara:
Mas por não darẽ no penedo immoto,
Onde percão a vida doce,& cara:
A ancora folta logo a capitaina,
Qualquer das outras jũto della amaina

29

Tẽdo o Gama,atentado a eftranheza
Dos Mouros não cuidada, & jũtamẽte,
O Piloto fugirlhe com pre teza,
Entende o que ordenaua a bruta gẽte,
E vendo fem contrafte, & fem braueza
Dos ventos,ou das agoas fem corrente
Que a nao paffar auante não podia,
Auendoo por milagre afsi dezia.

30

ô cafo grãde, eftranho,& não cuidado,
ô milagre clarifsimo, & euidente,
ô defcuberto engano inopinado,
ô perfida inimiga, & falfa gente,
Quem poderà do mal aparelhado
Liurarfe fem perigo fabiamente;
Se la de cima a guarda foberana
Não acudir à fraca força humana?

31

Bem nos moftra a diuina prouidẽcia
Deftes portos a pouca fegurança,
Bem claro temos vifto na aparencia,
Que era enganada a noffa confiança:
Mas pois faber humano,nẽ prudencia,
Enganos tam fingidos não alcança:
O tu guarda diuina tem cuidado
De quem fem ti não pòde fer guardado

E se te moue tanto a piedade,
Desta misera gente peregrina,
Que sò por tua altisima bondade,
Da gente a saluas,perfida & maligna,
Nalgum porto seguro de verdade:
Conduzirnos ja agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois sò por teu seruiço nauegamos.

33

Ouuiolhe estas palauras piadosas,
A fermosa Dione,& commouida,
Dantre as Nimphas se vay, q̃ saudosas
Ficarão desta subita partida:
Ia penetra as estrellas luminosas,
Ia na terceira esphera recebida
Auante passa,& la no sexto ceo
Pera onde estaua o Padre se moueo.

34

E como hia afrontada do caminho
Tam fermosa no gesto se mostraua,
q̃ as estrellas,& o ceo,& o ar vizinho,
E tudo quanto a via namoraua
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Hũs espiritos viuos inspiraua,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornaua do Fogo a esphera fria.

35

E por mais namorar o soberano
Padre,de quẽ foy sẽpre amada,& cara
Se lha presenta asi como ao Troyano,
Na selua Idea ja se apresentàra:
Se a vira o caçador,q̃ o vulto humano
Perdeo,vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matàraõ.
Que primeiro desejos o acabàraõ.

36 Os

Os crespos fios deuro se esparzião
Pelo colo, que a neue escurecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremiaõ,
Com quẽ Amor brincaua, & não se via.
Da alua pettina flamas lhe sahiaõ,
Onde o minino as almas acendia.
Polas lisas colũnas lhe trepauão,
Desejos, que como Hera se enrolauaõ.

37

Cum delgado cẽdal as partes cobre,
De quẽ vergonha he natural reparo,
Porem nẽ tudo esconde, nem descobre
O veo dos roxos lirios pouco auaro:
Mas pera que o desejo acẽda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Ia se sentem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

38

E mostrando no angelico sembrãte,
Co riso hũa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amãte,
Em brincos amorosos maltratada, (te,
q̃ se aqueixa, & se ri, num mesmo instã-
E se torna entre alegre magoada.
Dest'arte a Deosa, a quẽ nenhũa iguala
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

39

Sẽpre eu cuidey, ô Padre poderoso,
q̃ pera as cousas, q̃ eu do peito amasse
Te achasse brando, affauel, & amoroso,
Posto que a algũ cõtrario lhe pesasse:
Mas pois que contra mi te vejo yroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse.
Faça se como Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mosina.

Este pouo q̃ he meu,por quẽ derramo
As lagrimas que em vão caydas vejo,
q̃ assaz de mal lhe quero,pois q̃ o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo
Por elle a ti rogando choro,& bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he maltratado,
Quero lhe querer mal,serà guardado.

41

Mas moura ẽ fim nasmãos dasbrutasgẽ
q̃ pois eu fuy:& nisto de mimosa (tes,
O rosto banha,em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a fresca rosa:
calada hũ pouco,como s'entre osdẽtes
Se lhe impedîra a fala piadosa.
Torna a seguila,& indo por diante,
Lhe atalha o poderoso,& graõ Tonãte,

42

E destas brandas mostras comouido,
que moueraõ de hũTigre o peito duro,
Co vulto alegre,qual do Ceo subido,
Torna sereno & claro o ar escuro
As lagrimas lhe alimpa,& acendido
Na face a beija,& abraça o colo puro.
De modo que dali,se sò se achàra,
Outro nouo Cupido se geràra.

43

E co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços,& lagrimas augmenta,
Como minino da ama castigado,
q̃ quẽ no affaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe pòr em sossego o peito yrado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Desta maneira em fim lhe està dizẽdo.

Fermosa filha minha não temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos.
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha que vejais
Esquecerense Gregos & Romanos.
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

45

Que se o facundo Vlisses escapou,
De ser na Ogigia Ilha, eterno escrauo:
E se Antenor os seyos penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timauo.
E se o piadoso Eneas nauegou
De Scila, & de Caribdis o mar brauo.
Os vossos mòres cousas intentando,
Nouos mũdos ao mũdo yraõ mostrãdo

46

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os Turcos belacissimos & duros
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reys da India liures, & seguros,
Vereis ao Rey potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Seraõ dadas na terra leys melhores.

47

Vereis este, que agora presuroso
Por tantos medos o Indo vai buscãdo,
Tremer delle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
ô caso nunca visto, & milagroso
q̃ trema, & ferua o mar ẽ calma estãdo!
ô gente forte, & de altos pensamẽtos,
Que tãbẽ della haõ medo os Elemẽtos.

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
q̃ inda ha de ser hũ porto muy decẽte,
Em que vão descansar da longa via
As naos que nauegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim,q̃ agora vrdia,
O mortifero engano,obediente,
Lhe pagarà tributos,conhecendo
Naõ poder resistir ao Luso horrendo.

49

E vereis o mar roxo tam famoso
Tornarselhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reyno poderoso,
Duas vezes tomado,& sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado.
Que quẽ vai cõtra os vossos,claro veja,
Que se resiste,contra sy peleja.

50

Vereis a inexpugnauel Diu forte,
Que dous cercos terà,dos vossos sẽdo:
Ali se mostrarà seu preço,& sorte,
Feitos de armas grandissimos fazẽdo.
Enuejoso vereis o graõ Mauorte,
Do peito Lusitano,fero & horrendo.
Do Mouro ali veraõ q̃ a voz extrema,
Do falso Mafamede ao Ceo blasfema.

51

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virà despois a ser senhora
De todo o Oriente,& sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali soberba altiua,& exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora.
Duro freo porà,& a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis á fortaleza sustentarse
De Cananor, com pouca força & gẽte:
E vereis Calecut desbaratarse,
Cidade populosa, & tam potente.
E vereis em Cochim assinalarse,
Tanto hũ peito soberbo, & insolente,
Que Cîtara ja mais cantou victoria,
q̃ assi mereça eterno nome, & gloria.

53

Nunca cõ Marte, instructo & furioso,
Se vio feruer Leucate, quando Augusto
Nas ciuîs Actias guerras animoso,
O Capitaõ venceo Romano injusto,
que dos pouos da Aurora, & do famoso
Nilo, & do Bactro Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egipcia linda & não pudica.

54

Como vereis o mar feruendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Leuãdo o Idololatra, & o Mouro preso
De naçoes differentes triumphando.
E sogeita a rica Aurea Chersoneso,
Ate o longico China nauegando.
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlheha todo o Occeano obediente.

55

De modo filha minha, que de geito
Amostrarãm esforço mais q̃ humano,
Que nunca se verà tam forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
Que mostrou o agrauado Lusitano:
Posto q̃ em todo o mũdo, de afrõtados
Resuscitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o cõsagrado
Filho de Maia à terra, porque tenha,
Hum pacifico porto, & sossegado,
Pera onde sem receyo a frota venha:
E pera que em Mombaça, auenturado
O forte Capitaõ se naõ detenha, (se
Lhe mãda mais, q̃ ẽ sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

57

Ia pelo ar o Cylenêo voaua,
Com as azas nos pês à terra dece,
Sua vara fatal na maõ leuaua,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas reuocaua
Do inferno, & o vento lhe obedece.
Na cabeça o galêro costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

58

Consigo a Fama leua, porque diga,
Do Lusitano, o preço grande, & raro,
q̃ o nome illustre a hũ certo amor obri
E faz a quẽ o tem, amado & caro. (ga,
Desta arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famosissimo, & preclaro.
Ia Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, & modo.

59

Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naos estauaõ temerosas,
Pera que à gente mande que se aparte
Da barra imiga, & terras sospeitosas:
Porque muy pouco val esforço, & arte
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coraçaõ, astucia, & siso,
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Estrellas no Ceo co a luz alheya,
Tinhaõ o largo mundo alumiado,
E sò co sono a gente se recreya.
O Capitaõ illustre, ja cansado
De vigiar a noite, que arreceya,
Breue repouso entam aos olhos daua,
A outra gente a quartos vigiaua.

61

Quãdo Mercurio ẽ sonhos lhe aparece
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
Da cilada que o Rey maluado tece,
Por te trazer ao fim, & extremo dano,
Fuge, que o vento, & o ceo te fauorece,
Sereno o tempo tes, & o Occeano,
E outro Rey mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalharte.

62

Não tens aqui se naõ aparelhado,
O hospicio que o cru Diomedes daua,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cauallos a gente que hospedaua:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes imolaua.
Teras certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas & feras.

63

Vaite ao longo da costa discorrẽdo,
E outra terra acharas de mais verdade
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hũ Rey, cõ muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitaõ, que cõ muy grãde espanto
Acorda, & vè ferida a escura treua,
De hũa subita luz, & rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Naõ se deter na terra iniqua tanto.
Cõ nouo spirito ao mestre seu mãdaua
que as vellas desse ao vẽto q̃ assopraua.

65

Day vellas, disse, day ao largo vẽto,
q̃ o ceo nos fauorece, & Deos o mãda,
Que hũ mensageiro vi do claro aisẽto
Que sò em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento, (da,
Dos marinheiros, de hũa & d'outra bã-
Leuão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda forç a, que se estima.

66

Neste tẽpo, que as ancoras leuauão,
Na sõbra escura os Mouros escõdidos
Mansamente as amarras lhe cortauaõ,
Por serem, dando à costa, destruydos:
Mas com vista de Linces vigiauaõ,
Os Portugueses sempre apercebidos.
Elles como acordados os sentiraõ,
Voando, & não remando lhe fogiraõ.

67

Mas ja as agudas proas apartando,
Hiaõ as vias humidas de argento,
Assopralhe galerno o vento brando,
Com suaue & seguro mouimento,
Nos perigos passados vaõ falando,
Que mal se perderàm do pensamento,
Os casos grãdes, donde em tãto aperto
A vida em saluo escapa por acerto.

68 Tinha

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
E noutra começaua, quando viraõ
Ao longe dous nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que respiraõ,
Porque auiaõ de ser da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas viraõ.
Hum de temor do mal que arreceaua,
Por se saluar a gente à costa daua.

69

Não he ó outro que fica taõ manhoso?
Mas nas maõs vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil & medroso
Da pouca gẽte o fraco peito humano.
Não teue resistencia, & se a tiuêra,
Mais dano resistindo recebêra.

70

E como o Gama muito desejasse,
Piloto pera a India que buscaua,
Cuidou q̃ entre estes Mouros o tomasse
Mas naõ lhe socedeo como cuidaua,
Que nenhum delles ha q̃ lhe insinasse
A que parte dos ceos a India estaua.
Porem dizenlhe todos, que tem perto
Melinde onde achàrãm Piloto certo.

71

Louuaõ do Rey os Mouros a bõdade,
Condiçam liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitaõ o assella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito,
O Cylenêo em sonhos, & partia
Pera õde o sonho, & o Mouro lhe dizia

Era no tempo alegre quãdo entraua
No roubador de Europa a luz Febea
Quãdo hũ,& o outro corno lhe aquẽta
E Flora derramaua o d'Amalthea: tua:
A memoria do dia renouaua
O presuroso Sol,que o ceo rodea
Em q̃ aquelle a quẽ tudo està sogeito,
O sello pos a quanto tinha feito.

73

Quando chegaua a frota àquella parte
Onde o Reyno Melinde ja se via,
De toldos adornada,& leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira,voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe aparecia.
Soaõ os atambores,& pandeiros,
E assi entrauaõ ledos,& guerreiros.

74

Enchese toda a praya Melindana
Da gente q̃ vem ver a leda armada,
Gẽte mais verdadeira, & mais humana
Q̃ toda a d'outra terra atras deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a ancora pesada,
Mãdão fora hũ dos Mouros q̃ tomarão
Porque sua vinda aoRey manifestaraõ.

75

O Rey que ja sabia da nobreza
Que tãto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo,& pureza
Que os peitos genorosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que saissem,
Pera que de seus Reynos se seruissem.

76 Saõ

Saõ offerecimentos verdadeiros,
I. palauras sinceras,naõ dobradas
As q̃ oRey mãda aos nobres caualeiros
Que tanto mar,& terras tem passadas
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Cõ as frutas que entaõ na terra auia,
E a vontade à dadiua excedia.

77

Recebe o Capitaõ alegremente
O mensageiro ledo,& seu recado,
E logo manda ao Rey outro presente
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea,cor ardente,
O ramoso coral,fino,& prezado,
Que debaixo das agoas mole crece,
E como he fora dellas endurece.

78

Manda mais hũ na pratica elegante
Que co Rey nobre as pazes cõcertasse,
E que de naõ sair n'aquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse:
Partido assi o Embaixador prestante,
Como na terra ao Rey se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinaua,
Estas palauras tais fallando oraua.

79

Sublime Rey,a quẽ do Olimpo puro
Foy da suma justiça concedido
Refrear o soberbo pouo duro,
Naõ menos delle amado,que temido,
Como porto muy forte,& muy seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar,pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

80 Naõ

Naõ ſomos roubadores que paſſando
Pelas fracas Cidades deſcuidadas,
A ferro,& a fogo às gẽtes vão matãdo,
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
Mas da ſoberba Europa nauegando
Himos buſcando as terras apartadas
Da India grande,& rica, por mandado
De hũ Rey q̃ temos alto,& ſublimado.

81

Que geraçaõ tam dura hahi de gẽte,
Que barbaro coſtume,& vſança fea,
Que naõ vedem os portos taõ sòmẽte:
Mas ainda o hoſpicio da deſerta area?
Que mà tençaõ?q̃ peito em nòs ſe sẽte?
Que de tam pouca gente ſe arreceya,
Que com laços armados tam fingidos
Nos ordenaſſem vernos deſtruydos?

82

Mas tu,em quẽ muy certo cõfiamos
Acharſe mais verdade, ò Rey benigno,
E aquella certa ajuda em ti eſperamos
Que teue o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto ſeguros nauegamos,
Conduzidos do interprete diuino,
q̃ pois a ti nos manda, eſtà muy claro,
q̃ es de peito ſincero, humano,& raro.

83

E naõ cuides ò Rey, que naõ ſaiſſe
O noſſo Capitaõ eſclarecido
A verte,ou a ſeruirte,porque viſſe,
Ou ſoſpeitaſſe em ti peito fingido:
Mas ſaberàs que o fez porque cõpriſſe
O regimento em tudo obedecido
De ſeu Rey,q̃ lhe mãda q̃ naõ ſaya, (ya
deixãdo a frota,ẽ nenhũ porto,ou pra-

E porq̃ he de vassalos o exercicio,
Que os mẽbros tem regidos da cabeça,
Não quereràs, pois tẽs de Rey o officio
Que ninguem a seu Rey desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio
Que ora acha em ti, promete q̃ conheça
Em tudo aquillo q̃ elle, & os seus poderẽ
Em quãto os rios pera o mar correrem

85

Assi dizia, & todos juntamente
Hũs com outros em pratica fallando
Louuauão muito o estamago da gente,
Que tãtos Ceos, & mares vai passando,
E o Rey illustre, o peito obediente
Dos Portugueses, na alma imaginando.
Tinha por valor grande, & muy subido
O do Rey que he tam longe obedecido.

86

E com risonha vista, & ledo aspeito,
Respõde ao Embaixador, q̃ tãto estima
Toda a sospeita mà tiray do peito,
Nenhũ frio temor em vos se imprima:
Que vosso preço, & obràs saõ de geito,
Pera vos ter o mũdo em muita estima.
E quem vòs fez molesto tratamento,
Não pòde ter sobido pensamento.

87

De não sair em terra toda a gente
Por obseruar a vsada preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirey que a excelencia
De peitos tão leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.

Porèm como a luz craſtina chegada
Ao mundo for,em minhas almadias
Eu irey viſitar a forte armada
Que ver tanto deſejo ha tantos dias:
E ſe vier do mardesbaratada,
Do furioſo vẽto,& longas vias:
Aqui terà de limpos penſamẽtos,
Piloto,muniçoẽs,& mãtimẽtos.

89

Iſto diſſe,& nas agoas ſe eſcondia
O filho de Latona,& o menſageiro
Coa embaixada alegre ſe partia
Pera a frota,no ſeu batel ligeiro:
Enchenſe os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Pera acharem a terra que buſcauaõ,
E aſsi ledos a noite feſtejauaõ

90

Não faltão ali os rayos de artefìcio,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros ſeu officio,
O Ceo,a terra,& as ondas atroando.
Moſtraſe dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas q̃ de fogo eſtão queimãdo
Outros com vozes com q̃ o Ceo feriam
Inſtrumentos altiſſonos tangiam.

91

Reſpondenlhe da terra juntamẽte,
Co rayo volteando,com zonido
Anda em giros no ar a roda ardente,
Eſtoura o pô ſulfureo eſcondido:
A grita ſe aleuanta ao Ceo,da gente,
O Mar ſe via em fogos acendido,
E não menos a terra,& aſsi feſteja
Hum ao outro a maneira de peleja.

92 Mas

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
As gentes incitaua a seu trabalho,
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hiãose as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra,em fri'orualho
Quãdo o Rey Milindano se embarcaua
A ver a frota que no mar estaua.

93

Viãose em derredor feruer as prayas
Da gente que a ver só concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabayas,
Lustrão os panos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagayas,
E do arco,que os cornos arremeda
Da Lũa,trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

94

Hum batel grãde & largo, q̃ toldado
Vinha de sedas de diuersas cores,
Traz o Rey de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reyno,& de senhores
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes,& primores:
Na cabeça hũa fota guarnecida
D'ouro,& de seda,& d'algodam tecida.

95

Cabaya de Damasco rico,& dino
Da Tiria cor,entre elles estimada,
Hum colar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada,
C'um resplandor reluze Adamantino,
Na cinta a rica adaga bem laurada,
Nas alparcas dos pés,emfim de tudo,
Cobrem ouro,& aljofar ao veludo.

Cõ hũ redondo emparo alto de ſeda,
N'ũa alta & dourada aſtea enxerido,
Hum miniſtro à ſolar quentura veda,
Q não offenda,& queime o Rey ſubido:
Muſica traz na proa, eſtranha, & leda,
De aſpero ſom, horriſsimo ao ouuido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que ſem concerto fazem rudo eſtrõdo.

97

Não menos guarnecido o Luſitano,
Nos ſeus bateis da frota ſe partia
A receber no mar o Melindano,
Com luſtroſa,& honrada companhia:
Veſtido o Gama vẽ ao modo Hiſpano:
Mas Franceſa era a roupa que veſtia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmeſi,cor que a gente tanto preza.

98

De botoẽs douro as mãgas vẽ tomadas
Onde o Sol reluzindo a viſta cega:
As calças ſoldadeſcas recamadas,
Do metal que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do meſmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta,& achega:
Ao Italico modo a aurea eſpada,
Pruma na gorra,hum pouco declinada

99

Nos de ſua companhia ſe moſtraua,
Da tinta que dà o Mûrice excelente,
A varia cor,que os olhos alegraua,
E a maneira do trajo diferente.
Tal o fermoſo eſmalte ſe notaua,
Dos veſtidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

100 Sono-

Sonorosas trombetas incitauaõ
Os animos alegres resoando
Dos Mouros os bateis o mar coalhauaõ
Os toldos pelas agoas arro,ando:
As bombardas horrisonas bramauaõ,
Com as nuuẽs de fumo o Sol tomãdo,
Ameudaõse os brados acendidos, (dos
Tapão cõ as mãos os Mouros os ouui-

101

Ia no batel entrou do Capitàm
O Rey, que nos seus braços o leuaua,
Elle coa cortesia, que a razàm
(Por ser Rey) requeria, lhe fallaua:
C'ũas mostras de espãto, & admiraçàm
O Mouro o gesto, & modo lhe notaua,
Como quẽ em muy grãde estima tinha,
Gente que de tam longe à India vinha.

102

E com grandes palauras lhe offerece
Tudo o q̃ de seus Reynos lhe cõprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse
Dizlhe mais, q̃ por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse.
Que ja ouuio dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley tiuesse guerra.

103

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeraõ,
Quando nella ganharaõ a coroa
Do Reyno, onde as Hesperidas viueraõ
E com muitas palauras apregoa
O menos que os de Luso mereceraõ,
E o mais que pela fama o Rey sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que só tiueste piedade
Rey benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & aduersidade
Dos mares exprimenta a furia insana.
Aquella alta, & diuina eternidade,
Q̃ o Ceo reuolue, & rege a gẽte humana
Pois que de ti tais obras recebemos
Te pague o q̃ nosoutros nao podemos.

105

Tu só de todos quãtos queima Apolo
Nos recebes em paz do mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido, & jocũdo:
Em quanto apacentar o largo Polo,
As Estrellas, & o Sol der lume ao mũdo
Onde quer q̃ eu viuer, co fama & gloria
Viuiràm teus louuores em memoria.

106

Isto dizendo, os barcos vaõ remãdo
Pera a frota que o Mouro ver deseja,
Vaõ as naos hũa, & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiaõ,
Cos anafis os Mouros respondiaõ.

107

Mas despois de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro, que pasmaua,
Ouuindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostraua,
Mandaua estar quieto, & ancorado
N'agoa o batel ligeiro que as leuaua,
Por fallar deuagar co forte Gama,
Nas cousas de q̃ tem noticia, & fama.

108 Em

Em praticas o Mouro diferentes,
Se deleitaua.perguntando agora
Pelas guerras famosas,& excelentes,
Co pouo auidas, que a Mafoma adora
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda aHispheria vltima,onde mora
Agora pelos pouos seus visinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

109

Mas antes valeroso Capitaõ,
Nos conta,lhe dezia,diligente,
Da terra tua o clima.& regiam
Do mũdo onde morais distintamente,
E assi de vossa antiga geraçam,
E o principio do Reyno tam potente:
Cos successos das guerras do começo
Que sem sabelas, sey que saõ de preço.

110

E assi tambem nos conta dos rodeyos
Longos,em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheyos,
Que a nossa Africa ruda tem criado
Conta q agora vem cos aureos freyos
Os cauallos que o carro marchetado
Do nouo Sol,da fria Aurora trazem,
O vẽto dorme,o mar,&as ondas jazem

111

E não menos co tempo se parece
O desejo de ouuirte o que contares,
Que quem ha,q̃ por fama não conhece
As obras Purtuguesas singulares:
Não tanto desuiado resplandece,
De nos o claro Sol,pera julgares:
Que os Melindanos tẽ tam rudo peito,
Que não estimem muito hũ grãde feito

Cometerão soberbos os Gigantes,
Cõ guerra vã,o Olimpo claro,& puro
Tentou Perítho,& Theseu de ignorãtes
O Reyno de Plutaõ horrẽdo,& escuro.
Se ouue feitos no mũdo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre,& duro
Quanto foy cometer Inferno,& Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.

III

Queimou o sagrado templo de Diana
Do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrato,por ser da gente humana
Conhecido no mundo,& nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana
O desejo de hum nome auentajado:
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quẽ faz obras tam dignas de memoria

FIM.

CANTO III.

1

Gora tu Caliope me ensina
O que contou ao Rey o illustre Gama:
Inspira immortal canto & voz diuina,
Neste peito mortal que tanto te ama.
Assi o claro inuentor da Medicina,
De quẽ Orpheo pariste, ò linda Dama:
Nũca porDaphne,Clicie,ouLeucothóe
Te negue o amor diuido,como soè.

2

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja & saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre & mana,
Deixa as flores de Pindo,que ja vejo
Banharme Apolo na agoa soberana.
Senaõ direy que tẽs algum receyo,
Que se escureça o teu queridoOrpheyo

3

Promptos estauão todos escuitãdo
O q̃ o sublime Gama contaria, (do
Quãdo,despois d'hũ pouco estar cuidã-
Aleuantando o rosto,assi dizia:
Mandasme ò Rey que conte declarãdo
De minha gente a grão genealosia.
Não me mãdas cõtar estranha historia
Mas mãdasme louuar dosmeus a gloria

Que outrẽ possa louuar esforço alheyo
Cousa he que se costuma, & se deseja:
Mas louuar os meus proprios arreceyo
Que louuor taõ sospeito mal me esteja
E pera dizer tudo, temo, & creyo
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & serei breue.

5

Alem disso, o q̃ a tudo em fim me obriga
He naõ poder mentir no que disser,
Porque desfeitos tais, por mais q̃ diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leue & siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da sanguinosa guerra.

6

Entre a Zona q̃ o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente,
Iaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, & do Occidẽte:
Com suas salsas ondas o Occeano
E pela Austral o mar Mediterrano.

7

Da parte dõde o dia vem nascendo,
Com Asia se auizinha: mas o Rio
Que dos montes Rifeyos vay correndo
Na alagoa Meotis, curuo & frio
As diuide: & o mar, q̃ fero, & horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troya triunfante
Naõ ve mais q̃ a memoria o nauegante

La onde mais debaxo està do Polo
Os montes Hyperboreos aparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tam pouca força tem de Apolo,
Os rayos que no mundo resplandecem
Que a neue està contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fõtes.

9

Aqui dos Cytas, grande quantidade
Viuem, que antigamente grande guerra
Tiueraõ sobre a humana antiguidade
Cos que tinhaõ antão a Egypcia terra:
Mas quem tam fóra estaua da verdade,
(Ia que o juyzo humano tanto erra)
Pera que do mais certo se informàra,
Ao campo Damasceno o perguntàra.

10

Agora nestas partes se nomea
A Lapia fria, a inculta Noruega,
Escandinauia ilha, que se arrea
Das victorias que Italia não lhe nega
Aqui, em quanto as agoas não refrea
O congelado Inuerno, se nauega.
Hum braço do Sarmatico Occeano
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano.

11

Entr'este Mar, & o Tanais viue estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,
Sarmatas outro tempo, & na mõtanha
Hircinia, os Marcomanos saõ Polonios.
Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias naçoẽs q̃ o Reno frio
Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis rio

Entre o remoto Istro,& o claro estreito
Aonde Hele deixou,co nome,a vida,
Estaõ os Traces de robusto peito,
Do fero Marte,patria tam querida,
Onde co Hemo,o Rodope sugeito
Ao Otomano està,que sometida,
Bizancio tem a seu seruiço indino,
Boa injuria do grande Constantino.

13

Logo de Macedonia estaõ as gentes,
A quem laua do Axio a agoa fria:
E vos tambem,o terras excelentes,
Nos costumes,engenhos,& ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Cõ quẽ tu clara Grecia o ceo penetras,
E naõ menos por armas,q̃ por letras.

14

Logo os Dalmatas viuẽ, & no seyo,
Onde Antènor ja muros leuantou,
A soberba Veneza està no meyo
Das agoas,que tam baixa começou
Da terra,hũ braço vẽ ao mar,q̃ cheyo
De esforço,naçoẽs varias sogeitou,
Braço forte,de gente sublimada,
Naõ menos nos engenhos q̃ na espada.

15

Emtorno o cerca o Reyno Neptunino,
Cos muros naturais,por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tẽ diuino,
Perdẽdo o esforço veio,& bellica arte:
Pobre està ja de antiga potestade,
Tanto Deos se cõtenta de humildade.

Gallia ali se verà, que nomeada,
Cos Cesareos triumfos foy no mundo,
Que do Sequâna,& Rôdano he regada,
E do Garuna frio,& Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantaõ,que segundo
Antiguidades contaõ,quando arderaõ,
Rios d'ouro,& d'prata entaõ correraõ.

17

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderà,cõ força,ou manha
A fortuna inquieta pòrlhe noda:
Que lha naõ tire o esforço & ousadia
Dos bellicosos peitos,que em sy cria.

18

Com Tingitania entesta,& ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido estreito se ennobrèce,
Co extremo trabalho do Thebano:
Com naçoẽs differentes se engrãdece,
Cercadas com as ondas do Oceano.
Todas de tal nobreza,& tal valor,
que qualquer dellas cuida q̃ he milhor.

19

Tem o Tarragones,que se fez claro,
Sujeitando Partenope inquieta,
O Nauarro,as Asturias,que reparo
Ia foraõ,contra a gente Mahometa,
Tẽ o Galego cauto,& o grande & raro
Castelhano,a quem fez o seu Planeta,
Restituidor d'Espanha,& senhor della,
Bethis,Liaõ,Granada,com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,
De Europa toda,o Reyno Lusitano,
Onde a terra se acaba,& o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano:
Este quis o Ceo justo,que florêça
Nas armas,contra o torpe Mauritano,
Deitando o de sy fora,& la na ardente
Africa estar quieto o nam consente.

21

Esta he a ditosa patria minha amada
Aa qual se o Ceo me dà,q̃ eu sẽ perig
Torne,com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Luso,ou Lysa: que de Baco antigo
Filhos foraõ parece,ou companheiros,
E nella entam os Incolas primeiros.

22

Desta o Pastor nasceo,q̃ no seu nome
Se vè,que de homẽ forte os feitos teue,
Cuja fama,ninguem virà que dome,
Pois a grande de Roma naõ se atreue:
Esta,o velho q̃ os filhos proprios come
Por decreto do Ceo ligeiro,& leue,
Veo a fazer no mundo tanta parte,
Criãdoa Reyno illustre,& foi dest'arte.

23

Hũ Rey,por nome Affõso, foy na Espa-(nha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
q̃ por armas sanguinas,força & manha
A muitos fez perder a vida, & a terra:
Voando deste Rey a fama estranha,
Do Herculano Calpe à Caspia serra,
Muitos (pera na guerra esclarecerse)
Vinhaõ a elle,& à morte offerecerse.

24 E com

E com hũ amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Eraõ de varias terras conduzidos,
deixãdo a pátria ama la, & ꝑprios lares
Despois que em feitos altos & subidos
Se mostraraõ nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras tais,
Leuassem premio digno, & doẽs iguais.

25

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho d' hũ Rey de Vngria exprimẽtado,
Portugal ouue em sorte, que no mũdo
Entam naõ era illustre, nem prezado:
E pera mais sinal d'amor profundo,
Quis o Rey Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

26

Este despois que cõtra os descẽdentes,
Da escraua Agar, victorias grãdes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
deulhe o supremo Deos, em tẽpo breue
Hũ filho, que illustrasse o nome vfano
Do bellicoso Reyno Lusitano.

27

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
Da Cidade Hyerosolima sagrada,
E do Iordão a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em sy lauada;
Que não tendo Gotfredo a quẽ resista,
Despois de ter Iudea sojugada.
Muitos que nestas guerras o ajudàraõ,
Pera seus senhorios se tornàraõ.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte & famoso Vngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O sprito deu, a quem lho tinha dado:
Ficaua o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixaua seu traslado:
Que do mũdo os mais fortes igualaua,
Que de tal pay tal filho se esperaua.

29

Mas o velho rumor, naõ sey se errado,
q̃ em tãta antiguidade naõ ha certeza,
Cõta que a mãy tomãdo todo o estado
Do segũdo Hymeneo, naõ se despreza:
O filho orfaõ deixaua desherdado,
Dizendo que das terras, a grandeza
E o senhorio todo, sò seu era,
Porque pera casar seu pay lho dera.

30

Mas o Principe Affonso, q̃ desta arte
Se chamaua, do Auò tomando o nome,
Vendose em suas terras naõ ter parte,
q̃ a mãy cõ seu marido as mãda & come
Feruendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Reuoluidas as causas no conceito
Ao proposito firme segue o effeito.

31

De Guimaraes o campo se tingia,
Co sangue proprio da intestina guerra
Onde a mãy que tam pouco o parecia,
A seu filho negaua o amor, & a terra,
Co elle posta em campo ja se via,
E naõ vè a soberba, o muito que erra,
Contra Deos, cõtra o maternal amor:
Mas nella o sensual era maior.

32 Q Progne

O Progne cruà, o magica Medea,
Se em voſſos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pays, da culpa alheya,
Olhay que inda Tereſa peca mais:
Incontinencia mà, cubiça fea,
Saõ as cauſas deſte erro principais.
Scilla por hũa mata o velho pay,
Eſta por ambas, contra o filho vay.

33

Mas ja o Principe claro, o vencimento
Do padraſto & da inica mãy leuaua,
Ia lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejaua.
Porem vencido de ira o entendiméto,
A mãy em ferros aſperos ataua:
Mas de Deos foy vingada ẽ tẽpo breue,
Tanta veneraçaõ aos pays ſe deue.

34

Eis ſe ajunta o ſoberbo Caſtelhano,
Pera vingar a injuria de Tereſa,
Contra o tam raro em gente Luſitano,
A quẽ nenhũ trabalho agraua, ou peſa:
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defeſa.
Naõ sò contra tal furia ſe ſuſtenta:
Mas o inimigo aſperrimo affugenta.

35

Naõ paſſa muito tẽpo, quãdo o forte
Principe, em Guimaraẽs eſtà cercado,
De infinito poder, que deſta ſorte,
Foy refazerſe o imigo magoado:
Mas com ſe offerecer à dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podêra ſer perdido,
Segundo eſtaua mal apercebido.

Mas o leal vaſſallo conhecendo
Que ſeu ſenhor naõ tinha reſiſtencia,
Se vay ao Caſtelhano, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia.
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promeſſa, & conſciencia
D'Egas moniz: mas naõ cõſente o peito
Do moço illuſtre, a outrem ſer ſogeito.

37

Chegado tinha o prazo prometido,
Em q̃ o Rey Caſtelhano ja aguardaua,
Que o Principe a ſeu mando ſometido
Lhe deſſe a obediencia que eſperaua.
Vendo Egas, que ficaua fementido,
O que delle Caſtella naõ cuydaua,
Determina de dar a doce vida.
A troco da palaura mal comprida.

38

E com ſeus filhos & molher ſe parte,
A aleuantar co elles a fiança.
Deſcalços, & deſpidos, de tal arte,
q̃ mais moue a piedade q̃ a vingança.
Se pretendes Rey alto de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido,
Atè pagar co a vida o prometido.

39

Vès aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos ſem peccado, & da cõſorte,
Se a peitos generoſos, & excellentes
Dos fracos ſatisfaz a fera morte. (tes,
Vès aqui as maõs, & a lingoa delinquẽ-
Nellas ſòs exprimenta, toda ſorte
De tormentos, de mortes, pelo eſtillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poe no cepo a gargãta:& ja entregado,
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indignado
Egas estaua a tudo offerecido:
Mas o Rey vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

41

O gram fidelidade Portuguesa,
De vassallo,que a tanto se obrigaua,
q̃ mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto & narizes se cortaua,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspiraua.
Que mais o seu Zopiro saõ prezara,
Que vinte Babilonias que tomara.

42

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro q̃ as terras habitaua,
Dalem do claro Tejo deleitoso:
Ia no campo de Ourique se assentaua
O arrayal soberbo,& bellicoso:
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto q̃ em força,& gẽte tam pequeno.

43

Em nenhũa outra cousa confiado,
Senaõ no summo Deos, q̃ o Ceo regia,
Que tam pouco era o pouo bautizado,
Que pera hum sò cem Mouros aueria.
Iulga qualquer juyzo sossegado,
Por mais temeridade que ousadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que pera hũ caualleiro ouuesse cento.

Cinco Reys Mouros ſam os inimigos,
Dos quaes o principal Iſmar ſe chama,
Todos exprimentados nos perigos
da guerra, õde ſe alcãça a illuſtre fama:
Seguem guerreiras Damas ſeus amigos
Imitando a fermoſa & forte Dama,
De quẽ tanto os Troyanos ſe ajudàraõ,
E as que o Termodonte ja goſtàraõ.

45

A matutina luz ſerena, & fria,
As Eſtrellas do Pollo ja apartaua,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amoſtrandoſe a Affonſo o animaua:
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na Fè todo inflamado aſsi gritaua:
Aos infieis Senhor, aos infieis,
E naõ a mi que creyo o que podeis.

46

Com tal milagre, os animos da gente
Portugueſa, inflamados leuantauaõ,
Por ſeu Rey natural, eſte excelente
Principe, que do peito tanto amauaõ:
E diante do exercito potente,
Dos imigos, gritando o ceo tocauaõ:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonſo alto Rey de Portugal.

47

Qual cos gritos & vozes incitado,
Poia montanha o rabido Moloſo,
Contra o Touro remete, que fiado
Na força eſtà do corno temeroſo:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoſo,
Atè q̃ em fim rõpendolhe a garganta,
Do brauo a força horrẽda ſe quebrãta.

Tal do Rey nouo,o eſtamago acẽdido,
Por Deos & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoſo exercito rompente:
Leuantaõ niſto os perros o alarido
Dos gritos,tocam a arma,ferue a gẽte,
As lanças & arcos tomão,tubas ſoaõ,
Inſtrumentos de guerra tudo atroaõ.

49

Bem como quando a flama q̃ ateada,
Foy nos aridos campos (aſſoprando
O ſibilante Boreas) animada
Co vẽto, o ſeco mato vay queimando:
A paſtoral companha,que deitada,
Co doce ſono eſtaua,deſpertando,
Ao eſtridor do fogo que ſe atea,
Recolhe o fato,& foge pera a aldea.

50

Deſta arte o Mouro atonito & toruado
Toma ſem tẽto as armas muy depreſſa,
Naõ foge: mas eſpera confiado,
E o ginete belligero arremeſſa:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atraueſſa.
Hũs caem meyos mortos,& outros vaõ
A ajuda conuocando do Alcoraõ.

51

Ali ſe vem encontros temeroſos,
Pera ſe desfazer hũa alta ſerra,
E os animais correndo furioſos,
q̃ Neptuno amoſtrou ferindo a terra:
Golpes ſe daõ medonhos,& forçoſos,
Por toda a parte ãdaua acceſa a guerra:
Mas o d Luſo,arnes,couraça & malha,
Rompe,corta,desfaz,a bola & talha.

Cabeças pelo campo vaõ saltando,
Braços, pernas, sem dono & sẽ sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido:
Ia perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido
Com q̃ tambẽ do campo a cor se perde
Tornado carmesi de branco & verde.

53

Ia fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os trofeos & presa rica,
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Rey no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo vfano,
Que agora esta victoria certifica:
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em final destes cinco Reys vencidos.

54

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinneiros porque Deos fora vendido,
Escreuendo a memória em vária tinta
Daquelle de quem foy fauorecido,
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero comprido;
Contando duas vezes o do meyo,
Dos cinco azues q̃ ẽ Cruz pintãdo veyo.

55

Passado ja algum tempo, que passada
Era esta gram victoria, o Rey subido
A tomar vay Leiria, que tomada
Fora muy pouco auia, do vencido:
Com esta a forte Arronches sojugada
Foy juntamẽte: & o sẽpre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,
Ajunta tambẽ Mafra, em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vaõ fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

57

E tu nobre Lisboa, que no mundo,
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

58

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Multos cõ tẽ çaõ sancta eraõ partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso vnidos.
Cuja alta fama entaõ subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlisseos.

59

Cinco vezes a Lua se escondèra,
E outras tãtas mostràra cheyo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendèra,
Ao duro cerco, que lhe estaua posto.
Foy a batalha tam sanguina & fera,
Quanto obrigaua o firme presuposto
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos, ja desesperados.

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos ja passados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
q̃ o Ibero o vio,& oTejo amedrõtados
E em fim co Betis tanto algũs poderaõ,
Que à terra de Vandalia nome deraõ:

61

Que Cidade tam forte, por ventura
Auerà que resista,se Lisboa
Naõ pode resistir à força dura
Da gente,cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos,Alanquer,por onde soa
O tõ das frescas agoas,entre as pedras
q̃ murmurando laua,& Torres vedras.

62

E vos tambem,o terras transtaganas,
Affamadas co dom da flaua Ceres,
Obedeceis às forças mais q̃ humanas,
Entregãdolhe os muros,& os poderes:
E tu laurador Mouro,que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres.
q̃ Eluas,& Moura,& Serpa conhecidas,
E Alcaçare do sal,estam rendidas.

63

Eis a nobre Cidade,certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustẽtar de lõge a terra,& a gẽte,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Nos ares se aleuantaõ nobremente.
Obedeceo,por meyo,& ousadia
De Giraldo,que medos naõ temia.

Ia na Cidade Beja vay tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que naõ sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Naõ se lhe pode muito sustentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

65

Com estas sojugada foy Palmella,
E a piscosa Cizimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha diligente.
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

66

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cauallos furiosos,
Innumeros pioẽs, darmas & d'ouro
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
Mas qual no mes d̃Mayo o brauo tou-
Cos ciumes da vaca, arreceosos, (ro
Sentindo gẽte o bruto, & cego amãte
Saltea o descuydado caminhante.

67

Desta arte Affonso subito mostrado,
Na gente dà, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rey Mouro, & sò da vida cura,
D'hũ Panico terror todo assombrado,
Sò de seguillo o exercito prócura.
Sendo estes que fizeraõ tanto aballo
No mais que sò sesenta de cauallo.

Logo ſegue a victoria ſem tardança
O gram Rey incanſauel, ajuntando
Gentes de todo o Reyno, cuja vſança
Era andar ſempre terras cõquiſtando,
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de ſeu deſejo, pelejando
Com tanto esforço & arte, & valentia,
Que a fez fazer as outras companhia.

69

Mas o alto Deos, q̃ pera longe guardá
O caſtigo daquelle que o merece,
Ou pera q̃ ſe emende às vezes tarda,
Ou por ſegredos q̃ homẽ naõ conhece,
Se atequi ſẽpre o forte Rey reſguarda
Dos perigos a que elle ſe offerece.
Agora lhe naõ deixa ter defeſa,
Da maldiçaõ da mãy que eſtaua preſa.

70

Que eſtando na Cidade que cercàra,
Cercado nella foy dos Leoneſes,
Porque a conquiſta della lhe tomàra
De Leaõ ſẽdo, & naõ dos Portugueſes.
A pertinacia aqui lhe cuſta cara,
Aſsi como acontece muytas vezes,
Q̃ ẽ ferros quebra as pernas, indo aceſo
Aa batalha onde foy vencido & preſo.

71

ô famoſo Pompeyo naõ te pene,
De teus feitos illuſtres a ruyna,
Nem ver que a juſta Nemeſis ordene,
Ter teu ſogro de ti victoria dina,
Poſto que o frio Faſis, ou Syene
Q̃ pera nenhũ cabo a ſombra inclina:
O Beotes gellado, & a linha ardente,
Temeſſem o teu nome geralmente.

72 Poſto

Posto q̃ a rica Arabia,& que os feroces
Eniocos,& Golcos,cuja fama
O Veo dourado estẽdẽ:& os Capadoces
E Iudea,que hũ Deos adora & ama,
E que os molles Sofenos,& os Atroces,
Silicios,com à Armenia, que derrama
As agoas dos dous rios, cuja fonte
Està noutro mais alto & sancto monte.

73

E posto em fim q̃ desdo mar d' Atlante,
Ate o Sitico Tauro,mõnte erguido
Ia vencedor te vissem,naõ te espante
Se o campo Emathio sò te vio vẽcido,
Porq̃ Affonso veràs soberbo & auante,
Tudo render,& ser despois rendido.
Asi o quis o conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti,& o gẽro a este.

74

Tornado o Rey sublime finalmente,
Do diuino juyzo castigado,
Despois q̃ em Santarem soberbamẽte,
Em vão dos Sarracenos foy cercado.
E despois que do martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado.
Do sacro promontorio conhecido,
Aa Cidade Vlissea foy trazido.

75

Porque leuasse auante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que às terras se passasse d'Alentejo,
Com gente,& co beligero aparelho:
Sancho, d'esforço,& d'animo sobejo,
Auante passa,& faz correr vermelho
O rio que Seuilha vay regando,
Co sanguẽ Mauro,barbaro & nefando.

E com esta victoria cobiçosa,
Ia naõ descansa o moço ate que veja,
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Naõ tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança

77

Ia se ajũtaõ do monte, aquem Medusa.
O corpo fez perder, que teue o Ceo:
Ia vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foy de Anteo.
O morador de Abila naõ se escusa,
Que tambẽ com suas armas se moueo:
Ao som da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reyno que foy do nobre Iuba.

78

Entraua com toda esta companhia,
O Miralmominĩ em Portugal
Treze Reis mouros leua de valia
Entre os quais tem o ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal.
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porem naõ lhe socede muito bem.

79

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
Naõlhe aproueita ja trabuco horrendo
Mina secreta, Ariete forçoso:
Por q̃ o filho de Affonso, naõ perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso,
Tudo prouẽ com animo & prudencia,
Q̃ ẽ toda a parte ha esforço & resistẽcia

Mas o velho a quē tinhaõ ja obrigado
Os trabalhosos annos ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enuerdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho està cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que naõ perde a presteza co a idade.

81

E co a famosa gente â guerra vsada,
Vai socorrer o filho, & assi ajuntados,
A Purtuguesa furia custumada,
Em breue os Mouros tē desbaratados:
A campina que toda està qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cauallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos chea fica.

82

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmomini sò naõ fogio,
Porque antes de fogir lhe foge a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Daõ louuores & graças sem medida:
Que em casos tam estranhos claramēte
Mais peleja o fauor de Deos q̃ a gente.

83

De tamanhas victorias triunfaua
O velho Affonso, Principe subido,
Quādo quē tudo emfim vēcēdo andaua
Da larga, & muita idade foy vencido,
A palida doença lhe tocaua,
Com fria maõ o corpo enfraquecido:
E pagàraõ seus annos deste geito
Aa triste Libitina seu dereito.

Os altos promontorios o choraraõ,
E dos rios as agoas saudosas
Os semeados campos alagaraõ,
Com lagrimas correndo piadosas:
Mas tanto pelo mundo se alargaraõ,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reyno chamaraõ,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vaõ.

85

Sancho forte mancebo, que ficàra
Imitando seu pay na valentia,
E que em sua vida ja se exprimentàra,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratàra
Do Ismaelita Rey de Andaluzia.
E mais quãdo os q̃ Beja ẽ vão çercàraõ
Os golpes de seu braço em sy prouàraõ

86

Despois que foy por Rey aleuantado,
Auendo poucos annos que reynaua,
A Cidade de Silues tem cercado,
Cujos campos o barbaro laurara:
Foy das valentes gentes ajudado,
Da Germanica armada, que passaua:
De armas fortes & gente apercebida,
A recobrar Iudea ja perdida.

87

Passauaõ a ajudar na sancta empresa,
O roxo Federico, que moueo
O poderoso exercito, em defesa
Da Cidade onde Christo padeceo,
Quãdo Guido co a gẽte em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeo:
No lugar onde aos Mouros sobejauaõ
As agoas que os de Guido desejauaõ.

Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento, àquella parte
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Ia que em seruiço vay, do sanctoMarte
Assi como a seu pay acontecèra,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silues toma,
E o brauo morador destrue, & doma.

89

E se tantos tropheos do Mahometa,
Aleuantando vay tambem do forte
Leones, naõ consente estar quieta
A terra vsada aos casos de Mauorte:
Ate que na ceruiz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
q̃ por armas tu Sãcho humildes tinhas.

90

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu de todos estimado,
q̃ foy segundo Affonso, & Rey terceiro
No tẽpo deste, aos Mouros foi tomado
Alcaçare do sal por derradeiro:
Porque dantes os Mouros o tomaraõ,
Mas agora estruidos o pagaraõ.

91

Morto despois Affonso lhe sucede
Sancho segundo, mãso & descuydado,
Que tãto em seus descuydos se desmede
Que d'outrẽ quẽ mãdaua era mãdado,
De gouernar o Reyno que outro pede,
Por causa dos priuados foy priuado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tam deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & despois horrẽdo incesto
Com a mãy Agripina cometia.
Nem tam cruel às gentes, & molesto,
Que a Cidade queimasse onde viuia,
Nem tam mao como foy Heliogabàlo,
Nem como o mole Rey Sardanapàlo.

93

Nem era o pouo seu tiranizado
Como Cicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reyno de altiuo, & costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rey não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellẽte.

94

Por esta causa o Reyno gouernou
O Conde Bolonhes, despois alçado
Por Rey, quando da vida se apartou
Seu irmão Sãcho, sempre ao ocio dado
Este Affonso o Terceiro se chamou
E des que teue o Reyno segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Não cabe o altiuo peito tam pequeno.

95

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupèra co braço, & deita fóra
O Mouro mal querido ja de Marte:
Este de todo fez liure, & senhora
Lusitania, com força, & bellica arte:
E acabou de oprimir a nação forte
Na terra q̃ aos de Luso coube em sorte

96 Eis

Eis despois vem Dinis, que bem parece
Do brauo Affõso estirpe nobre & dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Co este o Reyno prospero florece,
(Alcançada ja a paz aurea diuina)
Em constituições, leys & costumes,
Na terra ja tranquila claros lumes.

97

Fez primeiro em Coimbra exercitarse
O valeroso officio de Minerua,
E de Helicona as Musas fez passarse
A pisar de Mondego a fertil herua:
Quanto pode de Athenas desejarse,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
Aqui as capellas dà tecidas de ouro,
Do Bacaro, & do sempre verde louro.

98

Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reyno todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas despois q̃ a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias ja maduros:
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affõso: mas forte & excelente.

99

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Cõ peito desprezou firme & sereno,
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno
Mas porem quãdo as gẽtes Mauritanas
A possuir o Esperico terreno,
Entrarão pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis,gente tanta
Veo ôs campos Ydaſpicos enchendo,
Nem Atilà,que Italia toda eſpanta,
Chamandoſe de Deos açoute horrẽdo.
Gottica gente trouxe tanta,quanta
Do Sarraceno barbaro eſtupendo,
Co poder exceſsiuo de Granada
Foy nos campos Tarteſios ajuntada.

101

E vendo o Rey ſublime Caſtelhano
A força inexpugnauel, grande & forte,
Temendo mais o fim do pouoHiſpano,
Ia perdido hũa vez,q̃ à propria morte
Pedindo ajuda ao forte Luſitano,
Lhe mandaua a cariſsima conſorte,
Molher de quẽ a manda,& filha amada
Daquelle a cujo Reyno foy mandada.

102

Entraua a fermoſiſsima Maria
Polos paternais paços ſublimados,
Lindo o geſto:mas fora de alegria,
E ſeus olhos em lagrimas banhados,
Os cabellos Angelicos trazia,
Pelos eburneos hombros eſpalhados:
Diante do Pay ledo,que a agaſalha,
Eſtas palauras tais chorando eſpalha.

103

Quantos pouos à terra produzio
D'Africa toda gente fera & eſtranha,
O gram Rey de Marrocos conduzio
Pera vir poſſuir a nobre Eſpanha:
Poder tamanho junto naõ ſe vio,
Deſpois que o ſalſo mar a terra banha.
Trazem ferocidade,& furor tanto,
q̃ a viuos medo,& a mortos faz eſpãto.

104 Aquelle

Aquelle que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe està, da Maura espada,
E se naõ for contigo socorrido, (da,
Vermehas delle & do Reyno ser priua-
Viuua & triste, & posta emvida escura,
Sem marido, sem Reyno, & sem vētura.

105

Por tanto, ô Rey, de quē cō puro medo
O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro & ledo,
De pay o verdadeiro amor assella:
Acude & corre pay, qne se naõ corres,
Pode ser que naõ aches quē socorres.

106

☞ Naõ de outra sorte a timida Maria
Fallando està, q̃ a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay fauor pedia,
Pera Eneas seu filho, nauegando,
Que a tanta piedade o comouia,
Que caido das maõs o rayo infando:
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

107

Mas ja cōs esquadroēs da gēte armada
Os Eborenses campos vam qualhados,
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
Vam rinchando os cauallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os coraçoēs à paz acostumados:
Vay as fulgentes armas incitando
Polas concauidades retumbando.

Entre todos no meyo se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leua o collo aleuantado,
E somente co gesto esforça & anima,
A qualquer coraçaõ amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Raynha della.

109

Iuntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estam defronte
Da grande multidaõ da cega gente,
Pera quẽ sam pequenos cãpo & monte:
Naõ ha peito tam alto & tam potente,
Que de desconfiança naõ se afronte,
Em quanto naõ conheça, & claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

110

Estam de Agar os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco & peqno
As terras como suas repartindo,
Ante maõ, entre o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Està o famoso nome Sarraceno.
Assi tambem com falsa conta & nua,
Aa nobre terra alhea chamaõ sua.

111

Qual o membrudo & barbaro Gigãte,
Do Rey Saul, com causa tam temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Sò de pedras & esforço apercebido,
Com palauras soberbas o arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desengana,
quãto mais pode a Fè q̃ a força humana

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christaõs, & naõ entende
Que està ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrifico se rende.
Co ella o Castelhano, & com destreza
De Marrocos o Rey comete & offende.
O Portugues que tudo estima em nada
Se faz temer ao Reyno de Granada.

113

Eis as lanças,& espadas reteniaõ
Por cima dos arneses,brauo estrago,
Chamão(segundo as leys q̃ ali seguiaõ)
Hũs Mafamede,& outros Sanctiago,
Os feridos com grita o Ceo feriaõ,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos s'afogauaõ
Quando do ferro as vidas escapauaõ.

114

Cõ esforço tamanho estrue, & mata
O Luso ao Granadil,q̃ em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tam barata,
Inda não bem contente o forte braço
Vay ajudar ao brauo Castelhano,
Que pelejando està co Mauritano.

115

Ia se hia o Sol ardente recolhendo
Pera a casa de Thetis,& inclinado
Pera o Ponente o vespero trazendo,
Estaua o claro dia memorado; (rẽdo
Quãdo o poder do Mauro grãde,& hor
Foi pelos fortes Reys desbaratado,
Com tanta mortandade,q̃ a memoria
Nũca no mũdo vio tam graõ victoria.

Não matou a quarta parte o forte Ma-
Dos q̃ morrerão neste vẽcimẽto, (rio
Quãdo as agoas co sãgue do aduersario
Fez beber ao exercito sedento,
Nem o Peno asperissimo contrario,
Do Romano poder de nascimento:
Quando tãtos matou da illustre Roma
q̃ alqueires tres de aneis dos mortos to
(ma.

117

E se tu tantas almas so podeste
Mandar ao Reyno escuro de Cocito,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito:
Permissaõ,& vingança foy celeste,
E não força de braço, ò nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois por IESV certificado.

118

Passada esta tam prospera victoria,
Tornado Affonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste,& dino da memoria,
Que do sepulchro os homẽs desenterra
Aconteceo da misera,& mesquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.

119

Tu só,tu puro amor com força crua,
Que os coraçoẽs humanos tãto obriga
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero amor que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga:
He porque queres aspero,& tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.

Eſtauas linda Ines poſta em ſoſſego
De teus annos, colhendo doce fructo,
Naquelle engano da alma, ledo, & cego
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos ſaudoſos campos do Mondego,
De teus fermoſos olhos nunca enxuto,
Aos montes enſinando, & às eruinhas
O nome que no peito eſcripto tinhas.

121

Do teu Principe ali te reſpondiaõ,
As lembranças q̃ na alma lhe morauaõ
Que ſempre ante ſeus olhos te traziaõ,
Quãdo dos teus fermoſos ſe apartauaõ
De noite em doces ſonhos q̃ mentiaõ,
De dia em penſamentos que voauaõ.
E quanto emfim cuidaua, & quanto via
Eraõ tudo memorias de alegria.

122

D'outras bellas ſenhoras, & Princezas
Os deſejados tàlamos engeita
q̃ tudo emfim, tu puro amor deſprézas
Quando hum geſto ſuaue te ſogeita:
Vendo eſtas namoradas eſtranhezas
O velho pay ſeſudo, que reſpeita
O murmurar do pouo, & a fantaſia
Do filho, que caſarſe naõ queria.

123

Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preſo,
Crendo co ſangue ſó da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceſo:
Que furor conſentio, que a eſpada fina
Que pode ſuſtentar o grande peſo
Do furor Mauro, foſſe aleuantada
Contra hũa fraca dama delicada?

Traziao aos horrificos algozes
Ante o Rey, ja mouido a piedade:
Mas o pouo com falſas, & ferozes
Razoēs, à morte crua o perſuade:
Ella com triſtes, & piedoſas vozes
Saidas ſó da magoa, & ſaudade
Do ſeu Principe, & filhos que deixaua,
Que maisq̃ a propria morte a magòaua

125

Pera o Ceo criſtalino aleuantando
Com lagrimas os olhos piedoſos,
Os olhos, porq̃ as mãoslhe eſtaua atãdo
Hum dos duros miniſtros riguroſos:
E deſpois nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha, & tã mimoſos
Cuja orfindade como mãy temia,
Pera o auò cruel aſsi dizia.

126

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de naſcimento,
E nas aues agreſtes, que ſomente
Nas rapinas aereas tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tam piadoſo ſentimento,
Como co a mãy de Nino ja moſtràraõ,
E cos irmaõs que Roma edificàraõ.

127

ô tu q̃ tēs de humano o geſto, & o peito
(Se de humano he, matar hũa donzella
Fraca, & ſem força, ſó por ter ſubjeito
O coraçaõ, a quem ſoube vencella)
A eſtas criancinhas tem reſpeito,
Pois o naõ tēs à morte eſcura della,
Mouate a piedade ſua, & minha,
Pois te naõ moue a culpa q̃ naõ tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo,& ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem pera perdela naõ fez erro:
Mas se to asſi merece esta innocencia
Poẽme em perpetuo,&misero desterro
Na Scitia fria,ou là na Lybia ardente
Onde em lagrimas viua eternamente.

129

Poemme onde se vse toda a feridade
Entre Liões,& Tygres,& verey
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos naõ achey:
Ali co amor intrinseco,& vontade
Naquelle por quem mouro,criarey
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejaõ da mãy triste.

130

Queria perdoarlhe o Rey benigno
Mouido das palauras que o magoaõ,
Mas o pertinaz pouo,& seu destino
(q̃ desta sorte o quis) lhe naõ perdoaõ,
Arrancaõ das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoaõ
Contra hũa dama,ò peitos carniceiros
Feros vos amostrais,& caualeiros?

131

Qual contra a linda moça Policena
Consolaçaõ extrema da mãy velha,
Porque a sombra de Achiles a cõdena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena,
(Bem como paciente,& mansa ouelha)
Na misera mãy postos,que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece.

Tais cõtra Inès os brutos matadores
No colo de alabastro,que sostinha
As obras cõ q̃ Amor matou de amores
àquelle que despois a fez Raynha:
As espadas banhãdo,& as brãcas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçauaõ,feruidos,& yrosos
No futuro castigo não cuidosos.

133

Bem poderas,ò Sol,da vista destes
Teus rayos apartar aquelle dia,
Como da seua mesa de Tyestes, (mia.
Quãdo os filhos por maõ de Atreu co-
Vos,ô concauos vales que podestes
A voz extrema ouuir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouuistes
Por muito grande espaço repetistes.

134

Assi como a bonina que cortada
Antes do tempo foy,candida,& bella,
Sendo das maõs lasciuas maltratada,
Da minina que a trouxe na capella: (da
O cheiro traz perdido,& a cor murcha
Tal està morta a palida donzella,
Secas do rosto as rosas,& perdida
A branca,& viua cor,co a doce vida.

135

As filhas do Mondego,a morte escura
Longo tempo chorando memoraraõ
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaraõ:
O nome lhe poseraõ,que inda dura
Dos amores de Ines que ali passaraõ.
Vede q̃ fresca fonte rega as flores, (res
q̃ lagrimas saõ a agoa, & o nome amo-

Naõ correo muito tempo q̃ a vingãça
Naõ visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomãdo do Reino a gouernaça
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança,
q̃ ambos immigos das humanas vidas
O concerto fizeraõ duro,& injusto,
q̃ cõ Lepido,& Antonio fez Augusto.

137

Este castigador foy riguroso,
De latrocinios,mortes,& adulterios,
Fazer nos maos cruezas,fero,& yroso
Erão os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladroẽs castigando à morte deu
Que o vagabundo Alcides,ou Theseu.

138

Do justo & duro Pedro nasce o brãdo
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso,& sem cuidado algũ Fernando
q̃ todo o Reyno pos em muito aperto,
Que vindo o Castelhano deuastando
As terras sem defesa,esteue perto
De destruirse o Reyno totalmente,
q̃ hũ fraco Rey faz fraca a forte gente.

139

Ou foy castigo claro do peccado
De tirar Lianor a seu marido,
E casarse co ella de enleuado
N'um falso parecer mal entendido:
Ou foy que o coraçaõ sogeito, & dado
Ao vicio vil,de quem se vio rendido,
Molle se fez,& fraco,& bem parece
q̃ hum baxo amor os fortes enfraquece

140 Do

Do peccado teueraõ ſempre a pena
Muitos, que Deos o quis, & permitio:
Os que foraõ roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Tarquino o vío:
Pois por quem Dauid Sãcto ſe cõdena?
Ou quem o Tribo illuſtre deſtruio
De Benjamin? bem claro no lo enſina
Por Sarra Faraò, Sychem por Dina.

141

E pois ſe os peitos fortes enfraquece
Hum inconceſſo amor deſatinadó,
Bem no filho de Almena ſe parece
Quãdo em Omfale andaua trãsformado
De Marco Antonio a fama ſe eſcurece,
Com ſer tanto a Cleopatra affeiçoado:
Tu tambem Peno proſpero o ſentiſte
Deſpois q̃ a moça vil na Apulia viſte

142

Mas quem pòde liurarſe por vẽtura
Dos laços q̃ amor arma brandamente
Entre as roſas, & a neue humana pura,
O ouro, & o alabaſtro tranſparente,
Quem de hũa peregrina fermoſura
De hum vulto de Meduſa propriamẽte
Que o coraçaõ conuerte q̃ tem preſo,
Em pedra naõ: mas em deſejo aceſo.

143

Que vio hũ olhar ſeguro, hũ geſto brãdo
Hũa ſuaue, & Angelica excelencia
q̃ em ſi eſtà sẽpre as almas trãsformãdo
Que tiueſſe contra ella reſiſtencia:
Deſculpado por certo eſtà Fernando
Pera quem tem de amor experiencia:
Mas antes tendo liure a fantaſia,
Por muito mais culpado o julgaria.

FIM.

CANTO IV.

1

Eſpois de procelloſa tempeſtade,
Nocturna ſombra, & ſibilante vento,
Traz a manhaã ſerena claridade,
Eſperança de porto, & ſaluamento:
A parta o Sol a negra eſcuridade,
Remouendo o temor ao penſamento:
Aſsi no Reyno forte aconteceo,
Deſpois que o Rey Fernando falleceo.

2

Porque ſe muito os noſſos deſejaraõ
Quem os danos, & offenſas và vingãdo
N'aquelles q̃ tambem ſe aproueitàraõ,
Do deſcuido remiſſo de Fernando,
Deſpois de pouco tempo o alcançàraõ,
Ioanne ſempre illuſtre aleuantando
Por Rey, como de Pedro vnico erdeiro
(Ainda que baſtardo) verdadeiro.

3

Ser iſto ordenaçaõ dos ceos diuina,
Por ſinais muito claros ſe moſtrou
Quãdo em Euora a voz de hũa minina
Ante tempo falando o nomeou:
E como couſa emfim que o Ceo deſtina
No berço o corpo, & a voz aleuantou,
Portugal, Portugal, alçando a maõ
Diſſe, polo Rey nouo Dom Ioaõ.

4 Altera-

Alteradas entaõ do Reyno as gentes
Co odio que occupado os peitos tinha
Absolutas cruezas,& euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vaõ amigos,& parentes
Do adultero Conde,& da Raynha,
Com quem sua incõtinencia desonesta
Mais (despois de viuua) manifesta.

5

Mas elle emfim cõ causa deshonrado
Diante della a ferro frio morre,
D'outros muitos na morte acõpanhado
q̃ tudo o fogo erguido queima,& corre
Quem como Astianàs precipitado
(sem lhe vale rem ordẽs)de alta torre
A quem ordẽs,nem aras,nem respeito,
Quem nù por ruas,& empedaços feito.

6

Podẽse pòr em longo esquecimento
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario,& do cruento
Syla,quando o contrario lhe fogio:
Por isso Lianor,que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio
Faz contra Lusitania vir Castella
Dizendo ser sua filha herdeira della.

7

Beatriz era a filha,que casada
Co Castelhano està,que o Reyno pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella aleuantada,
Dizendo que esta filha ao pay sucede:
Suas forças ajunta pera as guerras,
De varias regiões,& varias terras.

8 Vem

Vem de toda a prouincia q̃ he hũ Brigo
(Se foy) ja teue o nome diriuado
Das terras q̃ Fernando,& que Rodrigo
Ganhàraõ do tirano, & Mauro eſtado:
Não eſtimão das armas o perigo.
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneſes,cuja gente
Cos Mouros foy nas armas excel ente.

9

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, ſe ajuntauaõ
Da cabeça de toda Andaluzia
Que do Goadalquibir as agoas lauaõ,
A nobre ilha tambem ſe apercebia
Que antigamente os Tirios habitauaõ,
Trazendo por inſignias verdadeiras
As Herculeas colunas nas bandeiras.

10

Tambem vem la do Reyno de Toledo
Cidade nobre, & antiga,a quẽ cercãdo
O Tejo em torno vay ſuaue,& ledo
Que das ſerras de Conca vem manãdo:
A vos outros tãbem não tolhe o medo,
ó ſordidos Galegos,duro bando,
Que pera reſiſtirdes,vos armaſtes
àquelles,cujos golpes ja prouaſtes.

11

Tãbẽ mouẽ da guerra as negras furias
A gente Bizcainha,que carece
De polidas razoẽs,& que as injurias
Muito mal dos eſtranhos compadece:
A terra de Guipuſcua,& das Aſturias
Que com minas de ferro ſe ennobrece,
Armou delle,os ſoberbos matadores
Pera ajudar na guerra a ſeus ſenhores.

Ioane,a quẽ do peito o esforço crece,
Como a Sansam Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece
Cos poucos de seu Reyno se aparelha,
E não porque conselho lhe falece
Cos principaes senhores se aconselha:
Mas só por ver das gentes as sentenças
q̃ sempre ouue entre muitos diferenças

13

Não falta cõ razoẽs quẽ desconcerte,
Da opinião de todos,na vontade
Em quẽ o esforço antigo se conuerte
Em desusada,& mà deslealdade,
Podendo o temor mais,gelado,inerte
Que a propria,& natural fidelidade,
Negão o Rey,& a patria,& se conuem
Negaràn (como Pedro) o Deos q̃ tem.

14

Mas nunca foy q̃ este erro se sentisse
No forte dom Nuno Aluerez:mas antes
Posto q̃ em seus irmãos tã claro o visse
Reprouando as vontades inconstantes:
A aquellas duuidosas gentes disse
Com palauras mais duras que elegãtes,
A mão na espada irado, & não facũdo,
Ameaçando a terra,o mar,& o mundo.

15

Como da gente illustre Portuguesa
Ha de auer quẽ refuse o patrio Marte?
Como,desta Prouincia que Princesa
Foy das gẽtes na guerra em toda parte,
Ha'de sair quem negue ter defesa, (te
Quẽ negue a fé,o amor,o esforço, & ar
De Portugues, & por nenhum respeito
O proprio Reyno queira ver sogeito?

16 Como,

Como, não sois vos inda os descẽdẽtes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Enriquez, feros, & valentes
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tãtas gentes
Poserão em fugida, de maneira
Que sete illustres Cõdes lhe trouxerão
Presos, a fora a presa que teuerão?

17

Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vos,
Por Dinis, & seu filho sublimados,
Se não cos vossos fortes pays, & auòs?
Pois se cõ seus descuidos, ou peccados
Fernando em tal fraqueza assi vos pòs
Torneuos vossas forças o Rey nouo,
Se he certo que co Rey se muda o pouo

18

Rey tendes tal, q̃ se o valor tiuerdes
Igual ao Rey que agora aleuantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem ja desbaratastes:
E se cõ isto emfim vos não mouerdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atay às mãos a vosso vão receyo,
Que eu sò resistirey ao jugo alheyo.

19

Eu sò com meus vassalos, & com esta,
(E dizendo isto arranca mea espada)
Defenderey da força dura, & infesta
A terra nunca de outrem sojugada,
Em virtude do Rey, da patria mesta,
Da lealdade ja por vòs negada,
Vencerey (não sò estes aduersarios:)
Mas quãtos a meu Rey forẽ contrarios

Bẽ como entre os mãcebos recolhidos
Em Camisio,reliquias sós de Canas,
Ja pera se entregar quasi mouidos
A fortuna das forças Africanas:
Cornelio moço os faz,que compelidos
Da sua espada jurem,que as Romanas
Armas, não deixarão em quãto a vida
Os não deixar,ou nellas for perdida.

21

Dest'arte a gẽte força,& esforça Nuno
Que com lhe ouuir as vltimas razoẽs
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os coraçoẽs:
Nos animais caualgão de Neptuno,
Brandindo , & volteando arremessoẽs,
Vão correndo,& gritãdo a boca aberta
Viua o famoso Rey que nos liberta.

22

Das gentes populares , hũs aprouão
A guerra com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão, & renouão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam,peitos prouão,
Armase cada hum como conuinha:
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras,& tençoẽs de seus amores.

23

Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes,que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto,
Com que passaua Xerxes o Helespõto.

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Huno o foy primeiro
Pera Franceses, pera Italianos,
Outro tambem famoso caualleiro,
Que a ala dereita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandalos, & regelos,
Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

25

E da outra ala que a esta corresponde
Antão Vasquez de Almada he Capitaõ
q̃ despois foy de Abrãches nobre Cõde,
Das gentes vay regendo a sestra maõ.
Logo na retagoarda não se esconde
Das quinas, & castellos o pendaõ
Com Ioanne Rey forte em toda parte,
Que escurecẽdo o preço vay de Marte.

26

Estauaõ pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezãdo as mãys, irmaãs, damas, & espo(sas
Prometendo jejũs, & Romarias:
Ia chegaõ as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias
Que com grita grandissima os recebem
E todas grande duuida concebem.

27

Respondem as trombetas mensageiras
Pifaros, sibilantes, & atambores,
Alferezes volteaõ as bandeiras
Que variadas saõ de muitas cores:
Era no seco tempo que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto
Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu final a trombeta Caſtelhana,
Horrendo,fero,ingente,& temeroſo,
Ouuioo o mõte Artabro,& Guadiana,
Atras tornou as ondas de medroſo:
Ouuio o Douro,& a terra Tranſtagana
Correo ao mar o Tejo duuidoſo:
E as mãys que o ſom terriuel eſcutàraõ
Aos peitos os filhinhos apertàrao.

29

Quantos roſtos ali ſe vem ſem cor,
Que ao coraçaõ acode o ſangue àmigo
Que nos perigos grandes,o temor
He mayor muitas vezes que o perigo:
E ſe o naõ he,pareceo,que o furor
De offender,ou vencer o duro immigo
Faz nao ſentir,q̃ he perda grãde,&rara
Dos membros corporais da vida cara.

30

Começaſe a trauar a incerta guerra
D'ãbas partes ſe moue a primeira ala,
Hũs leua a defenſaõ da propria terra,
Outros as eſperanças de ganhala: (ra
Logo o grãde Pereira em quẽ ſe encer-
Todo o valor,primeiro ſe aſsinala,
Derriba,& encõtra, & a terra emfim ſe
Dos q̃ a tãto deſejaõ,ſendo alhea.(mea

31

Ia pelo eſpeſſo ar,os eſtridentes
Farpoẽs,ſetas,& varios tiros voaõ
Debaxo dos pès duros dos ardentes
Cauallos,treme a terra,os vales ſoaõ:
Eſpedaçaõſe as lanças,& as frequentes
Quedas,co as duras armas tudo atroaõ
Recrecem os immigos ſobre a pouca
Gente,do fero Nuno que os apouca.

Eis ali ſeus irmaõs contra elle vaõ
(Caſo feo & cruel:)Mas naõ ſe eſpanta,
Que menos he;querer matar o irmaõ,
Quẽ cõtra o Rey, & a patria ſe aleuãta:
Deſtes arrenegados muitos ſaõ
No primeiro eſquadraõ,que ſe adiãta,
Cõtra irmaõs,&parẽtes(caſo eſtranho)
Quaes nas guerras ciuis de Iulio Magno

33

ò tu Sertorio,ò nobre Coriolano
Catilina,& vos outros dos antigos,
Que contra voſſas patrias, cõ profano
Coraçaõ,vos fizeſtes inimigos:
Se là no reyno eſcuro de Sumano
Receberdes grauiſsimos caſtigos,
Dizeilhe que tambem dos Portugueſes
Algũs tredores ouue algũas vezes.

34

Rõpenſe aqui dos noſſos os primeiros
Tantos dos inimigos a elles vaõ:
Eſtà ali Nuno,qual pellos outeiros
De Ceita eſtà o fortiſsimo liaõ
Que cercado ſe vè dos caualleiros
Que os campos vaõ correr de Tutuaõ,
Perſeguẽno cõ as lãças,& elle iroſo (ſo
Toruado hũpouco eſtà,mas naõ medro

35

Com torua viſta os vè,mas a natura
Ferina,& a ira naõ lhe compadecem
q̃ as coſtas dè,mas antes na eſpeſſura
Das lanças ſe arremeſſa,que recrecem,
Tal eſtà o caualeiro que a verdura
Tinge co ſangue alheyo,ali perecem
Algũs dos ſeus,que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio Ioane a afronta que passaua
Nuno, que como sabio capitaõ,
Tudo corria, & via, & a todos daua
Com presença, & palauras coração:
Qual parida Lioa fera, & braua
Que os filhos que no ninho sós estaõ
Sentio, q̃ em quanto pasto lhe buscara
O pastor de Massilia lhos furtara.

37

Corre raiuosa, & freme, & cõ bramidos
Os mõtes sete irmaõs atroa, & abala,
Tal Ioane com outros escolhidos
Dos seus, corrẽdo acode à primeira ala
ò fortes companheiros, ò subidos
Caualeiros, a quem nenhum se igoala,
Defendey vossas terras que a esperãça
Da liberdade, està na vossa lança.

38

Vedesme aqui, Rey vosso, & cõpanheiro
q̃ entre as lanças, & setas, & os arneses
Dos inimigos corro, & vou primeiro,
Pelejay verdadeiros Portugueses:
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, & deste vnico tiro
Muitos lançaraõ o vltimo sospiro.

39

Porque eis os seus acesos nouamẽte
D'hũa nobre vergonha, & hõroso fogo
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerà, do Marcio jogo
Porfiaõ: tinge o ferro o fogo ardente.
Rompem malhas primeiro, & peitos logo
Assi recebem junto, & daõ feridas
Como a quẽ ja não doe perder as vidas

A muitos mandão ver o Estigio lago
Em cujo corpo a morte, & o ferro en-
O Mestre morre ali de Sãctiago (traua:
Que fortissimamente pelejaua,
Morre tambem fazendo grãde estrago
Outro Mestre cruel de Calatraua,
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegãdo o Ceo, & os fados

41

Muitos tãbem do vulgo vil sem nome
Vão, & tãbem dos nobres ao profundo
Onde o Trifauce Cão perpetua fome
Tem, das almas que passaõ deste mũdo
E porque mais aqui se amanse, & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foy derribada òs pès da Lusitana.

42

Aqui a fera batalha se encruece
Cõ mortes, gritos, sangue, & cutiladas,
A multidão da gente que perece
Tem as flores da propria cor mudadas:
Ia as costas dão, & as vidas: ja falece
O furor, & sobejão as lançadas,
Ia de Castella o Rey desbaratado
Se vè, & de seu proposito mudado.

43

O campo vay deixando ao vencedor
Contente de lhe não deixar a vida,
Seguemno os que ficarão, & o temor
Lhe dà não pès, mas asas à fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, & triste nojo
De ver outrem triũfar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo,& blasfemãdo
Do primeiro que guerra fez no mũdó,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso,& sitibundo.
Que por tomar o alheo,o miserando
Pouo auentura às penas do profundo,
Deixando tantas mãys,tantas esposas
Sem filhos,sem maridos desditosas.

45

O vencedor Ioane esteue os dias
Costumados no cãpo,em grãde gloria,
Com offertas despois,& romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno q̃ não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria
Senão por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa Transtaganas.

46

Ajudao seu destino de maneira
Que fez igoal o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo,& o vẽcimẽto:
Ia de Seuilha a Betica bandeira,
E de varios senhores n'um momento
Se lhe derriba aos pès sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.

47

Destas,& outras victorias lõgamẽte
Erão os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despo's que quis o Padre omnipotẽte
Dar os Reys inimigos por maridos
às duas illustrissimas Inglesas
Gentìs,fermosas,inclitas Princesas.

48 Não

Não sofre o peito forte vsado à guerra
Não ter imigo ja a quem faça dano,
E asſi não tendo a quem vẽcer na terra
Vay cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Christo à ley de Mafamede.

49

Eis mil nadantes aues pello argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pos a extrema meta:
O monte Abila, & o nobre fundamẽto
De Ceita toma, & o torpe Mahometa
Deita fora, & segura toda Espanha
Da Iuliana mà, & desleal manha.

50

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo, quis que pouoasse:
Mas pera defensam dos Lusitanos
Deixou quẽ o leuou, quem gouernasse,
E aumentasse a terra mais que dantes
Inclita geraçam, altos Infantes.

51

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza,
Que asſi vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hũ estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reyno, & neste Rey
Não vsou ella tanto desta ley.

Vio ſer captiuo o ſãcto irmão Fernãdo
Que a tam altas empreſas aſpiraua,
Que por ſaluar o pouo miſerando
Cercado, ao Sarraceno s'entregaua:
Sò por amor da patria eſtà paſſando
A vida de ſenhora feita eſcraua,
Por não ſe dar por elle a forte Ceita,
Mais o publico bem que o ſeu reſpeita

53

Codro porq̃ o inimigo não venceſſe,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria não perdeſſe
Quis mais a liberdade ver perdida:
Eſte porque ſe Eſpanha não temeſſe
A captiueiro eterno ſe conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido por eſpãto
Nem os Decios leais fizerão tanto.

54

Mas Afonſo do Reyno vnico herdeiro
Nome em armas ditoſo, em noſſa Heſpe-
q̃ a ſoberba do barbaro fronteiro, (ria
Tornou em baxa, & humilima miſeria,
Fora por certo inuicto caualeiro
Se não quiſera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirà ſer impoſsiuel
Poder ninguem vencer o Rey terriuel.

55

Eſte pode colher as maçãs de ouro,
Que ſomente o Terintio colher pode
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
A ceruiz inda agora não ſacode:
Na frõte a palma leua, & o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer forte villa,
Tangere populoſo, & a dura Arzilla.

Porèm ellas emfim por força entradas
Os muros abaxarão de Diamante
às Portuguesas forças costumadas
A derribarem quanto achão diante,
Marauilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizerão caualeiros nesta empresa
Mais,affinando a fama Portuguesa.

57

Porèm despois tocado de ambiçaõ,
E gloria de mandar amara,& bella,
Vay cometer Fernando de Aragaõ,
Sobre o potente Reyno de Castella,
Ajuntase a inimiga multidão
Das soberbas,& varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

58

Não quis ficar nos Reynos ocioso
O mancebo Ioanne,& logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso
Que então lhe foy ajuda não pequena:
Sahiose emfim do trance perigoso
Com fronte não toruada,mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento:
Mas ficou duuidoso o vencimento.

59

Porque o filho sublime,&soberano,
Gentil,forte,animoso caualeiro,
Nos contrarios fazendo immẽso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foy vencido Octauiano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar matàraõ
Nos Philipicos campos se vingàraõ.

Porèm despois q̃ a escura noite eterna
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe q̃ o Reyno entaõ gouerna,
Foy Ioanne segundo,& Rey terzeno:
Este por auer fama sempiterna,
Mais do q̃ tentar póde homem terreno
Tentou,q̃ foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, q̃ eu vou buscãdo agora.

61

Manda seus cõpanheiros q̃ passàraõ
Espanha,França,Italia celebrada,
E là no illustre porto se embarcàraõ,
Onde ja foy Partenope enterrada,
Napoles onde os fados se mostràraõ,
Fazendoa a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co senhorio de inclitos Hispanos.

62

Polo mar alto Siculo nauegaõ,
Vãose às prayas de Rodes arenosas,
E dali às ribeiras altas chegaõ,
Que cõ morte de Magno saõ famosas:
Vão a Menfis,& às terras que se regaõ
Das enchentes Niloticas vndosas
Sobem à Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo là guarda o sancto rito

63

Passaõ tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficaõlhe atras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tãto hõrou
Cercaõ,com toda a Arabia descuberta
Felix,deixando a Petrea, & a Deserta.

64 Entraõ

Entraõ no eſtreito Perſico,onde dura
Da confuſa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates ſe meſtura,
Que as fontes onde naſcẽ tẽ por gloria:
Dali vam em demanda da agoa pura.
Que cauſa inda ſerà de larga hiſtoria
Do Indo, pellas ondas do Oceano
Onde naõ ſe atreueo paſſar Trajano.

65

Viram gentes incognitas,& eſtranhas
Da India,da Carmania,& Gedroſia,
Vendo varios coſtumes,varias manhas
Que cada Regiaõ produze & cria:
Mas de vias tam aſperas,tamanhas
Tornarſe facilmente naõ podia,
La morreraõ em fim,& la ficàraõ,
Que à deſejada patria naõ tornàraõ.

66

Parece que guardaua o claro ceo
A Manoel,& ſeus merecimentos,
Eſta empreſa tam ardua,que o moueo
A ſubidos & illuſtres mouimentos:
(Manoel,que a Ioane ſocedeo
No reyno,& nos altiuos penſamentos)
Logo como tomou do reyno cargo
Tomou mais a cõquiſta do mar largo.

67

O qual,como do nobre penſamento
Daquella obrigacaõ,que lhe ficàra
De ſeus antepaſſados, (cujo intento
Foy ſempre acrecentar a terra chara)
Naõ deixaſſe de ſer hum sò momento
Conquiſtàdo:No tẽpo que a luz clara
Foge,& as eſtrellas nitidas que ſaem
A repouſo conuidàõ,quando caem.

Eſtando ja deitado no aureo leito
Onde imaginaçoẽs mais certas ſam,
Reuoluendo contino no conceito
De ſeu officio,& ſangue a obrigaçam,
Os olhos lhe ocupou o ſonno aceito
Sem lhe deſocupar o coraçam,
Porque tanto que laſſo ſe adormece
Morfeo em varias formas lhe aparece.

69

Aqui ſe lhe apreſenta que ſubia
Taõ alto que tocaua à prima eſphera,
Donde diante varios mundos via
Naçoẽs de muita gẽte eſtranha,& fera:
E là bem junto donde nace o dia
Deſpois que os olhos lõgos eſtendera,
Vio ꝺ antigos lõginquos & altosmõtes
Nacerem duas claras & altas fontes.

70

Aues agreſtes,feras & alimarias
Pello monte ſeluatico habitauaõ,
Mil aruores ſylueſtres & heruas varias
O paſſo & o trato às gentes atalhauaõ
Eſtas duras montanhas aduerſarias
De mais cõuerſaçaõ,por ſy moſtrauaõ
q̃ deſque Adam peccou aos noſſos annos
Naõ as romperaõ nunca pès humanos.

71

Das agoas ſe lhe antolha q̃ ſahiaõ
Parelle os largos paſſos inclinando
Dous homẽs,que muy velhos pareciaõ
De aſpecto, inda q̃ agreſte,venerando:
Das pontas dos cabellos lhe ſahiaõ
Gotas,q̃ o corpo todo vaõ banhando,
A cor da pelle baça & denegrida,
A barba hirſuta,intonſa,mas cõprida.

Dambos de dous a fronte coroada
Ramos naõ conhecidos & heruas tinha
Hum delles a presença traz cansada
Como quẽ de mais longe ali caminha,
E assi a agoa com impeto alterada
Parecia que d'outra parte vinha,
Bẽ como Alfeo deArcadia em Syracusa
Vay buscar os abraços de Aretusa.

73

Este que era o mais graue na pessoa
Dest'arte pera o Rey de longe brada,
O tu a cujos reynos & coroa
Grande parte do mũdo està guardada,
Nos outros, cuja fama tanto voa
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,
Te auisamos q̃ he tempo que ja mãdes
A receber de nos tributos grandes.

74

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celestè, tenho o berço verdadeiro,
Estoutro he o Indo Rey que nesta serra
Que vès, seu nacimento tem primeiro:
Custartemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com naõ vistas victorias, sem receyo
A quantas gentes vès poràs o freyo.

75

Naõ disse mais o rio illustre & sancto,
Mas ambos desparecem num momẽto,
Acorda Emanuel c'hum nouo espanto
E grande alteraçaõ de pensamento:
Estendeo nisto febò o claro manto
Pello escuro emisferio sonolento:
veio a menhãa no ceo pintado as cores
De pudibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rey os ſenhores a conſelho
E propoẽlhe as figuras da viſam,
As palautas lhe diz do ſancto velho,
Que a todos foram grande admiraçaõ:
Determinão o nautico aparelho
Pera que com ſublime coraçaõ
Và a gente q̃ mandar cortando mares
A buſcar nouos climas,nouos ares.

77

Eu que bẽ mal cuidaua que em effeito
Se poſeſſe o que o peito me pedia,
Que ſempre grãdes couſas deſte geito
Preſago o coração me prometia:
Não ſey porque razão, porq̃ reſpeito,
Ou porque bõ ſinal que em mi ſe via,
Me poẽ o inclytoRey nas mãos a chaue
Deſte cometimento grande,& graue.

78

E com rogo & palauras amoroſas
q̃ he hũ mãdo nosReys q̃ a mais obriga
Me diſſe : As couſas arduas & luſtroſas
Se alcanção cõ trabalho & com fadiga:
Faz as peſſoas altas & famoſas
A vida que ſe perde & que periga,
q̃ quãdo ao medo infame não ſe rende
Então,ſe menos dura, mais ſe eſtende.

79

Eu vos tenho entre todos eſcolhido
Para hũa empreſa qual a vos ſe deue,
Trabalho illuſtre, duro & eſclarecido,
O que eu ſey que por mi vos ſerà leue:
Não ſofri mais,mas logo:ô Rey ſubido
Auenturarme a ferro,a fogo,a neue,
He tam pouco por vos,q̃ mais me pena
Ser eſta vida couſa tam pequena.

Imaginay tamanhas auenturas
Quais Euristeo a Alcides inuentaua,
O Leão Cleonêo, Arpias duras
O porco de Erimanto, a Ydra braua:
Decer emfim às sombras vãs & escuras
Onde os campos de Dite a Estige laua;
Porque a mayor perigo, a mòr afronta
Por vos, o Rey, o esprito & carne he
(prõpta.

81

Com merces sumptuosas me agradece,
E com razoẽs me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue & crece,
E o louuor altos casos persuade:
A açompanharme logo se offerece
Obrigado d'amor & d'amizade,
Não menos cobiçoso de hõra & fama,
O charo meu irmão Paulo da Gama.

82

Mais se me ajunta Nicolao Coelho
De trabalhos muy grande sofredor,
Ambos sam de valia & de conselho
D'experiencia em armas & furor:
Ia de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valor,
Todos de grãde esforço, & asi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

Forão de Emanoel remunerados,
Porque cõ mais amor se apercebessem
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos socedessem:
Asi forão os Mynias ajuntados
Pera que o veo dourado combatessem
Na fatidica Nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxinio, auentureira.

E ja no porto da inclyta Vlissea
C'hum alueroço nobre, & c'hũ desejo,
(Onde o licor mestura & branca area
Co salgado Neptuno o doce Tejo:)
As naos prestes estam,& não refrea
Temor nenhum o iuuenil despejo,
Porque a gente maritima & a deMarte
Estam pera seguirme a toda parte.

85

Pellas prayas vestidos os soldados
De varias cores vem,& varias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo nouas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados
Ondeão os aerios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ser no Olimpo estrellas como a de
(Argos.

86

Despois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede & manda,
Aparelhamos a alma pera a morte
q̃ sẽpre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o summo poder q̃ a Etherea corte
Sustenta sò co a vista veneranda,
Imploramos fauor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

87

Partimonos assi do sancto templo
Que nas prayas do mar està assentado,
Que o nome tẽ da terra,pera exemplo,
dõdeDeos foi em carne ao mũdo dado:
Certifico te,o Rey,que se contemplo
Como fuy destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duuida & receyo
q̃ apenas nos meus olhos ponho o freyo

88

A gente

A gente da Cidade aquelle dia
(Hũs por amigos,outros por parentes,
Outros por ver ſomente) concorria
Saudoſos na viſta & deſcontentes:
E nòs co a virtuoſa companhia
De mil religioſos diligentes,
Em prociſſam ſolene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

89

Em tam longo caminho & duuidoſo
Por perdidos as gentes nos julgauão,
As molheres c'hum choro piadoſo,
Os homẽs com ſoſpiros q̃ arrancauão:
Mãys,eſpoſas,irmãs,que o temeroſo
Amor mais deſconfia,acrecentauão
A deſeſperação, & frio medo
De ja nos não tornar a ver tam cedo.

90

Qual vai dizẽdo:O filho a quẽ eu tinha
Sò pera refrigerio,& doce emparo
Deſta canſada ja velhice minha,
q̃ em choro acabarà, penoſo & amaro:
Porq̃ me deixas miſera & mezquinha?
Porque de mi te vàs,o filho charo
A fazer o funereo enterramento
Onde ſejas de peixes mantimento?

91

Qual ẽ cabello:O doce & amado eſpoſo
Sem quẽ não quis amor q̃ viuer poſſa,
Porque his auenturar ao mar yroſo
Eſſa vida q̃ he minha,& não he voſſa?
Como por hum caminho duuidoſo
Vos eſquece a affeição tam doce noſſa?
Noſſo amor.noſſo vão contentamento
Quereis que cõ as vellas leue o vento?

Neſtas & outras palauras que dizião
De amor,& de piadoſa humanidade,
Os velhos & os mininos os ſeguião
Em quem menos esforço poẽ a idade:
Os montes de mais perto reſpondião
Quaſi mouidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banhauão
q̃ em multidão co ellas ſe igualauão.

93

Nos outros ſem a viſta aleuantarmos
Nem à mãy,nem a eſpoſa,neſte eſtado,
por nosnão magoarmos,ou mudarmos
Do propoſito firme começado:
Determiney de aſsi nos embarcarmos
Sem o deſpedimento cuſtumado,
Que poſto que he de amor vſança boa
A quem ſe aparta,ou fica,mais magoa.

94

Mas hũ velho d'aſpecto venerando,
Que ficaua nas prayas,entre a gente,
Poſtos em nos os olhos,meneando
Tres vezes a cabeça,deſcontente,
A voz peſada hum pouco aleuantando
Que nos no mar ouuimos claramente,
C'hum ſaber sò d'experiencias feito
Tais palauras tirou do experto peito.

95

ô gloria de mandar, ô vãa cubiça
Deſta vaidade, a quẽ chamamos Fama,
ô fraudulento goſto, que ſe atiça
C'hũa aura popular,q̃ honra-ſe chama:
Que caſtigo tamanho & que juſtiça
Fazes no peito vão que muito te ama,
Que mortes,que perigos,q̃ tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas.

96 Dura

Dura inquietação d'alma & da vida
Fonte de desemparos & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reynos, & de imperios:
Chamante illustre, chamante subida,
Sendo digna de infames vituperios,
Chamante fama, & gloria soberana,
Nomes cõ que se o pouo necio engana.

97

A que nouos desastres determinas
De leuar estes reynos & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preminente?
Que promessas de reynos, & de minas
Douro, que lhe faràs tam facilmente?
Que famas lhe prometeràs? q̃ historias?
Que triumphos? q̃ palmas? q̃ victorias?

98

Mas ô tu geração daquelle insano
Cujo peccado & desobediencia
Não somente do reyno soberano
Te pos neste desterro & triste ausencia:
Mas inda doutro estado maisq̃humano
Da quieta & da simpres innocencia,
Idade douro, tanto te priuou
Que na de ferro & d'armas te deitou.

99

Ia que nesta gostosa vaidade
Tanto enleuas a leue fantasia,
Ia que à bruta crueza & feridade
Poseste nome esforço & valentia,
Ia que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que deuia
De ser sempre estimada, pois que ja
Temeo tanto perdella quem a dà.

Não tens junto contigo o Ismaelita
Com quẽ sempre teràs guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a ley maldita
Se tu polla de Christo sò pellejas?
Não tem cidades mil,terra infinita,
Se terras & riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado
Se queres por victorias ser louuado?

101

Deixas criar às portas o inimigo
Por yres buscar outro de tam longe,
Por quem se despouoe o reyno antigo
Se enfraqueça & se và deitãdo a lõge:
Buscas o incerto & incognito perigo
Porque a fama te exalte & te lisonge,
Chamandote senhor com larga copia
Da India,Persia,Arabia, & da Etiopia.

102

ô maldito o primeiro q̃ no mundo
Nas ondas vella pòs em seco lenho,
Digno da eterna pena do profundo
Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
Nunca juyzo algũ alto & profundo.
Nem cythara sonora,ou viuo engenho
Te dè por isso fama,nem memoria,
Mas cõtigo se acabe ò nome & gloria.

103

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou aó peitó humano,
Fogo que o mũdo em armas accendeo
Em mortes, ẽ deshõras(grãde engano)
Quanto milhor nos fora Prometeo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tiuera
Fogo de altos desejos,que a mouera.

Não cometera o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio
O grande Architector co filho, dando
hũ nome ao mar, & o outro fama ao rio
Nenhum cometimento alto & nefando
Por fogo, ferro, agua, calma, & frio,
Deixa intentado a humana geração:
Misera sorte, estranha condição!

FIM.

CANTO V.

1

Stas ſentenças tais o ve
lho honrado
Vociferando eſtaua, quã
do abrimos
As aſas ao ſereno, & ſoſ-
ſegado
Vẽto, & do porto amado nos partimos
E como he ja no mar coſtume vſado
A vella desfraldando o Ceo ferimos,
Dizendo, Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o vſado mouimento.

2

Entraua neſte tempo o eterno lume
No animal Nemeyo truculento,
E o mundo que com tempo ſe cõſume
Na ſexta idade andaua enfermo, & lẽto
Nella vè, como tinha por coſtume
Curſos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nonenta & ſete, em q̃ corria
Quando no mar a armada ſe eſtendia.

3

Ia a viſta pouco, & pouco ſe deſterra
Da quelles patrios montes que ficauaõ
Ficaua o charo Tejo, & a freſca ſerra
De Sintra, & nella os olhos ſe alõgauaõ
Ficauanos tambem na amada terra
O coracaõ, que as magoas lâ deixauaõ,
E ja deſpois que toda ſe eſcondeo
Naõ vimos mais emfim q̃ mar, & Ceo.

4 Aſsi

Afsi fomos abrindo aquelles mares
Que geração algũa naõ abrio,
As nouas ilhas vendo,& os nouos ares
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes,& lugares,
Terra que Antèo num tempo possuyo
Deixando à maõ esquerda,q̃ ã direita,
Não ha certeza doutra,mas sospeita.

5

Passamos a grande ilha da madeira
Que do muito aruoredo asi se chama
Das que nòs pouoamos,a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nẽ por ser do mundo a derradeira
Se lhe auentajaõ quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecèra
De Cypro,Gnido,Pafos,& Cythèra.

6

Deixamos de Masilia a esteril costa
Onde seu gado os Azenegues pastaõ,
Gente que as frescas agoas nũca gosta,
Nem as eruas do campo bẽ lhe abastaõ
A terra a nenhũ fruto em fim desposta,
Onde as aues no ventre o ferro gastaõ,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Berberia de Etiopia.

7

Passamos o lemite donde chega
O Sol,que pera o Norte os carros guia
Onde jazem os pouos,a quem nega
O filho de Climène a cor do dia:
Aqui gentes estranhas laua,& rega
Do negro Sanagà a corrente fria.
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamandose dos nossos Cabo verde.

Paſſadas tendo ja as Canareas ilhas
Que tiueraõ por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas (das
Do velho Heſperio, Heſperidas chama
Terras por onde nouas marauilhas
Andàraõ vendo ja noſſas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

9

A aquella ilha aportamos, q̃ tomou
O nome do guerreiro Sanctiago,
Sancto que os Eſpanhoes tãto ajudou
A fazerem nos Mouros brauo eſtrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornamos a cortar o immenſo lago
Do ſalgado Occeano, & aſsi deixamos
A terra onde o refreſco doce achamos.

10

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa,que ficaua ao Oriente,
A prouincia Ialofo,que reparte
Por diuerſas naçoẽs a negra gente:
A muy grande Mandinga,por cuja arte
Logramos o metal rico,& luzente,
Que do Curuo Gambea as agoas bebe
As quaes o largo Atlantico recebe..

11

As Dorcadas paſſamos pouoadas
Das Irmaãs q̃ outro tempo ali viuiaõ,
Que de viſta total ſendo priuadas,
Todas tres d'hum ſo olho ſe ſeruiaõ:
Tu ſó,tu cujas trança as encreſpadas
Neptuno là nas agoas acendiaõ,
Tornada ja de todas a mais fea
De biuoras encheſte a ardente area,

Sépreemfim pera oAuſtro a agudaproa
No grandiſsimo golfaõ nos metemos
Deixando a ſerra aſperrima Lioa
CoCabo a quẽ dasPalmas nome demos
O grande rio,onde batendo ſoa
O mar nas prayas notas, que alj temos
Ficou,co a ilha illuſtre que tomou
O nome d'hum q̃ o lado a Deos tocou.

13

Aly o muy grande reyno eſtà de Congo
Por nòs ja conuertido à fé de Chriſto,
Por onde o Zaire paſſa claro, & longo
Rio pellos antigos nunca viſto:
Por eſte largo mar em fim me alongo
Do conhecido Polo de Caliſto,
Tendo o termino ardente ja paſſado,
Onde o meyo do mundo he limitado.

14

Ia deſcuberto tinhamos diante
Là no nouo Hemiſpherio noua eſtrella
Naõ viſta de outra gente,que ignorãte
Algũs tempos eſteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'eſtrellas menos bella,
Do Polo fixo,onde inda ſe naõ ſabe
Que outra terra comece, ou mar acabe

15

Aſsi paſſando aquellas regioẽs
Por onde duas vezes paſſa Apolo,
Dous inuernos fazendo,& dous veroẽs
Em quãto corre d'hum ao outro Polo:
Por calmas,por tormẽtas, & opreſſoẽs
Que ſempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Vrſas a peſar de Iuno
Banharenſe nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, q̃ os homẽs naõ entẽdẽ
Subitas trouoadas temerosas,
Relampados q̃ o ar em fogo acendem:
Negros chuueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trouões q̃ o mũdo fendẽ,
Não menos he trabalho, q̃ grande erro
Ainda que tiuesse a voz de ferro.

17

Os casos vi q̃ os rudos marinheiros
Q̃ tem por mestra a longa experiencia,
Cõtão por certos sẽpre, & verdadeiros
Iulgando as cousas só polla aparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, & por ciẽcia
Vem do mundo os segredos escõdidos
Iulgaõ por falsos, ou mal entendidos.

18

Vi claramente visto o lume viuo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tẽpo de tormenta, & vento esquiuo
De tempestade escura, & triste pranto:
Não menos foy a todos excessiuo
Milagre, & cousa certo de alto espanto
Ver as nuuẽs do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Occeano.

19

Eu o vi certamente (& não presumo
Que a vista me enganaua) leuantarse
No ar hum vaporsinho, & sutil fumo,
E do vento trasido, rodearse:
De aqui leuado hũ cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado que enxergarse
Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuuẽs parecia.

Hiase pouco,& pouco acrescentando
E mais q hũ largo masto se engrossaua,
Aqui se estreita,aqui se alarga,quando
Os golpes grãdes de agoa em si chupaua
Estauase co as ondas ondeando,
Encima delle hũa nuuem se espessaua,
Fazendose mayor,mais carregada
Coa carga grãde d'agoa em si tomada.

21

Qual roxa Sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (q imprudẽte,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co sangue alheyo a sede ardẽte:
Chupãdo mais&mais se engrossa &cria
Ali se enche,& se alarga grandemente,
Tal a grande coluna,enchendo aumẽta
A si,& a nuuem negra que sustenta.

22

Mas despois que de todo se fartou
O pè que tem no mar a si recolhe,
E pello Ceo chouendo em fim voou,
Porque coa agoa a jacente agoa molhe
Aas ondas torna as ondas que tomou
Mas o sabor do sal lhe tira,& tolhe,
Vejão agora os sabios na escriptura
Que segredos saõ estes de Natura.

23

Se os antigos Philosophos, q andàraõ
Tantas terras,por ver segredos dellas,
As marauilhas que eu passei,passàraõ
A tão diuersos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixàraõ
Que influiçaõ de signos,& de estrellas,
Que estrannezas,q grandes qualidades
E tudo sem mentir,puras verdades.

Mas ja o Planeta q̃ no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro (mãda
Mostràra, em quãto o mar cortaua a ar
Quãdo da Eterea gauea hũ marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

25

à maneira de nuués se começaõ
A descobrir os montes q̃ enxergamos,
As ancoras pesadas se adereçaõ,
As vellas ja chegados amaïnamos:
E pera que mais certas se conheçaõ
As partes tão remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuençaõ de sutil juizo, & sabio.

26

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro pouo não pisou:
Porèm eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura,
E conpassar a vniuersal pintura.

27

Achamos ter de todo ja passado
Do Semicapro pexè a grande meta,
Estando entre elle, & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
q̃ tomàraõ per força, em quãto apanha
De mel os doces fauos na montanha.

28 Torua-

Toruado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nòs, nem nòs a elle
Seluagem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se mouia.

29

Mãdo mostrarlhe peças mais somenos
Contas de Christalino transparente,
Algũs soantes cascaueis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinais, & por acenos
Que com isto se alegra grandemente,
Mandoo soltar cõtudo, & assi caminha
Pera a pouoaçaõ, que perto tinha,

30

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nùs, & da cor da escura treua,
Decendo pellos asperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domesticos ja tanto, & companheiros
Se nos mostraõ, que fazem q̃ se atreua
Fernão Vellosο a ir ver da terra o trato
E partirse co elles pello mato.

31

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas sendo hũ grãde espaço ja passado
Em que algũ bom final saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No auentureiro, eis pello monte duro
Aparece, & segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy depressa
Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro, & outro lhe saẽ: vesse em pressa
Velloso, sem q̃ alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, & ẽ quáto o remo aperto
Se mostra hũ bando negro descuberto.

33

Da espessa nuuem sétas, & pedradas
Chouem sobre nosoutros sem medida,
E não foraõ ao vento em vaõ deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nòs como pessoas magoadas
A reposta lhe demos tão tecida,
Que em mais q̃ nos barretes se sospeita
Que a cor vermelha leuaõ desta feita.

34

E sendo ja Velloso em saluamento
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia fea, & rudo intento
Da gente bestial, bruta, & maluada:
De quem nenhũ melhor conhecimẽto
Podèmos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della,
E assi torney a dar ao vento a vella.

35

Disse então a Velloso hũ cõpanheiro
(Começandose todos a sorrir)
Oulá Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de decer que de subir:
Si he, responde o ousado auentureiro,
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
Daquelles caẽs, depressa hũ pouco vim
Por me lembrar q̃ estaueis ca sem mim

Contou entaõ q̃ tanto que paſſàraõ
Aquelle mõte, os negros de quem fallo,
Auante mais paſſar o naõ deixàraõ,
Querendo, ſe naõ torna, ali matallo:
E tornandoſe, logo ſe emboſcàraõ,
Porque ſaindo nòs pera tomallo,
Nos podeſſem mandar ao reino eſcuro
Por nos roubarem mais a ſeu ſeguro.

37

Porèm ja cinco Soes eraõ paſſados
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca doutrem nauegados
Proſperamente os ventos aſſoprando:
Quando hũa noite eſtãdo deſcuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuuem que os ares eſcurece
Sobre noſſas cabeças aparece.

38

Taõ temeroſa vinha, & carregada
Que pos nos coraçoẽs hũ grande medo
Bramindo o negro mar, de lõge brada
Como ſe déſſe em vaõ nalgũ rochedo:
ô poteſtade, diſſe, ſublimada,
Que ameaço diuino, ou que ſegredo,
Eſte clima, & eſte mar nos apreſenta,
Que mòr couſa parece que tormenta?

39

Naõ acabaua, quando hũa figura
Se nos moſtra no ar, robuſta, & valida,
De disforme, & grandiſsima eſtatura,
O roſto carregado, a barba eſqualida:
Os olhos encouados, & a poſtura
Medonha & mà, & a cor terrena & palida
Cheos de terra, & creſpos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grãde era de membros, q̃ bẽ posso
Certificarte, que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hũ dos sete milagres foy do mũdo
Cũ tõ de voz nos falla horrẽdo & grosso,
Que pareceo sair do mar profundo,
Arrepiaõse as carnes, & o cabello
A my, & a todos, só de ouuilo, & vello.

41

E disse: ò gente ousada mais q̃ quãtas
No mundo cometeraõ grandes cousas,
Tu que por guerras cruas, taes, & tãtas,
E por trabalhos vaõs nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E nauegar meus longos mares ousas,
q̃ eu tãto tẽpo ha ja q̃ guardo, & tenho
Nũca arados destranho, ou proprio le-
(nho.

42

Pois vens ver os segredos escõdidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimẽto
Ouue os danos de my, que apercebidos
Estaõ, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar, & polla terra
Que inda has de sojugar cõ dura guerra

43

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atreuidas,
Inimiga teràm esta paragem
Com ventos, & tormentas desmedidas
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja mòr o dano, que o perigo.

Aqui efpero tomar fe naõ me engano
De quem me defcobrio fuma vingança
E não fe acabarà fó nifto o dano
De voffa pertinace confiança:
Antes em voffas naos vereis cada anno
Se he verdade o q̃ meu juyzo alcança,
Naufragios,perdiçoẽs de toda forte,
Que o menor mal de todos feja a morte

45

E do primeiro Illuftre,q̃ a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serei eterna,& noua fepultura
Por juyzos incognitos de Deos:
Aqui porà da Turca armada dura
Os foberbos,& profperos tropheos,
Comigo de feus danos o ameaça
A deftruida Quiloa com Mombaça.

46

Outro tãbem virà de honrada fama
Liberal,caualeiro,enamorado,
E configo trarà a fermofa dama
q̃ Amor por grã merce lhe terà dado:
Trifte ventura,& negro fado os chama
Nefte terreno meu,que duro, & yrado,
Os deixarà d'hum crù naufragio viuos
Pera verem trabalhos excefsiuos.

47

Veraõ morrer cõ fome os filhos caros
Em tanto amor gèrados,& nafcidos,
Veraõ os Cafres afperos,& auaros
Tirar à linda dama feus veftidos.
Os criftalinos membros,& perclaros
Aa calma,ao frio,ao ar veraõ defpidos
Defpois de ter pifada longamente
Cos delicados pès a area ardente.

E veraõ mais os olhos q̃ eſcaparem
De tanto mal, de tanta deſuentura,
Os dous amantes miſeros ficarem
Na feruida, & inplacabil eſpeſſura:
Ali deſpois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dòr, de magoa pura,
Abraçados as almas ſoltaràm
Da fermoſa, & miſerrima priſam.

49

Mais hia por diãte o mõſtro horrẽdo
Dizendo noſſos fados, quando alçado
Lhe diſſe eu. Quẽ es tu, q̃ eſſe eſtupẽdo
Corpo, certo me tem marauilhado.
A boca, & os olhos negros retorcendo,
E dando hũ eſpantoſo, & grande brado
Me reſpondeo cõ voz peſada, & amara
Como quem da pregunta lhe peſara.

50

Eu ſou aquelle occulto, & grãde Cabo
A quẽ chamais voſoutros Tormẽtorio
q̃ nũca à Ptolomeu, Põponio, Eſtrabo,
Plinio, & quantos paſſaraõ fuy notorio
Aqui toda a Africana coſta acabo
Neſte meu nunca viſto Promontorio,
Que pera o Polo Antartico ſe eſtende
A quem voſſa ouſadia tanto offende.

51

Fuy dos filhos aſperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Adamaſtor, & fuy na guerra
Cõtra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que poſeſſe ſerra ſobre ſerra
Mas cõquiſtando as ondas do Occeano
Fuy capitaõ do mar, por onde andaua
A armada de Neptuno, q̃ eu buſcaua.

52 Amores

Amores da alta esposa de Pelèo
Me fizeraõ tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezei do Ceo
Sò por amar das agoas a Princesa:
Hum dia a vi coas filhas de Nerèo
Sair nua na praya,& logo presa
A vontade sinti,de tal maneira
Que inda não sinto cousa q̃ mais queira

53

Como fosse impossiuel alcançalla,
Polla grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomalla
E a Doris este caso manifesto:
De medo aDeosa entaõ por mi lhe falla
Mas ella cum fermoso riso honesto,
Respondeo. Qual serà o amor bastante
De Nimpha q̃ sustẽte o d'hum Gigante

54

Com tudo por liurarmos o Occeano
De tanta guerra,eu buscarei maneira
Com q̃ com minha hõra escuse o dano
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair naõ pude neste engano,
(Que he grande dos amãtes a cegueira)
Encheraõme cõ grandes abondanças
O peito de desejos,& esperanças.

55

Ia nescio,ja da guerra desistindo
Hũa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis vnica despida:
Como doudo corri delonge,abrindo
Os braços,pera aquella que era vida
Deste corpo,& começo os olhos bellos
A lhe beijar,as faces,& os cabellos.

O que naõ sei de nojo como o cõte
q̃ crendo ter nos braços quem amaua,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua:
Estando cum penedo fronte a fronte
Qu'eu pollo rosto angelico apertaua,
Nã fiquei homẽ naõ, mas mudo & quedo
E junto d'hum penedo outro penedo.

57

ò Nimpha a mais fermosa do Occeano
Ia que minha presença naõ te agrada,
Que te custaua terme neste engano,
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada
Daqui me parto irado, & quasi insano
Da magoa, & da deshonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde naõ visse
Quẽ de meu prãto & de meu mal se risse

58

Eraõ ja neste tempo meus irmaõs
Vẽcidos, & em miseria extrema postos
E por mais segurarse os Deoses vaõs
Algũs a varios montes sottopostos:
E como contra o Ceo naõ valem maõs
Eu q̃ chorando andaua meus desgostos
Comecey a sentir do fado imigo
Por meus atreuimentos o castigo.

59

Conuerteseme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeraõ,
Estes membros que ves, & esta figura
Por estas longas agoas se estenderaõ:
Emfim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo conuerteraõ
Os Deoses & por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando destas agoas

Asſi contaua, & cũ medonho choro
Subito dante os olhos ſe apartou,
Desfezſe a nuuem negra, & cũ ſonoro
Bramido, muito longe o mar ſoou:
Eu, leuãtando as maõs ao ſancto Coro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deos pedi que remoueiſe os duros
Caſos, que Adamaſtor contou futuros.

61

Ia Phlegon, & Pyrois vinhaõ tirãdo
Cos outros dous o carro radiante,
Quãdo a terra alta ſe nos foy moſtrãdo
Em que foy conuertido o graõ gigante:
Ao longo deſta coſta, começando
Ia de cortar as ondas do Leuante,
Por ella abaixo hũ pouco nauegamos
Onde ſegunda vez terra tomamos.

62

A gente que eſta terra poſſuhia
Poſto que todos Ethiopes eraõ,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, q̃ tã mal nos receberaõ:
Com bailos, & com feſtas de alegria
Pella praya arenoſa a nós vieraõ,
As molheres conſigo, & o manſo gado
Que apacentauaõ, gordo, & bẽ criado.

63

As molheres queimadas, vem encima
Dos vagaroſos bois, ali ſentadas,
Animais que elles tem em mais eſtima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas paſtoris, em proſa, ou rima,
Na ſua lingoa cantaõ concertadas,
Co doce ſom das ruſticas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataraô,
Trazendonos galinhas, & carneiros
A troco doutras peças q̃ leuàraõ: (ros
Mas como nũca em fim meus cõpanhei
Palaura sua algũa lhe alcançàrão,
Que desse algum final do q̃ buscamos:
As vellas dando, as ancoras leuamos.

65

Ia aqui tinhamos dado hũ grão rodeyo
à costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o Polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscaua
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle ilheo fèz seu limite certo.

66

Daqui fomos cortando muitos dias
(Entre tormentas tristes, & bonanças,)
O largo mar, fazendo nouas vias
Sò condusidos de arduas esperanças:
Co mar hum tẽpo andamos em porfias
Que como tudo nelle saõ mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante
Que passar não deixaua por diante.

67

Era mayor a força em demasia
Segundo pera tras nos obrigaua,
Do mar, que contra nòs ali corria,
Que por nòs a do vento que assopraua:
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estaua
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrẽte

68 Trazia

Trazia o Sol o dia celebrado
Em q̃ tres Reys das partes do Oriente
Forão buſcar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamẽte
Neſte dia outro porto foy tomado
Por nôs, da meſma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.

69

Deſta gente refreſco algũ tomamos,
E do rio freſca agoa, mas, com tudo
Nenhum ſinal aqui da India achamos
No pouo com noſoutros caſi mudo:
Ora vè Rey quamanha terra andamos,
Sem ſair nunca deſtc pouo rudo,
Sem vermos nunca noua, nem ſinal
Da deſejada parte Oriental.

70

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas, & por mares não ſabidos:
E do eſperar comprido tão canſados
Quanto a deſeſperar ja compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de noſſa humanidade.

71

Corrupto ja, & danado o mantimẽto
Danoſo&mao ao fraco corpo humano
E alem diſſo nenhum contentamento
Que ſe quer da eſperança foſſe engano
Cres tu que ſe eſte noſſo ajuntamento
De ſoldados, não fora Luſitano,
Que duràra elle tanto obediente
Por vẽtura a ſeu Rey, & a ſeu regente?

Cres tu que ja não forão leuantados
Contra seu capitão se os resistira,
Fazendose Piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemẽte por certo estão prouados
Pois q̃ nenhum trabalho grãde os tira
Daquella Portuguesa alta excellencia
De lealdade firme, & obediencia.

73

Deixãdo o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos desta costa algum desuio
Deitando pera o pego toda a armada:
Porque ventando Noto manso, & frio
Não nos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz ali daquella banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

74

Esta passada, logo o leue leme
Encomendado ao sacro Nicolao, (me
Pera onde o mar na costa brada, & ge-
A proa inclina d'hũa, & doutra nao:
Quãdo indo o coração q̃ espera, & teme
E que tanto fiou d'hum fraco pao,
Do que esperaua ja desesperado
Foy d'hũa nouidade aluoroçado.

75

E foy, que estando ja da costa perto
Onde as prayas, & valles bem se vião,
Num rio que ali sae ao mar aberto
Bateis à vela entrauão, & sahião:
Alegria muy grande foy por certo
Acharmos ja pessoas que sabião
Nauegar, porque entr'ellas esperamos
De achar nouas algũas, como achamos

Ethiopes saõ todos, mas parece
Que com gente melhor comunicauão,
Palaura algũa Arabia se conhece
Entre a lingoagem sua que falauão:
E com pano delgado que se tece
De algodão, as cabeças apertauão,
Com outro que de tinta azul se tinge
Cada hum as vergonhosas partes cinge

77

Pella Arabica lingoa que mal falão,
E q̃ Fernão Martinz muy bem entende,
Nos dizem, q̃ por naos q̃ estas igoalão
Na grãdeza, o seu mar se corta, & fende:
Mas q̃ là donde sae o Sol, se abalão (de
Pera onde a costa ao Sul se alarga & estẽ
E do Sul pera o Sol, terra onde auia
Gente assi como nòs da cor do dia.

78

Muy grandemente aqui nos alegramos
Coa gẽte, & com as nouas muito mais,
Pellos sinais que neste rio achámos
O nome lhe ficou dos bons sinais.
Hum padrão nesta terra aleuantámos,
Que pera assinalar lugares tais
Trazia algũs, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

79

Aqui de limos, cascas, & d'ostrinhos,
Nojosa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Lõgos do mar, vẽ sordidas, & immũdas:
Dos hóspedes que tinhamos vizinhos
Com mostras aprasiueis, & jocundas,
Ouuemos sempre o vsado mantimẽto
Limpos de todo o falso pensamento,

Mas não foy, da esperãça grãde & immẽsa
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recompensa
A Ramnusia com noua desuentura:
Asi no Ceo sereno se dispensa,
Co esta condição pesada, & dura
Nacemos, o pesar terà firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81

E foy que de doença crua, & feya
A mais que eu nunca vi, desempararão
Muitos a vida & em terra estranha & a-
Os ossos pera sẽpre sepultarão: (lheya
Quem auerà que sem o ver o creya,
Que tã disformemẽte ali lhe incharão
As gengiuas na boca, que crecia
A carne, & juntamente apodrecia.

82

Apodrecia cum fetido, & bruto
Cheiro, q̃ o ar visinho inficionaua,
Não tinhamos ali medico astuto,
Sururgiam sutil menos se achaua: (cto
Mas qualquer neste officio pouco instru
Pella carne ja podre asi cortaua
Como se fora morta, & bem conuinha
Pois que morto ficaua quem a tinha.

83

Em fim que nesta incognita espessura
Deixamos pera sempre os cõpanheiros
q̃ em tal caminho, & em tãta desuẽtura
Forão sempre com nosco auẽtureiros:
Quã facil he ao corpo a sepultura (teiros
Quaesquer ondas do mar, quaesquer ou
Estranhos, asi mesmo como aos nossos
Receberão de todo o illustre, os ossos.

84 Asi

Assi que deste porto nos partimos
Com mayor esperança,& mòr tristeza,
E pella costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum sinal de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos
De cuja falsidade,& mà vileza
Ia seràs sabedor,& dos enganos
Dos pouos de Mōbaça pouco humanos

85

Atè que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura,& doce tratamento
Darà saude a hũ viuo & vida a hũ morto
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso,aqui doce conforto,
Noua quietação do pensamento
Nos dèste, & vès aqui se atēto ouuiste,
Te contei tudo quanto me pediste.

86

Iulga agora Rey se ouue no mundo
Gentes,que tais caminhos cometessem?
Crès tu que tanto Eneas,& o facundo
Vlysses,pello mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo
Por mais versos q̃ delle se escreuessem
Do q̃ eu vi,a poder d'esforço,&de arte
E do q̃ inda ei de ver, a oitaua parte?

87

Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si,Rode, Smirna, & Colofonia,
Atenas,Yos,Argo,& Salamina:
Essoutro que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona,& diuina
Ouuindo,o patrio Mincio se adormece
Mas o Tibre co som se ensoberuece.

88 Cantem

Cãtẽ,louuẽ,& escreuão sẽpre estremos
Desses seus Semideoses,& encareção,
Fingindo Magas Circes,Polifemos,
Syrenas que co canto os adormeção:
Denlhe mais nauegar à vella, & remos
Os Cicones,& a terra onde se esquecão
Os companheiros em gostando o Loto,
Denlhe perder nas agoas o Piloto.

89

Ventos soltos lhe finjão,& imaginem
Dos odres,& Calipsos namoradas,
Harpias,que o manjar lhe contaminem,
Decer às sombras nuas ja passadas:
Que por muito, & por muito q̃ se afinẽ
Nestas fabulas vaãs tambem sonhadas,
A verdade que eu conto nua,& pura
Vence toda grandiloca escriptura.

90

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estauão todos embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos grandes,& subidos:
Louua o Rey o sublime coração
Dos Reys em tãtas guerras conhecidos
Da gente louua a antiga fortaleza,
A lealdade d'animo,& nobreza.

91

Vay recontando o pouo que se admira
O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tam longos caminhos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descansar nos Tethios braços
E elRey se vay do mar aos nobres paços

Quaõ doce he o louuor,&a justa gloria
Dos proprios feitos,quãdo saõ soados,
Qualquer nobre trabalha q̃ em memoria
Venҫa, oú iguale os grãdes ja passados.
As enuejas da illustre,& alhea historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas obras exercita
Louuor alheo muito o esperta,&incita.

93

Nam tinha em tãto os feitos gloriosos
De Achiles,Alexandro na pelleja,
Quanto de quem o canta,osnumerosos
Versos,isso só louua,isso deseja:
Os tropheos de Melciades famosos
Tem stocles despertaõ só de enueja,
E diz,que nada tanto o deleitaua
Como a vez que seus feitos celebraua.

94

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas naueganҫoẽs q̃ o mũdo canta
Não merecem tamanha gloria,& fama;
Como a sua,q̃o Ceo,& a terra espanta:
Si mas aquelle Heroe q̃ estima,& ama
Com doẽs,merces,fauores,& hóra tãta
A lira Mantuana faz que soe
Eneas,& a Romana gloria voe.

95

Dà a terra Lusitana Scipioẽs,
Cesares,Alexandros,& dà Augustos,
Mas não lhe dà cõ tudo aquelles doẽs
Cuja falta os faz duros,& robustos:
Octauio,entre as mayores opressoẽs
Compunha versos doutos, & venustos,
Não dirà Fuluia certo que he mentira
Quãdo a deixaua Antonio por Glafira.

96 Vay

Vay Cesar sojugando toda França
E as armas naõ lhe empedem asciencia
Mas nũa mão a pena,& noutra a lança
Igualaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe & alcança
He nas comedias grande experiencia,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

97

Em fim não ouue forte Capitão
Que não fosse tambem douto,& sciẽte
Da Lacia,Grega, ou Barbara nação
Se não da Portuguesa tão somente:
Sem vergonha o não digo,que a rezão
Dalgum não ser por versos excelente,
He não se ver prezado o verso & rima,
Por q̃ quẽ não sabe arte não na estima.

98

Por isso, & não por falta de Natura
Não ha tãbẽ Virgilios,nem Homeros,
Nem auerà se este costume dura
Pios Eneas,nem Achiles feros:
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tam asperos os fez,& tam Austèros,
Tam rudos, & de engenho tam remisso
q̃ a muitos lhe dà pouco, ou nada disso

99

Aas Musas agardeça o nosso Gama
O muito amor da patria,que as obriga
A dar aos seus na lira nome,& fama
De toda a illstre, & bellica fadiga:
q̃ elle,nẽ quẽ na estirpe seu se chama,
Caliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo,que deixassem,
As tellas douro fino,&que o cantassem

100 Por

Porq̃ o amor fraterno,& puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louuor,he somente o presuposto
Das Tagides gentìs,& seu respeito:
Porèm não deixe enfim de ter desposto
Ninguem a grãdes obras sẽpre o peito
Que por esta,ou por outra qualquer via
Não perderà seu preço,& sua valia.

F I M.

CANTO VI.

1

NAõ ſabia em que modo feſtejaſſe
O Rey Pagàm os fortes nauegantes,
Pera que as amizades alcançaſſe
Do Rey Chriſtão, das gẽtes tã poſsãtes:
Peſalhe que tam longe o apoſentaſſe
Das Europeas terras abundantes,
A ventura, que não no fez viſinho
Dõde Hercules ao mar abrio caminho.

2

Com jogos, danças, & outras alegrias
A ſegundo a policia Melindana,
Com vſadas, & ledas peſcarias
Cõ q̃ a Lageia Antonio alegra, & engana
Eſte famoſo Rey todos os dias
Feſteja a companhia Luſitana,
Com banquetes, manjares deſuſados,
Com frutas, aues, carnes, & peſcados.

3

Mas vendo o Capitão que ſe detinha
Ia mais do que deuia, & o freſco vento
O conuida que parta, & tome aſinha
Os Pilotos da terra, & mantimento,
Não ſe quer mais deter, q̃ ainda tinha
Muito pera cortar do ſalſo argento:
Ia do Pagàm benigno ſe deſpede,
Que a todos amizade longa pede.

4 Pedelhe

Pedelhe mais; que aquelle porto seja
Sempre com suas Frotas visitado,
Que nenhum outro bem mayor deseja,
q̃ dar a tais baroẽs seu reyno,& estado:
E que em quãto seu corpo o sprito reja
Estarà de contino aparelhado
A pòr a vida,& reyno totalmente
Por tão bom Rey,por tão sublime gẽte.

5

Outras palauras tais lhe respondia
O Capitão,& logo as vellas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha ja q̃ vay buscãdo:
No Piloto que leua não auia
Falsidade,mas antes vay mostrando
A nauegação certa,& assi caminha
Ia mais seguro do que dantes vinha.

6

As ondas nauegauão do Oriente
Ia nos mares da India,& enxergauaõ
Os talamos do Sol,que nace ardente,
Ia quasi seus desejos se acabauaõ:
Mas o mao de Tionèo, q̃ na alma sente
As venturas, que então se aparelhauaõ
à gente Lusitana dellas dina,
Arde,morre,blasfema,& desatina.

7

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa noua Roma,
Não no pòde estoruar,que destinado
Està doutro poder que tudo doma:
Do Olimpo dece em fim desesperado,
Nouo remedio em terra busca,& toma,
Entra no humido reyno,& vaise à Corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte

No mais interno fundo das profũdas
Cauernas altas, onde o mar se esconde,
Là donde as ondas saem furibundas
Quãdo às iras do vento o mar respõde
Neptuno mora, & morão as jocundas
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde
As agoas campo deixão às Cidades,
Que habitão estas humidas deidades.

9

Descobre o fundo nunca descuberto
As areas ali de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto
Tanto menos a vista determina
Se he cristal o que vè, se diamante,
Que assi se mostra claro, & radiante.

10

As portas d'ouro fino, & marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura fermosa estão lauradas,
Na qual do irado Baco a vista pace:
E vè primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tam confusa face,
Vense os quatro elemẽtos trasladados
Em diuersos officios occupados.

11

Ali sublime o Fogo estaua encima,
Que em nenhũa materia se sostinha,
Daqui as cousas viuas sempre anima,
Despois q̃ Prometheo furtado o tinha:
Logo apos elle leue se sublima
O inuisiuel Ar, que mais asinha
Tomou lugar, & nẽ por quẽte, ou frio
Algum deixa no mundo estar vasio.

12 Estaua

Eſtaua a terra em montes reueſtida
De verdes eruas,& aruores floridas,
Dando paſto diuerſo,& dando vida
às alimarias nella produzidas:
A clara forma ali eſtaua eſculpida
Das agoas entre a terra deſparzidas,
De peſcados criando varios modos,
Cō ſeu humor mātēdo os corpostodos

13

Noutra parte eſculpida eſtaua a guerra
Que tiuerão os Deoſes cos Gigantes,
Eſtà Tifeo debaxo da alta ſerra
De Etna,que as flamas lança crepitātes
Eſculpido ſe vè ferindo a terra
Neptuno,quando as gentes ignorātes,
Delle o cauallo ouueram,& a primeira
De Minerua pacifica Oliueira.

14

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na viſta deſtas couſas,mas entrandoſ
Nos paços de Neptuno,que auiſado
Da vinda ſua,o eſtaua ja aguardando:
às portas o recebe,acompanhado
Das Nimphas,q̃ ſe eſtaõ marauilhādo,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reyno d'agoa,o Rey do vinho

15

ô Neptuno,lhe diſſe,não te eſpantes
De Baco nos teus reynos receberes,
Porq̃ tambem cos grandes,& poſſantes
Moſtra a Fortuna injuſta ſeus poderes:
Māda chamar os Deoſes do mar, antes
q̃ fale mais,ſe ouuirme o mais quiſeres
Verão da deſuentura grandes modos,
Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle,logo manda
Tritão,q̃ chame os Deose da agoa fria,
q̃ o mar habitão d'hũa,& doutra bãda,
Tritão,que de ser filho se gloria
Do Rey,& de Salacia veneranda,
Era mancebo grande,negro,& feyo
Trombeta de seu pay,& seu Correyo.

17

Os cabellos da barba,& os q̃ decem
Da cabeça nos hombros,todos erão
Hũs limos prenhes d'agoa,& bẽ parecẽ
Que nunca brãdo pentem conhecerão:
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros Mixilhões, que ali se gerão;
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa muy grande casca de Lagosta.

18

O corpo nù,& os membros genitais
Por não ter ào nadar impedimento,
Mas porèm de pequenos animais
Do mar,todos cubertos cento,& cẽto:
Camarões,& Cangrejos,& outros mais
Que recebem de Phebo crecimento,
Ostras,& Camarões do musco sujos,
Às costas coa casca os Caramujos.

19

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia,com força ja tocaua,
A voz grande canora foy ouuida
Por todo o mar,que longe retumbaua:
Ia toda a companhia apercebida
Dos Deoses,pera os Paços caminhaua
Do Deos,que fez os muros de Dardania
Destroidos despois da Grega insania,

20 Vinha

Vinha o Padre Oceano acõpanhàdo
Dos filhos,& das filhas que gerara,
Vem Nereo,que com Doris foy casado
Que todo o mar de Nimphas pouoara:
O Propheta Proteo,deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali veyo tambem,mas ja sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

21

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno,de Celo, & Vesta filha,
Graue, & leda no gesto, & tão fermosa
Que se amansaua o mar de marauilha:
Vestida hũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa verse,
Que tanto bem não he pera escõderse.

22

Anfitrite fermosa como as flores,
Neste caso não quis que faleceſſe,
O Delfin traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedeceſſe
Cos olhos que de tudo saõ senhores
Qualquer parecerà que o Sol venceſſe,
Ambas vem pella mão,igoal partido
Pois ambas saõ esposas d'hum marido

23

Aquella que das furias de Atamante
Fugindo,veyo a ter diuino estado,
Consigo traz o filho,bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas,q̃ o salgado
Mar sempre cria, & às vezes pella area
No colo a toma a bella Panopea.

E o Deos q̃ foy nũ tẽpo corpo humano
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em pexe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feyo engano,
Que Circes tinha vsado coa fermosa
Scylla, q̃ elle ama, desta sendo amado
q̃ a mais obriga amor mal empregado.

25

Ia finalmente todos assentados
Na grande sala nobre, & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que cõ Thebano tinha assento igoal:
De fumos enche a casa a rica massa
q̃ no marnace & Arabia em cheiro passa

26

Estando sossegado ja o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto
A causa o Tyonèo de seus tormentos:
Hum pouco carregandosse no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos
So por dar aos de Luso triste morte
Cõ ferro alheyo, fala desta sorte,

27

Principe que de juro senhoreas
D'hũ Polo, ao outro Polo o mar irado,
Tu que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu padre Oceano, que rodeas
O mundo vniuersal, & o tens cercado:
E com justo decreto assi permites,
Que dentro viuão sé de seus limites.

E vos Deoses do mar; que não sofreis
Injuria algũa em vosso reyno grande,
Que cõ castigo igoal vos não vingueis
De quem quer q̃ por elle corra, & ande:
Que descuido foy este em q̃ue viueis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Cõtra os humanos fracos, & atreuidos?

29

Vistes que com grandissima ousadia
Forão ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vella, & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas, & insolencias tais, que temo
q̃ do mar, & do Ceo em poucos annos
Venhaõ Deoses a ser, & nòs humanos.

30

Vedes agora a fraca geração
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & altiuo coração,
A vos, & a my, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reyno deuassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

31

Eu vi q̃ contra os Mynias, q̃ primeiro
No vosso reyno este caminho abriraõ,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistiraõ:
Pois se do ajuntamento auentureiro
Os ventos esta injuria asi sentiraõ,
Vos a quem mais cõpete esta vingança
Que esperais, porq̃ a pódes emtardãça?

E não consinto Deoses que cuideis
Que por amor de vos do Ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, q̃ sabeis
Que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33

Que o graõ Senhor, & fados q̃ destinaõ
Como lhe bem parece, o baxo mundo,
Famas mores que nunca determinaõ
De dar a estes baroẽs no mar profũdo:
Aqui vereis ò Deoses como ensinaõ
O mal tambem a Deoses: que a segundo
Se ve, ninguem ja tem menos valia
Que quem com mais rezão valer deuia

34

E por isso do Olimpo ja fugi,
Buscãdo algũ remedio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharey nos vossos mares:
Mais quis dizer, & naõ passou daqui,
Porque as lagrimas ja corrẽdo a pares
Lhe saltàraõ dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades dagoa em fogo

35

A irà com que subito alterado
O coração dos Deoses foy num ponto,
Não sofreo mais conselho, bẽ cuidado,
Nem dilação, nem outro algũ descõto:
Ao grande Eolo mandão ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes
Que não aja no mar mais nauegantes.

Bem quisera primeiro ali Protheo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era algũa profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

37

Ia là o soberbo Hypotades soltaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varoẽs audaces, & animosos
Subito o Ceo sereno se obumbraua,
Que os ventos mais q̃ nũca impetuosos
Começaõ nouas forças a ir tomando,
Torres, montes, & casas derribando.

38

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa Frota.
Com vento sossegado proseguia
Pello tranquilo mar, a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Emisphèrio està remota,
Os do quarto da prima se deitauaõ,
Pera o segundo os outros despertauaõ

39

Vẽcidos vem do sono, & mal despertos
Bocejando a miudo se encostauaõ,
Pellas antenas, todos mal cubertos,
Cõtra os agudos ares que assoprauaõ.
Os olhos contra seu querer abertos
Mal esfregando, os membros estirauaõ,
Remedios cõtra o sonno buscar querẽ,
Historias contaõ, casos mil referem.

Com q̃ melhor podemos,hum dizia,
Este tempo passar,que he tão pesado,
Se naõ com algum conto de alegria
Com que nos deixe o sono carregado?
Responde Lionardo,que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhores
Pera passar o tempo,que de amores?

41

Não he,disse Veloso,cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar,que tãto custa,
Não sofre amores,nem delicadeza:
Antes de guerra feruida,& robusta
A nossa historia seja,pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo
Que o trabalho por vir mo està dizẽdo.

42

Cõsentem nisto todos,& encomẽdaõ
A Veloso que conte isto que aproua,
Contarei disse, sem que me reprendaõ
De contar cousa fabulosa,ou noua:
E porq̃ os q̃ me ouuirẽ daqui aprẽdaõ
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nacidos direy na nossa terra,
E estes sejaõ os doze de Inglaterra.

43

No tempo que do reyno a redea leue
Ioaõ filho de Pedro moderaua,
Despois que sossegado,& liure o teue
Do visinho poder que o molestaua:
La na grande Inglaterra,que da neue
Boreal sempre abunda,semeaua
A fera Erinis dura,& mà cizania
Que lustre fosse a nossa Lusitania.

44 Entre

Entre as damas gentis daCorte Inglesa
E nobres cortesaós,a caso hum dia
Se leuantou discordia em ira acesa,
Ou foy opinião,ou foy porfia:
Os Cortesaós a quem tam pouco pesa
Soltar palauras graues de ousadia,
Dizem que prouaràm q̃ hóras,& famas
Em tais damas naó ha,pera ser damas.

45

E q̃ se ouuer alguem cõ lãça, & espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua:
A femenil fraqueza pouco vsada
Ou nunca a oprobrios tais,vẽdose nua
De forças naturais conuenientes,
Socorro pede a amigos,& parentes.

46

Mas como fossem grãdes,& posśãtes
No reyno os inimigos, naõ se atreuem
Nem parentes,nem feruidos amantes
A sustentar as damas,como deuem:
Com lagrimas fermosas,& bastantes
A fazer q̃ em socorro os Deoses leuem
De todo o Ceo,por rostos de alabastro
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47

Era este Ingres potente,& militàra
Cos Portugueses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas prouàra
Dos companheiros,& benigna estrella:
Não menos n'esta terra esprimentàra
Namorados affeitos,quando nella
A filha vio,que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por molher a tóma.

Eſte que ſocorrer lhe naõ queria
Por naõ cauſar diſcordias inteſtinas
Lhe diz, quando o direito pretendia
Do reyno là das terras Iberinas,
Nos Luſitanos vi tanta ouſadia,
Tanto primor, & partes tàm diuinas,
Que elles ſos poderiaõ, ſe não erro
Suſtentar voſſa parte a fogo, & ferro.

49

E ſe agrauadas damas ſois ſeruidas,
Por vos lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas diſcretas, & polidas,
De voſſo agrauo os façaõ ſabedores:
Tambem por voſſa parte encarecidas
Com palauras d'afagos, & d'amores
Lhe ſejaõ voſſas lagrimas, que eu creyo
Que ali tereis ſocorro, & forte eſteyo.

50

Deſt'arte as acõſelha o Duque experto
E logo lhe nomea doze fortes,
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que ſobr'elles lãcem ſortes
Que ellas ſo doze ſaõ: & deſcuberto
Qual a qual tem caido das conſortes,
Cad'hũa eſcreueaõ ſeu por varios modos
E todas a ſeu Rey, & o Duque a todos.

51

Ia chega a Portugal o menſageiro,
Toda a Corte aluoroça a nouidade,
Quiſera o Rey ſublime ſer primeiro,
Mas naõ lho ſofre a Regia Mageſtade:
Qualquer dos corteſaõs auentureiro
Deſeja ſer, com feruida vontade,
E ſo fica por bemauenturado,
Quem jà vem pello Duque nomeado.

Ia na leal Cidade, donde teue
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leue
Manda o que tem o leme do gouerno:
Apercebense os doze em tempo breue
Darmas, & roupas deuso mais moderno
De elmos, cimeras, letras, & primores,
Cauallos, & concertos de mil cores.

53

Ia do seu Rey tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foraõ do Duque Ingres esprimentado:
Naõ ha na companhia differença
De caualeiro, destro, ou esforçado:
Mas hum so, que Magriço se dizia,
Dest'arte falla à forte companhia.

54

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q̃ as do Douro & Tejo
Varias gentes, & leys, & varias manhas:
Agora que aparelho certo vejo, (nhas)
(Pois q̃ do mundo as cousas saõ tama-
Quero se me deixais, ir so por terra,
Porq̃ eu serey conuosco em Inglaterra.

55

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he vltima linha,
Naõ for conuosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por my fareis o, que he deuido:
Mas se a verdade o sprito me adiuinha
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja
Naõ faraõ que eu conuosco là naõ seja

Asi diz,& abraçados os amigos,
E tomada licença,em fim se parte,
Passa Liaõ,Castella vendo antigos
Lugares , que ganhàra o patrio Marte:
Nauarra,cos altisimos perigos
Do Perineo,que Espanha,&Galia parte
Vistas em fim deFrāça as cousas grādes
No grāde Imperio foy parar de Frādes

57

Alli chegado,ou fosse caso,oũ manha,
Sem passar se deteue muitos dias,
Mas dos onze a illustrisima cõpanha
Cortaõ do mar doNorte as ondas frias
ChegadosdeInglaterra à costa estranha
Pera Londres ja fazem todos vias,
Do Duque saõ com festa agasalhados,
E das damas seruidos,& amimados.

58

Chegase o prazo, & dia asinalado,
De entrar,em cāpo ja cos dozeIngreses
Que pello Rey ja tinhaõ segurado,
Armanse delmos,greuas, & de arneses:
Ia as damas tē por si fulgēte,& armado
O Mauorte feroz dos Portugueses,
Vestense ellas de cores,& de sedas
De ouro,& de joyas mil,ricas, & ledas.

59

Mas àquella , a quē fora em sorte dado
Magriço,que naõ vinha,com tristeza
Se veste,por naõ ter quem nomeado
Seja seu caualeiro,nesta empresa:
Bem que os onze apregoaõ, q̃ acabado
Serà o negocio asi na Corte Ingresa,
Que as damas vencedoras se conheçaõ
Posto q̃ dous,& tres dos seus falleçaõ.

Ia num ſublime,& pubrico theatro
Se aſſenta o Rey Ingres cõ toda aCorte
Eſtauaõ tres,& tres,& quatro,&quatro
Bẽ como a cada qual coubera em ſorte
Naõ ſaõ viſtos do Sol doTejo ao Batro
De força,esforço,&danimo mais forte
Outros doze ſair como os Ingreſes
No campo,cõtra os onze Portugueſes.

61

Maſtigaõ os caualos eſcumando
Os aureos freos, com feroz ſembrante
Eſtaua o Sol nas armas rutilando
Como em criſtal, ou rigido diamante:
Mas enxergaſſe num, & noutro bando
Partido deſigoal,& diſſonante
Dos onze contra os doze:quãdo a gẽte
Começa a aluoroçarſe geralmente.

62

Viraõ todos o roſto aonde auia
A cauſa principal do reboliço,
Eis entra hũm caualeiro,que trazia
Armas,caualo,ao bellico ſeruiço:
Ao Rey, & às damas fala, & logo ſe hia
Pera os onze,q̃ eſte era o graõMagriço
Abraça os cõpanheiros como amigos,
A quem naõ falta certo nos perigos.

63

A dama como ouuio,q̃ eſte era aquelle
q̃ vinha a defender ſeu nome, & fama,
Se alegra,& veſte ali do animal deHele
Que a gente bruta mais q̃ virtude ama:
Ia daõ final,& o ſom da tuba impelle
Os belicoſos animos,que inflama,
Picaõ deſporas,largaõ redeas logo,
Abaxaõ lanças,fere a terra fogo.

Dos caualos o eſtrepito parece
Que faz,q̃ o chaõ debaixo todo treme,
O coraçaõ no peito,que eſtremece
De quem os olha,ſe aluoroça,& teme:,
Qual do caualo voa,que naõ dece,
Qual co caualo em terra dando, geme
Qual vermelhas as armas faz de brãcas
Qual cos penachos do elmo açouta as
(anças.

65

Algum dali tomou perpetuo ſono,
E fez da vida ao fim breue interualo,
Correndo algum cauallo vay ſem dono
E noutra parte o dono ſem caualo:
Cae a ſoberba Ingreſa de ſeu trono,
Que dous,ou tres ja fóra vaõ do valo,
Os que de eſpada vem fazer batalha,
Mais achaõ ja q̃ arnes,eſcudo,&malha

66

Gaſtar palauras em contar eſtremos
De golpes feros,cruas eſtocadas,
He deſſes gaſtadores,que ſabemos
Maos do tempo,com fabulas ſonhadas
Baſta por fim do caſo,que entendemos
Que com finezas altas,& affamadas,
Cos noſſos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras,&:com gloria.

67

Recolhe o Duque os doze vẽcedores
Nos ſeus Paços,com feſtas,& alegria,
Cozinheiros occupa,& caçadores
Das damas a fermoſa companhia,
Que querem dar aos ſeus libertadores
Banquetes mil,cada hora , & cada dia,
Em quanto ſe detem em Inglaterra,
Atè tornar à doce,& chara terra.

68 Mas

Mas dizem q̃ cõtudo o graõ Magriço
Deſejoſo de ver as couſas grandes,
Là ſe deixou ficar, onde hum ſeruiço
Notauel à Condeſſa fez de Frandes:
E como quem não era ja nouiço
Em todo trance, onde tu Marte mãdes,
Hum Frãces mata em cãpo, q̃ o deſtino
Là teue de Torcato, & de Coruino.

69

Outro tãbem dos doze em Alemanha
Sè lança, & teue hum fero deſafio
Cum Germano enganoſo, q̃ cõ manha
Não diuida o quis pòr no eſtremo fio:
Contando aſsi Veloſo, ja a companha
Lhe pede, que naõ faça tal deſuio
Do caſo de Magriço, & vencimento,
Nẽ deixe o de Alemanha ẽ eſquecimẽto

70

Mas neſte paſſo aſsi prõptos eſtãdo
Eis o meſtre, q̃ olhando os ares anda,
O apito toca, acordaõ deſpertando
Os marinheiros d'hũa, & doutra bãda:
E porque o vento vinha refreſcando,
Os traquetes das gaueas tomar manda,
Alerta, diſſe, eſtay, que o vento crece
Daquella nuuem grande que aparece.

71

Naõ eraõ os traquetes bem tomados,
Quando dà a grande, & ſubita procella
Amaina, diſſe o meſtre a grãdes brados
Amaina, diſſe, amaina a grande vella:
Não eſperaõ os ventos indinados,
Que amainaſſem, mas jũtos dãdo nella
Em pedaços a fazem, cum ruido
Que o mundo pareceo ſer deſtruydo.

O Ceo fere com gritos nisto a gente
Cum subito temor,& desacordo,
Que no romper da vela a Nao pẽdente
Toma gram soma dagoa pello bordo,
Alija,disse o mestre,rijamente,
Alija tudo ao mar,não falte acordo,
Vão outros dar à bomba não cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.

73

Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba, & tanto que chegàraõ,
Os balanços,que os mares temerosos
Derão à Nao, nũ bordo os derribàraõ:
Tres marinheiros duros,& forçosos
A menear o leme não bastàraõ,
Talhas lhe punhão dhũa,&doutra parte
Sẽ aproueitar dos homẽs força, & arte

74

Os ventos eraõ tais, q̃ naõ podèraõ
Mostrar mais força dimpeto cruel,
Se pera derribar entaõ vieraõ
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares,que creceraõ,
A pequena grandura d'hum batel,
Mostra a possante Nao, q̃ moue espãto
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

75

A Nao grãde,em q̃ vay Paulo da Gama
Quebrado leua o masto pello meyo,
Quasi toda alagada:a gente chama
Aquelle que a saluar o mundo veyo:
Não menos gritos vaõs ao ar derrama
Toda a Nao de Coelho,com receyo,
Com quanto teue o mestre tanto tento
Que primeiro amainou q̃ desse o vẽto.

Agora sobre as nuuens os subiaõ
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que deciaõ
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriaõ
Arruinar a machina do mundo,
A noite negra, & feya se alumia,
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

77

As Alcioneas aues triste canto
Iunto da costa braua leuantàraõ,
Lembrandose de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhe causaraõ:
Os Delfins namorados entre tanto
Là nas couas maritimas entràraõ,
Fugindo à tempestade, & ventos duros
q̃ nem no fundo os deixa estar seguros

78

Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O graõ ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o graõ Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No graõ diluuio, donde sos viueraõ
Os dous q̃ em gẽte as pedras cõuerteraõ

79

Quantos montes entaõ, q̃ derribàraõ
As ondas que batiaõ denodadas,
Quantas aruores velhas arrancàraõ
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes não cuidàraõ
Que nunca pera o Ceo fossem viradas,
Nem as fundas areas que podessem
Tãto os mares q̃ encima as reuoluessẽ.

Vendo Vasco da Gama q̃ tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar atè o inferno aberto,
Ora com noua furia ao Ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, & forte
Que o impossiuel pòde, desta sorte.

81

Diuina guarda, angelica, celeste,
Que os Ceos, o mar, & terra senhoreas,
Tu que a todo Israel refugio dèste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo, & defendeste
Das Syrtes arenosas, & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Pouoador do alagado, & vacuo mũdo.

82

Se tenho nouos medos perigosos
Doutra Scylla, & Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, & baxos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu seruiço só pretende?

83

ô ditosos aquelles que puderaõ
Entre as agudas lanças Affricanas
Morrer, em quanto fortes sostiueraõ
A sancta Fè, nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberaõ,
De quem ficaõ memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella
Doce fazendo a morte as honras della.

Assi dizendo os ventos que lutauaõ,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais a tormenta acrecentauaõ
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos não cessauaõ,
Fèros trouões que vem representando
Cair o Ceo dos exos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa strela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitaua
A terra, & o largo mar, cõ leda fronte:
A Deosa que nos Ceos a gouernaua,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto q̃ o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

86

Estas obras de Baco saõ por certo,
Disse, mas não serà, que auante leue
Tão danada tençaõ, que descuberto
Me serà sempre o mal a que se atreue:
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quãto manda, às Nimfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pòr de rosas.

87

Grinaldas manda pòr de varias cores
Sobre cabellos louros à porfia,
Quem não dirà, que nacem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrãdolhe às amadas Nimfas bellas
Que mais fermosas vinhão q̃ as estrellas

Asi foy, porque tanto que chegàraõ
Aa vista dellas, logo lhe falecem
As forças, com que dantes pelejàraõ,
E ja como rendidos lhe obedecem:
Os pès, & mãos, parece, que lhe atàraõ
Os cabellos, que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peito mais qneria,
Asi disse a bellisima Oritia.

88

Não creas, fero Boreas, que te creyo
Que me tiueste nunca amor constante,
q brãdura he deamor maiscerto arreyo
E não conuem furor a firme amante:
Se ja não poẽs a tanta insania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor cõtigo, em medo se cõuerte.

89

Asi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crè que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coraçaõ no peito lhe não cabe,
De contente de ver q̃ a dama o manda
Pouco cuida que faz se logo abranda.

90

Desta maneira as outras amansauão
Subitamente os outros amadores,
E logo à linda Venus se entregauão,
Amansadas as iras, & os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauão
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomãdolhe omenagẽ
De lhe serem leais esta viagem.

Iá a menhaã clara daua nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinheiros
Enxergàraõ terra alta pella proa,
Ia fóra de tormenta,& dos primeiros
Mares,o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecut,se não me engano

92

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India,que aparece:
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece:
Sofrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão,as mãos ao Ceo
A merce grande a Deos agardeceo.

93

As graças a Deos daua, & razão tinha
Que não somente a terra lhe mostraua
Que com tanto temor buscando vinha
Por quem tanto trabalho esprimẽtaua,
Mas viase liurado tão asinha
Da morte,que no mar lhe aparelhaua
O vento duro.feruido.& medonho,
Como quẽ despertou de horrẽdo sonho

94

Por meyo destes horridos perigos
Destes trabalhos graues,& temores,
Alcanção os q̃ saõ de fama amigos(res:
As hóras immortais,& os graos mayo-
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados.entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não cos mãjares nouos,& exquisitos
Não cos passeos moles,& ociosos,
Não cos varios deleites,& infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tẽ sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhũ q̃ o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.

96

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, q̃ elle chame proprias suas,
Vigiando,& vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades, & ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul,& regioẽs de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hũ arduo sofrimento.

97

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro,ledo,inteiro,
Pera o pilouro ardente,que assouia,
E leua a perna,ou braço ao cõpanheiro.
Dest'arte o peito hum calo hõroso cria
Desprezador das honras,& dinheiro,
Das honras,& dinheiro, que a ventura
Forjou,& não virtude justa,& dura.

98

Dest'arte se esclarece o entẽdimẽto
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo,como de alto assento
O baxo tracto humano embaraçado,
Este onde tiuer força o regimento
Direito,& não de affeitos occupado,
Subirà (como deue) a illustre mando,
Contra vontade sua,& não rogando.

FIM.

CAN-

CANTO VII.

1

IA se viaõ chegados junto à terra,
Que desejada ja de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora:
Ora sus gente forte que na guerra
Quereis leuar a palma vencedora,
Ia sois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

2

A vos, ò geração de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mũdo:
Não digo inda no mũdo, mas no amigo
Curral de quem gouerna o ceo rotũdo:
Vos, a quem não somente algũ perigo
Estorua conquistar o pouo inmundo:
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, q̃ nos ceos està em essencia.

3

Vos Portugueses poucos, quãto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezais
Vos que à custa de vossas varias mortes
A ley da vida eterna dilatais:
Assi do ceo deitadas saõ as sortes,
Que vos por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
q̃ tãto, ò Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacẽta
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor, & noua ceita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se não contẽta,
Nao contra o superbissimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo duro Ingres, que se nomea
Rey da velha, & sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quẽ vio honra tam longe da verdade)
Entre as Boreais neues se recrea,
Noua maneira faz de Christandade,
Pera os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

6

Guardalhe por entanto hũ falso Rey
A Cidade Hierosolima terreste,
Em quãto elle não guarda a sancta ley,
Da Cidade Hierosolima celeste:
Pois de ti Gallo indigno que direy?
Que o nome Christianissimo quiseste,
Não pera defendelo, nem guardalo,
Mas pera ser contra elle, & derribalo.

7

Achas que tẽs direito em senhorios
De Christãos, sẽdo o teu tã largo, & tãto,
E não contra o Cynifio, & Nilo rios
Inimigos do antigo nome sancto,
Ali se haõ de prouar da espada os fios,
Em quẽ quer reprouar da Igreja o cãto
De Carlos, de Luis, o nome, & a terra
Erdaste, & as causas naõ da justa guerra

8 Pois.

Pois que dirrey daquelles q̃ em delicias
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastaõ as vidas, lograõ as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

9

ô miseros Christaõs, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũs aos outros se daõ à morte dura
Sendo todos de hũ ventre produzidos?
Naõ vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendose famosos pela guerra?

10

Vedes q̃ tem por vso, & por decreto,
Do qual saõ tam inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto, (tes.
Cõtra os pouos, q̃ saõ de Christo amã-
Entre vos nunca deixa a fera Aleto
De samear cizanias repugnantes,
Olhay s'estais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos.

11

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz yr conquistar terras alheas,
Naõ vedes que Pactolo, & Hermo rios,
Ambos voluem auriferas areas,
Em Lidia, Assiria lauraõ de ouro os fios
Africa esconde em si luzentes veas,
Mouauos ja se quer riqueza tanta,
Pois mouer vos naõ pode a casa Sãcta.

Aquellas inuenções feras,& nouas
De instrumentos mortais da artelharia
Ia deuem de fazer as duras prouas
Nos muros de Bizancio,& de Turquia.
Fazei que torne là às filuestres couas
Dos Caspios montes,& da Cytia fria,
A Turca geração,que multiplica
Na policia da vossa Europa rica,

13

Gregos,Traces,Armenios, Georgianos
Bradando vos estaõ,que o pouo bruto
Lhe obriga os carosfilhos aos profanos
Preceptos do alcoraõ (duro tributo)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriay de peito forte,& astuto,
E naõ queirais louuores arrogantes,
De serdes cõtra os vossos muy possãtes

14

Mas em tanto que cegos, & sedẽtos
Andais de vosso sangue,ô gente insana
Não faltaràm Christaõs atreuimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Affrica tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegàra.

15

E vejamos em tanto,que acontece
Aaquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a brãda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas persias tam constantes,
Onde vem semear de Christo a ley,
E dar nouo costume,& nouo Rey.

16 Tanto

Tanto que à noua terra se chegàraõ
Leues embarcaçoẽs de pescadores
Achàraõ, que o caminho lhe mostràraõ
De Calecut onde eraõ moradores:
Pera la logo as proas se inclinàraõ,
Porque esta era a Cidade das melhores
Do Reyno Malauar, onde viuia
O Rey que a terra toda possuhia.

17

Alem do Indo jaz, & àquem do Gange,
Hũ terreno muy grãde, & assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emodio cauernoso:
Iugo de Reys diuersos o constrange
A varias leys: algũs o vicioso
Mafoma, algũs os Idolos adoraõ,
Algũs os animais, q̃ entre elles moraõ.

18

La bem no grande monte, q̃ cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tam diuersos vay tomando
Segundo as regioẽs por onde corre:
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso.

19

Entre hũ & o outro rio, em grãde espaço
Sae da larga terra hũa longa ponta
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilaõ insula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos da terra moradores
Do cheiro se mantem das finas flores.

Mas agora de nomes,& de vſança,
Nouos,& varios ſaõ os habitantes:
Os Delijs,os Patanes, que em poſſança
De terra,& gente, ſaõ mais abundãtes,
Decanis,Oriâs,que a eſperança
Tem de ſua ſaluaçaõ nas reſonantes
Agoas do Gange,& a terra de Bengala
Fertil de ſorte q̃ outra naõ lhe igoala.

21

O Reyno de Cambaya bellicoſo
(Dizem que foy de Poro Rey potente)
O Reyno de Narſinga poderoſo,
Mais de ouro,& pedras,q̃ de forte gẽte
Aqui ſe enxerga la do mar vndoſo
Hum monte alto,que corre longamẽte,
Seruindo ao Malauar de forte muro,
Com que do Canarà viue ſeguro.

22

Da terra os naturais lhe chamaõ Gate,
Do pè do qual pequena quantidade
Se eſtende hũa fralda eſtreita, q̃ cõbate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades ſem debate,
Calecut tem a illuſtre dignidade,
De cabeça de Imperio rica,& bella,
Samorim ſe intitula o ſenhor della.

23

Chegada a frota ao rico ſenhorio,
Hum Portugues mandado logo parte
A fazer ſabedor o Rey gentio
Da vinda ſua a tam remota parte:
Entrando o menſageiro pelo Rio,
Que ali nas ondas entra,a nãovíſta arte
A cor,o geſto eſtranho,o trajo nouo
Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello contorria
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na regiaõ da Berberia,
La onde fora Anteo obedecido:
Ou pela vezinhança ja teria
O Reyno Lusitano conhecido,
Ou foy ja assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tam longo desterro

25

Em vendo o mensageiro cõ jocundo
Rosto,como quẽ sabe a lingoa Hispana
Lhe disse,quẽ te trouxe a estoutro mũdo
Tam longe da tua patria Lusitana?
Abrindo lhe responde o mar profundo
Por onde nunca veyo gente humana,
Vimos buscar do Indo a graõ corrente
Por onde a ley diuina se acrecente.

26

Espantado ficou da gram viagem
O mouro que Monçaide se chamaua,
Ouuindo as oppressoẽs que na passagẽ
Do mar,o Lusitano lhe contaua,
Mas vendo em fim, q̃ a força da mẽsagẽ
Sò pera o Rey da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da Cidade,
Mas do caminho pouca quantidade.

27

E queem tãto q̃ a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda,se queria
Na sua pobre casa repousasse
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse
Coelle pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha
q̃ achar gẽte visinha em terra estranha.

O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come & bebe,& lhe obedece:
Ambos se tornaõ logo da cidade,,
Pera a frota, q̃ o Mouro bem conhece,
Sobem à Capitaina,& toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

29

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouuindo clara a lingoa de Castella,
Jũto de si o assenta,& prõpto, & quedo
Pela terra pregunta,& cousas della:
Qual se ajũtaua emRodope o aruoredo
So por ouuir o amante da donzella
Euridice,tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouuir o Mouro.

30

Elle começa, ô gente que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tam grande,ou q̃ ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
Não he sem causa não occulta,&escura
Vir do longinco Tejo,& ignoto Minho
Por mares nunca doutro lenho arados
A Reynos tam remotos,& apartados.

31

Deos por certo vos traz , porq̃ pretẽde
Algum seruiço seu por vos obrado,
Por isso só vos guia,& vos defende
Dos imigos do mar,do vento irado:
Sabey q̃ estais na India,onde se estende
Diuerso pouo,rico,& prosperado,
De ouro luzente,& fina pedraria,
Cheiro suaue,ardente especiaria.

32 Esta

Esta Prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malauar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reys he, mas d'hũ só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramà Perimal foy derradeiro
Rey, q̃ este Reyno teue vnido, & inteiro.

33

Porèm como a esta terra entaõ viessem
De là do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que prègàndo conuertessem
O Perimal, de sabios, & eloquentes,
Fazenlhe a ley tomar com feruor tãto,
Que presupòs de nella morrer sancto.

34

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, q̃ a ley pubrica:
Antes que parta, o Reyno poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sogeitos.

35

A hum Cochim, & a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
A qual Coulão, a qual dà Cranganor,
E os mais, a quẽ o mais serue, & cõtẽta:
Hũ só moço a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
Pera este Calecut somente fica,
Cidade ja por tracto nobre, & rica.

Esta lhe dà co titulo excellente
De Emperador, q̃ sobre os outros mãde
Isto feito se parte diligente
Pera onde em sãcta vida acabe, & ande
E daqui fica o nome de potente
Camorî, mais q̃ todos digno, & grande
Ao moço, & descendentes, donde vem
Este, que agora o Imperio mãda, & tem

37

A ley da gente toda, rica, & pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andão nùs, & somente hum pano cobre
As partes, que a cubrir natura ensina:
Dous modos ha de gente, porq̃ a nobre
Naires chamados saõ, & a menos digna
Poleàs tem por nome, a quem obriga
A ley não mesturar a casta antiga.

38 (cio.

Porq̃ os q̃ vsaraõ sẽpre hũ mesmo offi-
De outro não podem receber consorte
Nem os filhos teraõ outro exercicio,
Senão o de seus passados atè morte:
Pera os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca por vẽtura,
Cõ seremonias mil se alimpa, & apura.

39

Desta sorte o Iudaico pouo antigo
Não tocaua na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia:
Os Naires sòs saõ dados ao perigo
Das armas, sòs defendem da contraria
Bãda o seu Rey, trazẽdo sẽpre vsada (da
Na esquerda a adarga & na dereita a espa

Bramenes saõ os seus religiosos
Nome antigo,& de grande preminēcia
Obseruão os preceitos tam famosos
D'hũ,que primeiro pos nome à sciēcia:
Não matão cousa viua,& temerosos
Das carnes tem grandissima abstinēcia
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença,& menos regimento

41

Gerais saõ as molheres: mas somēte
Pera os da geração de seus maridos:
Ditosa condição,ditosa gente,
Que não saõ de ciumes offendidos:
Estes,& outros costumes variamente
São pelos Malauares admitidos,
A terra hegrossa ē trato,em tudo aquillo
Q̃ as ondas podē dar da China ao Nilo.

42

Assi contaua o Mouro: mas vagādo
Andaua a fama ja pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rey saber mandaua da verdade:
Ia vinhão pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo,& idade,
Os principaes q̃ o Rey buscar mādāra,
O Capitão da armada que chegāra.

43

Mas elle, que do Rey ja tem licença
Pera desembarcar,acompanhado
Dos nobres Portugueses sem detença
Parte de ricos panos adornado:
Das cores a fermosa differença
A vista alegra ao pouo aluoroçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar,despois o fresco rio.

Na praya hũ regedor do Reino estaua,
Que na sua lingoa Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperaua
Com desusada festa ao nobre Gama:
Ia na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que va, costume vsado
Que nos hõbros dos homẽs he leuado.

45

Desta arte o Malauar, dest'arte o Luso
Caminhão la pera onde o Rey o espera
Os outros Portugueses vão ao vso
Que infantaria segue esquadra fera:
O pouo que concorre vay confuso
De ver a gente estranha, & bem quisera
Perguntar: mas no tempo ja passado.
Na torre de Babel lhe foy vedado.

46

O Gama, & o Catual hião fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Assi pela cidade caminhando
Onde hũa rica fabrica se erguia
De hũ sumptuoso templo, ja chegauaõ
Pelas portas do qual juntos entrauaõ.

47

Ali estaõ das Deidades as figuras
Esculpidas em pao, & em pedra fria,
Varios degestos, varios de pinturas,
A segundo o Demonio lhe fingia:
Vense as abcminaueis esculturas,
Qual a Chimera em membros se varia,
Os Christãos o os a ver Deos vsados
Em forma hum na estão marauilhados

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
Outro num corpo rostos tinha vnidos
Bem como o antigo Iano se pintaua:
Outro com muitos braços diuididos
A Briareo parece que imitaua:
Outro fronte Canina tem de fora,
Qual Anubis Menfitico se adora.

49

Aqui feita do barbaro gentio
A superstíciosa adoração,
Direitos vaõ sem outro algum desuio
Pera onde estaua o Rey do pouo vão:
Engrossando se vay da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitão,
Estão pelos telhados,& janellas
Velhos,& moços,donas,& donzellas.

50

Ia chegão perto,& não cõ passos lẽtos,
Dos jardins odoriferos fermosos,
Que em si escõdem os regios aposentos
Altos de torres não,mas sumptuosos,
Edificaõ os nobres seus assentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Assi viuem os Reys daquella gente,
No campo,& na cidade juntamente.

51

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe laua,
Regeo hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes Tirsos pelejaua,
Por elle edificada estaua Nisa
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tão proprio, que se ali estiuer Semelle
Dirà por certo, que he seu filho aquelle

53

Mais auante bebendo seca o rio,
Muy grande multidão da Assiria gente
Sujeita a feminino senhorio,
De hũa tam bella, como incontinente;
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

54

Daqui mais apartadas tremolauão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia, & sojugauão,
Ate as agoas Gangeticas vndosas:
Dum capitão mancebo se guiauão
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de Filipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta.

55

Os Portugueses vendo estas memorias
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virà que outras victorias,
Estas que agora olhais abaterão:
Aqui se escreuerão nouas historias,
Por gentes estrangeiras que virão,
Que os nossos sabios magos o alcançarão
Quando o tempo futuro especularão.

E dizlhe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha
Não valerà dos homẽs resistencia,
Q̃ contra o Ceo não val da gẽte manha:
Mas tambem diz q̃ a bellica excellẽcia
Nas armas,& na paz,da gente estranha
Serà tal,que serà no mundo ouuido
O vencedor,por gloria do vencido.

57

Assi fallando entrauão ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador
Nũa camilha jaz,que não se igoala
De outra algũa no preço,& no valor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando,& prospero senhor,
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

58

Bem junto delle hũ velho reuerente
Cos giolhos no chaõ,de quãdo ẽ quãdo
Lhe daua a verde folha da erua ardẽte
Que a seu costume estaua ruminando:
Hum Bramene,pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera q̃ ao grande Principe o apresente
Que diante lhe acena que se assente.

59

Sentado o Gama junto ao rico leito
Os seus mais afastados,prõpto em vista
Estaua o Samorì no trajo,& geito
Da gente,nunca de antes delle vista:
Lançando a graue voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opiniaõ do Rey,& do pouo todo
O Capitão lhe falla deste modo.

Hũ grande Rey, de là das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz ſolar coa terra eſconde,
Tingindo a quedeixou de eſcura noda:
Ouuindo do rumor que là reſponde
O eco, como em ti da India toda
O principado eſtà, & a mageſtade,
Vinculo quer contigo de amizade.

61

E por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer ſaber que tudo aquillo
Que ſobre o mar, q̃ ſobre asterras anda
De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:
E deſda fria plaga de Gelanda
Ate bem donde o Sol naõ muda o eſtilo
Nos dias, ſobre a gente de Ethiopia,
Tudo tẽ no ſeu Reyno em grãde copia.

62

E ſe queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade ſacra & nua,
Comercio conſentir das abundanças
Das fazendas da terra ſua, & tua,
Porque creçaõ as rendas, & abaſtanças
Por quem a gente mais trabalha, & ſua,
De voſſos Reynos, ſerà certamente
De ti proueito, & delle gloria ingente.

63

E ſendo aſsi que o nò deſta amizade
Entre vos firmemente permaneça,
Eſtarà prompto a toda aduerſidade,
Que por guerra a teu Reyno ſe offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por irmaõ te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti ſobriſto poſta
Me des a my certiſsima repoſta.

64 Tal

Tal embaxada daua o Capitaõ,
A quem o Rey gentio respondia,
Que em ver embaxadores de naçaõ
Tam remota, graõ gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençaõ
Com os de seu conselho tomaria,
Informandose certo de quem era
O Rey, & a gente, & terra que dissera.

65

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, & em tẽpo breue
Daria a seu despacho hum justo talho
Com que a seu Rey reposta alegre leue:
Ia nisto punha a noite o vsado ataluo
Aas humanas canseiras, porque ceue
De doce sono os mẽbros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ocio dados

66

Agasalhados foraõ juntamente,
O Gama, & Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas, & geral contentamento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rey, tinha ja por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que ley, que terra tinha.

67

Tanto q̃ os igneos carros do fermoso
Mancebo Delio vio, que a luz reuoua,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poderse informar da gente noua:
Ia lhe pergunta prompto, & curioso
Se tem noticia inteira, & certa proua
Dos estranhos quẽ saõ, q̃ ouuido tinha
Que he gẽte de sua patria muy vizinha

Que particularmente ali lhe désse
Informaçaõ muy larga,pois fazia
Nisso seruiço ao Rey , porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizerte disto mais naõ saberia,
Somente sey q̃ he gente là de Hespanha
Onde o meu ninho,& oSol no mar se ba (nha.

69

Tem a ley dum Propheta,que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãy,tal que por bafo està aprouado
Do Deos,q̃ tem do mundo o regimẽto:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles,he que o valor sanguinolento
Das armas,no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

70

Porq̃ elles comvirtude sobre humana
Os deitàraõ dos campos abundosos
Do rico Tejo,& fresca Goadiana,
Com feitos memoraueis,& famosos:
E naõ contentes inda na Affricana
Parte,cortando os mares procelosos
Nos não querem deixar viuer seguros,
Tomandonos cidades,& altos muros.

71

Não menos tẽ mostrado esforço,& ma- (nha
Em quaesquer outrasguerras q̃ aconte- (çaõ
Ou das gẽtes beligeras deEspanha
Ou là dalgũs que do Pirene deçaõ:
Assi que nũca em fim cõ lança estranha
Se tem,que por vencidos se conheçaõ,
Nẽ se sabe inda naõ,te afirmo,&assello
Pera estes Anibais nenhum Marcello.

72 E se

E s'esta informaçaõ naõ for inteira
Tanto quanto conuem,delles pretende
Informarte,que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja,& offẽde:
Vayverlhe a frota,as armas,&a maneira
Do fundido metal,que tudo rende,
E folgaràs de veres a policia
Portuguesa na paz,& na milicia.

73

Ia com desejos o Idolatra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contaua,
Manda esquipar bateis,q̃ yr ver queria
Os lenhos em que o Gama nauegaua:
Ambos partem da praya,a quem seguia
A Naira geraçaõ, que o mar coalhaua,
Aa Capitaina sobem forte,& bella
Onde Paulo os recebe a bordo della.

74

Purpureos saõ os toldos,& as bãdeiras
Do rico fio saõ,que o bicho gera,
Nellas estaõ pintadas as guerreiras
Obras,que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais auẽtureiras,
Desafios crueis,pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.

75

Pelo que vè pregunta:mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A ceita Epicurea,esperimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor,que Noe mostrára à gente:
Mas comer o gentio não pretende,
Que a ceita que seguia lho defende.

76 A trom-

A trõbeta q̃ em paz no penſamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico inſtrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o gentio nota:mas o intento
Moſtraua ſempre ter nos ſingulares
Feitos dos homẽs,q̃ em retrato breue
A muda poeſia ali deſcreue.

77

Alçaſe em pè, co elle os Gamas jũto
Coelho de outra parte,& o Mauritano
Os olhos poem no bellico traſunto
De hũ velho branco,aſpeito venerãdo,
Cujo nome não pode ſer defuncto (no,
Em quãto ouuer no mũdo trato huma-
No trajo a Grega vſança eſtà perfeita,
Hum ramo por inſignia na dereita.

78

Hum ramo na mão tinha:mas ô cego
Eu que cometo inſano,& temerario,
Sẽ vos Nimfas do Tejo, & do Mõdego,
Por caminho tam arduo,lõgo,&vario:
Voſſo fauor inuoco,que nauego
Por alto mar,comvento tam contrario
Que ſe naõ me ajudais,ei grande medo
Que o meu fraco batel ſe alague cedo.

79

Olhay q̃ ha tanto tempo, q̃ cãtando
O voſſo Tejo,& os voſſos Luſitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhosvẽdo,& nouos danos:
Agòra o mar,agora eſprimentando
Os perigos Mauorcios inhumanos,
Qual Canace que à morte ſe condena,
Nũa mão ſẽpre a eſpada,&noutra a pena

80 Agora

Agora com pobreza auorrecida,
Por hospicios alheyos degradado,
Agora da esperança ja adquirida,
De nouo mais que nunca derribado?
Agora às costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foi saluarse,
Que pera o Rey Iudaico acrecentarse.

81

E aindaNimphas minhas não bastaua
Que tamanhas miserias me cercassem:
Senão q̃ aquelles q̃ eu cantãdo andaua,
Tal premio de meusversos me tornassẽ
A troco dos descansos que esperaua,
Das capellas de louro q̃ me hõrassem,
Trabalhos nũca vsados me inuentàraõ
Cõ q̃ em tam duro estado me deitàraõ.

82

VedeNimphas q̃ engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com tais fauores
A quem os faz cantando gloriosos:
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memoria
Que merecerem ter eterna gloria.

83

Pois logo em tãtos males he forçado,
Que só vosso fauor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diuersos engrandeça:
Daimo vos sós, que eu tenho ja jurado
q̃ não no empregue em quẽ o não mere(ça
Nẽ por lisonja louue algũ subido,
Sob pena de naõ ser agradecido.

84 Nem

Nem creais Nimphas não q̃ fama deſſe
A quem ao bem comum, & do ſeu Rey
Antepoſer ſeu proprio intereſſe:
Imigo da diuina, & humana ley,
Nenhum ambicioſo, que quiſeſſe
Subir a grandes cargos, cantarey,
Sò por poder com torpes exercicios
Vſar mais largamente de ſeus vicios.

85

Nenhum que vſe de ſeu poder baſtãte
Pera ſeruir a ſeu deſejo feyo,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteyo,
Nem Camenas tambem cuideis q̃ cãte
Quem cõ habito honeſto, & graue veyo
Por contentar o Rey no officio nouo,
A deſpir, & roubar o pobre pouo.

86

Nẽ quẽ acha q̃ he juſto, & q̃ he dereito
Guardarſe a ley do Rey ſeueramente,
E não acha que he juſto, & bõ reſpeito,
Que ſe pague o ſuor da ſeruil gente:
Nem quẽ ſẽpre cõ pouco experto peito
Razoẽs aprẽde, & cuida q̃ he prudente,
Pera taxar com mão rapace, & eſcaſſa,
Os trabalhos alheyos que naõ paſſa

87

Aquelles ſós direy que aventuràraõ
Por ſeu Deos, por ſeu Rey, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilatàraõ,
Tambem de ſuas obras merecida:
Apòlo, & as Muſas q̃ me acõpanhàraõ,
Me dobràraõ a furia concedida
Em quanto eu tomo alento deſcãſado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.

CANTO VIII.

1

NA primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada.
Que per diuisa hum ramo na maõ tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
Quem era, & por q̃ causa lhe cõuinha
A diuisa que tem na maõ tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe intrepreta.

2

Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este q̃ ves he Luso, dõde a fama
O nosso Reyno Lusitania chama.

3

Foy filho, & cõpanheiro do Thebano,
Que tam diuersas partes conquistou,
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino vsou,
Do Douro, Guadiana o campo vfano,
Ia dito Elisio, tanto o contentou
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O ramo que lhe ves pera diuisa,
O verde Tyrso foy de Baco vsado,
O qual ànossa idade amostra, & auisa
q̃ foy seu companheiro, & filho amado
Ves outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, q̃ em memoria fica.

5

Vlysses he o que faz a sancta casa
Aa Deosa, que lhe dà lingoa facunda,
Que se là na Asia Troya insigne abrasa,
Ca na Europa Lisboa ingente funda:
Quem serà estoutro ca q̃ o cãpo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
q̃ as Agueas nas bandeiras tẽ pintadas.

6

Asi o gentio diz, responde o Gama,
Este que ves, pastor ja foy de gado,
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor inuenciuel afamado,
Não tem coelle não, nem ter puderaõ
O primor que com Pirro ja tiueraõ.

7

Cõ força não: cõ manha vergonhosa
A vida lhe tiràraõ que os espanta,
q̃ o grãde aperto em gẽte inda q̃ hõrosa
Aas vezes leys magnanimas quebrãta:
Outro està aqui q̃ cõtra a patria yrosa
Degradado comnosco se alcuanta,
Escolheo bem com quem se aleuãtasse
Pera que eternamente se illustrasse.

8

Vès cõ nosco tãbem vẽce as bãdeiras
Dessas aues de Iupiter validas,
q̃ ja naquelle tẽpo as mais guerreiras
Gentes de nos souberaõ ser vencidas:
Olha tam sotis artes,& maneiras,
Pera adquerir os pouos tam fingidas
A fatidica Cerua que o auisa,
Elle he Sertorio,& ella a sua diuisa.

9

Olha estoutra bãdeira,& vè pintado
O graã progenitor dosReis primeiros,
Nòs Vngaro o fazemos,porèm nado
Crê ser em Lotharingia os estrãgeiros:
Despois de ter os Mouros superado
Galegos & Leoneses caualleiros,
Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,
Porq̃ o tronco dos Reys se sanctifique.

10

Quẽ he me dize estoutro q̃ me espãta
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadroẽs,que gente tãta,
Cõ tam pouca,tem roto,& destroçado:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dà nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pès derribadas,& estandartes?

11

Este he o primeiro Afõso,disse o Gama
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhũ deRoma:
Este he aquelle zeloso a quẽDeos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma
Pera quẽ de seu Reino abaxa os muros
Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cesar, se Alexandre Rey tiueraõ,
Tam pequeno poder, tam pouca gente,
Contra tantos immigos, quantos eraõ,
Os que desbarataua este excellente,
Naõ creas que seus nomes se estẽdèraõ
Cõ glorias immortais taõ largamente:
Mas deixa os feitos seus inexplicaueis,
Vè que os de seus vassalos saõ notaueis

13

Este que ves olhar com gesto yrado,
Pera o rompido Alumno mal sofrido,
Dizendolhe que o exercito espalhado
Recolha, & torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acõpanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas Moniz se chama o forte velho
Pera leais vassalos claro espelho.

14

Velo ca vay cos filhos a entregarse,
A corda ao colo, nu de seda, & pano,
Porque não quis o moço sogeitarse,
Como elle prometera ao Castelhano:
Fez com siso, & promessas leuantarse
O cerco que ja estaua soberano,
Os filhos, & molher obriga à pena,
Pera que o senhor salue, a si condena.

15

Naõ fez o Consul tanto q̃ cercado
Foy nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Asi se entrega sõ firme, & constante,
Estoutro asi, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Vès efte que faindo da cilada,
Dà fobre o Rey que cerca a villa forte,
Ia oRey tem prefo,& a villa defcercada
Illuftre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nefta armada
No mar tãbẽ aosMouros dãdo a morte
Tomàndolhe as galès,leuando a gloria
Da primeira maritima victoria.

17

He dom Fuas Roupinho q̃ na terra,
E no mar refplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da ferra
De Abila,nas galès da Maura gente
Olha como entáo jufta,&fancta guerra
De acabar pelejando eftà contente:
Das mãos dosMouros entra a felice al-
Triũfãdo nos ceos cõ jufta Palma. (ma

18

Não vès hũ ajũtamẽto de eftrangeiro
Trajo,faìr da grande armada noua,
Que ajuda a combater o Rey primeiro
Lisboa,de fi dando fancta proua:
Olha Enrique famofo caualleiro,
A palma que lhe nafce junto à coua,
Por elles moftra Deos milagre vifto.
Germanos faõ os Martyres de Chrifto.

19

Hũ Sacerdote vè brandindo a efpada
Cõtra Arronches q̃ toma, por vingãça
De Leiria,que de antes foy tomada,
Por quẽ por Mafamede enrefta a lãça:
He Teotonio Prior:mas vè cercada
Sanctarem,& veràs a feguranҫa
Da figura nos muros,que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bãdeira.

Vello ca donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra
Os imigos rompendo, o Alferez mata,
E Hispalico pendão derriba em terra,
Mem Moniz he, q̃ em si o valor retrata
Que o sepulchro do pay cos ossos cerra
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, & a sua exalta.

21

Olha aquelle que deca pela lança,
Com as duas cabeças das vigias,
Onde a cilada esconde, com q alcança
A cidade por manhas, & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldo sem pauor he o forte peito.

22

Não vès hũ Castelhano, q̃ agrauado
De Affonso nono Rey, pelo odio antigo
Dos de Lara cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vè q̃ hũ Portugues cõ pouca gẽte
O desbarata, & o prede ousadamente.

23

Martim Lopez se chama o caualleiro
q̃ destes leuar pode a palma, & o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
q̃ em lãça de aço torna o Bago de ouro
Vello entre os duuidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro
Olha o sinal no Ceo que lhe aparece,
Cõ q̃ nos poucos seus o esforço crece.

24 Vès

Vès vão os Reis de Cordoua,&Seuilha
Rotos,cos outros dous,& não de efpa-
Rotos?mas antesmortos,marauilha(ço
Feita de Deos, q̃ não de humano braço
Vès ja avilla deAlcaçare fe humilha
Sem lhe valer defefa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bifpo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

25

Olha hum Meftre q̃ dece de Caftella,
Portugues de nação,como conquifta
A terra dos Algarues,& ja nella
Não acha quem por armas lhe refifta,
Cõ manha,esforço,&cõ benigna ftrella
Villas,caftellos toma à efcalla vifta:
Vès Tauila tomada aos moradores,
Em vingança dos fete caçadores.

26

Vès cõ belica aftucia ao Mouro ganha
Silues, q̃ elle ganhou cõ força ingente,
He dom Payo Correa,cuja manha
E grande esforço faz enueja à gente:
Mas não paffes os tres q̃ ẽFrãça,&Efpa
Se fazem conhecer perpetuamẽte (nha
Em defafios,juftas,& torneos,
Nellas deixando publicos trofeos.

27

Vellos co nome vem de auentureiros
A Caftella,onde o preço fós leuàrão
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algũs fe exercitàrão,
Vè mortos os foberbos caualleiros,
Que o principal dos tres defafiarão,
Que Gonçalo Ribeyro fe nomea,
Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num q̃ a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria q̃ de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte,& lenta
Do pouo,& faz que tome o doce freyo,
De Rey seu natural,& não de alheyo.

29

Olha por seu conselho,& ousadia,
De Deos guiada só, & de sãcta Estrella
Sò pode o que impossiuel parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Vès por industria,esforso,& valentia
Outro estrago,& victoria clara,& bella
Na gente,assi feroz como infinita,
q̃ entre o Tarteso, & Goadiana habita.

30

Mas não vès quasi ja desbaratado,
O poder Lusitano,pela ausencia
Do Capitão deuoto,que apartado
Orãdo inuoca a sum̃a & trina essencia:
Vello com pressa ja dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho,& que viesse,
Porque cõsigo esforso aos fracos desse.

31

Mas olha com que sancta cõfiança,
Que inda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurãça
Da victoria,que logo lhe daria:
Assi Pompilio,ouuindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura noua estaua dando,
Pois eu,responde,estou sacrificando.

Se quẽ cõ tãto esforso em Deos s'atreue
Ouuir quiseres como se nomea,
Portugues Cipiaõ chamar se deue:
Mas mais de dõ Nuno Aluarez se arrea,
Ditosa patria que tal filho teue:
Mas antes pai, q̃ em quãto o Sol rodea
Este globo de Ceres, & Neptuno,
Sempre suspirarà por tal aluno.

33

Na mesma guerra vè q̃ presas ganha,
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comẽdadores vẽce, & o gado apanha,
Que leuauão roubado ousadamente:
Outra vez vè q̃ a lãça em sangue banha
Destes, só por liurar com amor ardẽte
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

34

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez, & vil engano,
Gil Fernãdez he de Eluas que o estragà
E faz vir a passar o vltimo dano:
De Xerez rouba o cãpo, & quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhano:
Mas olha Ruy Pereira que co rosto
Faz escudo às galès, diante posto.

35

Olha que dezasete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
q̃ em derredor pelos tomar se estẽdem
Porèm logo sentiraõ com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tẽpo antigo, & no moderno

Sabese antigamente que trezentos
Ia contra mil Romanos pelejàraõ,
No tempo que os viris atreuimentos
De Viriato tanto se illustràraõ,
E delles alcansando vencimentos
Memoraueis, de erança nos deixàraõ,
q̃ os muitos por ser poucos não temamos
O q̃ despois mil vezes amostramos.

37
Olha ca dous Infãtes Pedro, & Hẽrique
Progenie generosa de Ioane,
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, cõ q̃ a morte engane:
Este, que ella nos mares o pubrique,
Por seu descobridor, & desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrãdo as portas da cidade.

38
Vès o Conde dom Pedro q̃ sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria,
Vès outro Conde està que representa
Em terra Marte, em forças, & ousadia,
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia:
Mas do seu Rey defende a cara vida,
Pondo por muro a sua ali perdida.

39
Outros muitos verias q̃ os pintores
Aqui tambem por certo pintariaõ:
Mas faltalhe pincel, faltãolhes cores,
Honra, premio, fauor q̃ as artes criaõ,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desuiaõ
Do lustre, & do valor dos seus passados
Em gostos, & vaidades atolados.

Aquelles pays illustres que ja deraõ
Principio à geraçam q̃ delles pende,
Pela virtude muito entaõ fizeraõ,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiueraõ,
Se alta fama, & rumor delles se estẽde,
Escuros deixão sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores.

41

Outros tãbem ha grandes, & abastados
Sem nenhũ trõco illustre dõde venhaõ
Culpa de Reys, que às vezes a priuados
Daõ mais q̃ a mil, q̃ esforço, & saber te-
Estes os seus nã querẽ ver pintados (nhaõ
Crendo q̃ cores vãs lhe não cõuenhaõ,
E como a seu contrairo natural,
As pintura que falla querem mal.

42

Não nego q̃ ha contudo descẽdẽtes
Do generoso tronco, & casa rica
Que com costumes altos, & excellẽtes
Sustentaõ a nobreza que lhe fica:
E se a luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor naõ clarifica,
Naõ falta ao menos, nem se faz escura
Mas destes acha poucos a pintura.

43

Assi està declarando os grandes feitos,
O Gama que ali mostra a varia tinta,
q̃ a douta maõ tam claros, tã perfeitos
Do singular artifice ali pinta:
Os olhos tinha promptos, & dereitos,
O Catual na historia bem distinta,
Mil vezes perguntaua, & mil ouuia,
As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostraua duuidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaxo do Orizonte, & luminosa.
Leuaua aos Antipodas o dia,
Quando o Gentio, & a gente generosa,
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso que descansa,
Os lassos animais, na noite mansa.

45

Entre tanto os Aruspices famosos
Na falsa opiniaõ, que em sacrificios
Anteuem sempre os casos duuidosos,
Por finais diabolicos, & indicios
Mandados do Rey proprio, estudiosos
Exercitauão a arte, & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Q̃ às suas terras vem da ignota Espanha

46

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro
De como a noua gente lhe seria
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,
Destruiçaõ de gente, & de valia;
Vaise espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rey (segundo o que entendia
Os finais temerosos que alcançàra
Nas entranhas das victimas q̃ olhàra.

47

A isto mais se ajunta que hũ deuoto
Sacerdote da ley de Mafamede;
Dos odios concebidos naõ remoto,
Contra a diuina Fè, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso, & noto,
Que do filho da escraua Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se naõ dece.

E dizlhe afsi,guardaiuos gẽte minha
Do mal que se aparelha pelo imigo;
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho:mas consigo
Cuida que naõ he mais q̃ sonho vsado,
Torna a dormir quieto,& sosegado.

49

Torna Baco dizendo, naõ conheces
O graõ legislador,que a teus passados
Tem mostrado o preceito a q̃ obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti rudo vèllo,& tu adormeces?
Pois saberàs que aquellesque chegados
De nouo saõ,seraõ muy grande dano
Da lei q̃ eu dei ao nescio pouohumano

50

Em quãto he fraca a força desta gẽte,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae facilmente
Se pòde nelle pòr a aguda vista:
Porèm despois q̃ sobe claro, & ardẽte,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica,quanto ficareis
Se raizes criar lhe naõ tolheis.

51

Isto dito,elle,& o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno
Salta da cama,lume aos seruos pede
Lavrando nelle o feruido veneno:
Tanto q̃ a noua luz que ao Sol precede
Mostrara rosto Angelico,& sereno,
Conuoca os principais da torpe seita,
Aos quais do q̃ sonhou dà cõta estreita

Diuerſos pareceres,& contrarios
Ali ſe dão ſegundo o que entendiaõ,
Aſtutas traiçoẽs enganos varios,
Perfidias inuentauaõ,& teciaõ:
Mas deixando conſelhos temerarios,
Deſtruiçaõ da gente pretendiaõ, (res,
Por manhas mais ſotis,& ardis milho-
Com peitas adquerindo os regedores.

53

Com peitas,ouro,& dadiuas ſecretas
Conciliaõ da terra os principais,
E com razoẽs notaueis,& diſcretas
Moſtraõ ſer perdiçaõ dos naturais,
Dizendo que ſaõ gentes inquietas,
Que os mares diſcorrendo Occidentais
Viuem ſó de piraticas rapinas,
Sem Rey,ſem leys humanas,ou diuinas

54

O quanto deue o Rey q̃ bem gouerna
De olhar q̃ os cõſelheiros,ou priuados
De conſciencia,& de virtude interna,
E de ſincero amor ſejaõ dotados:
Porque como eſtè poſto na ſuperna
Cadeira,pòde mal dos apartados
Negocios,ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingoa conſelheira.

55

Nem tam pouco direy q̃ tome tanto
Em groſſo,a conſciencia limpa,&certa
q̃ ſe enleue nũ pobre,& humilde mãto,
Onde ambiçaõ a caſo ande encuberta,
q̃ quãdo hũ bõ em tudo he juſto &ſãcto
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal coelles poderà ter conta
A quieta inocencia,em ſó Deos pronta

Mas aquelles auaros Catuais,
Que o Gentilico pouo gouernauão,
Induzidos das gentes infernais,
O Portugues despacho dilatauaõ:
Mas o Gama, que naõ pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenauaõ
Que leuar a seu Rey hum sinal certo
Do mundo, que deixaua descuberto.

57

Nisto trabalha sò, que bem sabia
Que despois que leuasse esta certeza,
Armas, & naos, & gentes mandaria.
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo, & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais que hũ diligente
Descobridor das terras do Oriente.

58

Fallar ao Rey Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedirse quanto desejasse:
O Rey que da noticia falsa, & indina
Não era despantar se s'espantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros

59

Este temor lhe esfria o baixo peito
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza està sogeito,
Hũ desejo immortal lhe acẽde, & atiça
Que bem vè que grandissimo proueito
Farà, se com verdade, & com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rey dos Lusitanos.

Sobre isto nos conselhos q̃ tomaua,
Achaua muy contrarios pareceres,
Que naquelles,cõ quem se aconselhaua
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande Capitão chamar mandaua,
A quem chegado disse,se quiseres
Confessarme a verdade limpa,& nua,
Perdaõ alcançaràs da culpa tua.

61

Eu sou bem informado,q̃ a embaxada
Que de teu Rey me deste,q̃ he fingida,
Porq̃ nẽ tu tẽs Rey,nem patria amada,
Mas vagabundo vas passando a vida:
Que quem da Hisperia vltima alõgada
Rey,ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos,& frotas
Tam incertas viagẽs,& remotas?

62

E se de grandes Reynos poderosos,
O teu Rey tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incognita verdade:
Com peças,& doẽs altos sumptuosos
Se lia dos Reys altos a amizade:
Que sinal, nem penhor não he bastãte,
As palauras dum vago nauegante.

63

Se por ventura vindes desterra dos,
Como ja foraõ homẽs dalta sorte,
Em meu Reyno sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria pera o forte
Ou se piratas sois ao mar vsados,
Dizeimo sẽ temor de infamia,oumorte
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Isto asi dito, o Gama que ja tinha
Sospeitas das insidias que ordenaua
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tam mal o Rey cuidaua:
Cũa alta confiansa que conuinha,
Com que seguro credito alcansaua,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Tais palauras do sabio peito abria.

65

Se os antigos delitos, que a malicia
Humana cometeo na prisca idade,
Não causárao, que o vaso da niquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia
Na gerasaõ de Adaõ, co a falsidade
ô poderoso Rey da torpe seita,
Não conceberas tu tam mà sospeita.

66

Mas porq̃ nenhũ grãde bẽ se alcança
Sẽ grãdes opressoẽs, & em todo o feito
Segue o temor os passos da esperancã,
Que em suor viue sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade: sem respeito
Das razoẽs em contrario que acharias,
Senão cresses a quem não crer deuias.

67

Porque se eu de rapinas só viuesse
Vndiuago, ou da patria desterrado,
Como cres que tão longe me viesse,
Buscar assento incognito, & apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse
Viria esprimentando o mar irado,
Os Antarticos frios, & os ardores
Que sofrẽ do Carneyro os moradores?

Se com grãdes presentes dalta estima
O credito me pedes do q̃ digo, (Clima
Eu não vim mais q̃ a achar o estranho
Onde a natura pos teu Reyno antigo:
Mas se a Fortuna tanto me sublima,(go
q̃ eu torne à minha patria,& Reino ami
Então veràs o dom soberbo,& rico
Com que minha tornada certifico.

69

Se te parece inopinado feito,
q̃ Rey da vltima Hisperia a ti me mãde,
O coraçaõ sublime,o regio peito,
Nenhum caso posiuel tem por grãde:
Bem parece q̃ o nobre, & graõ cõceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito,& fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

70

Sabe q̃ ha muitos annos,q̃ os antigos
Reys nossos firmemente propuseraõ
De vencer os trabalhos,& perigos,
q̃ sempre às grãdes cousas se opuseraõ,
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso,pretenderaõ
De saber q̃ fim tinhão, & onde estauaõ
As derradeiras prayas que lauauaõ.

71

Conceito digno foy do ramo claro
Do venturoso Rey, que arou primeiro
O mar,por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria,& engenho raro
Nũ madeiro ajuntando outro madeiro
Descobrir pode a parte,q̃ faz clara(Ara
De Argos,da Ydra a luz,da Lebre,& da

Crescẽdo cos successos bõs primeiros
No peito as ousadias, descobrirão
Pouco & pouco caminhos estrangeiros
q̃ hũs succedẽdo aos outros proseguirão
De Affrica os moradores derradeiros
Austrais, que nũca as sete flãmas virão,
Forão vistos de nos, atras deixando
Quantos estão os Tropicos queimãdo.

73

Asi com firme peito, & cõ tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Ate que nòs no teu terreno estranho
Viemos pòr a vltima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho
Da tempestade horrifica, & importuna
A ti chegamos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

74

Esta he a verdade Rey, que não faria
Por tão incerto bem, tam fraco premio
Qual, não sendo isto asi, esperar podia
Tam lõgo, tam fingido, & vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado, & fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico
Dos trabalhos alheyos feito rico.

75

Asi q̃ ò Rey, se minha grão verdade
Tẽs por qual he, sincera, & não dobrada
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que està prouada,
Que com claro juyzo pòde verse,
Que facil he a verdade d'entenderse.

76 Atento

Atento estaua o Rey na segurança,
Com que prouaua o Gama o que dezia
Concebe delle certa confiança,
Credito firme,em quanto proferia,
Pondera das palauras a abastança,
Iulga na autoridade graõ valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais currutos,mal julgados.

77

Iuntamente a cobiça do proueito,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer,& ter respeito
Co Capitaõ, & não co Mauro engano:
Em fim ao Gama manda,que direito
Aas naos se và,& seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazẽda,
Que pela especiaria troque,& venda.

78

Que mãde da fazẽda enfim lhe mãda,
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
S'algũa traz idonea là da banda
Dõde a terra se acaba,&o mar começa
Ia da Real presensa veneranda
Se parte o Capitaõ,pera onde peça
Ao Catual,que delle tinha cargo
Embarcaçaõ,que a sua està de largo.

79

Embarcaçaõ q̃ o leue às naos lhe pede:
Mas o mao Regedor,que nouos laços
Lhe machinaua,nada lhe concede,
Interpondo tardanças,& embaraços:
Coelle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto poder dos regios paços,
Onde,sem que seu Rey tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcaçaõ baſtante, em que partiſſe,
Ou que pera a luz craſtina do dia
Futuro, ſua partida differiſſe:
Ia com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio conſentiſſe
Na mãtenção dos Mouros, torpe & fera
O que delle ate li não entendera.

81

Era eſte Catual, hum dos q̃ eſtauaõ
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem ſe gouernauaõ
As cidades do Samorim potente:
Delle ſomente os Mouros eſperauaõ
Effeito a ſeus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conſpira
De ſuas eſperanças naõ delira.

82

O Gama com inſtancia lhe requere
q̃ o mãde por nas naos, & não lhe val,
E que aſsi lho mandàra, lhe refere,
O nobre ſucceſſor de Perimal:
Porq̃ razão lhe empede, & lhe differe
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo q̃ os Reys ja tem mandado
Não pòde ſer por outrem derrogado?

83

Pouco obedece o Catual corruto
A tais palauras, antes reuoluendo
Na fantaſia algum ſutil, & aſtuto
Engano, diabolico, & eſtupendo,
Ou como banhar poſſa o ferro bruto
No ſangue auorrecido, eſtaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abraſaſſe
Porque nenhũa à patria mais tornaſſe.

Que nenhum torne à patria ſo pretẽde
O conſelho infernal dos Maumetanos,
Por q̃ naõ ſaiba nunca onde ſe eſtende
A terra Eoa o Rei dos Luſitanos:
Naõ parte oGama em fim q̃ lho defẽde
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem ſem licença ſua yrſe podia.
Que as almàdias todas lhe tolhia.

85

Aos brados & razões do Capitão
Reſponde o Idolatra, que mandaſſe,
Chegar à terra as naos, q̃ longe eſtão,
Porque melhor dali foſſe,& tornaſſe:
Sinal he de inimigo,& de ladraõ,
Que lá tam longe a frota ſe alargaſſe,
Lhe diz,porque do certo,& fido amigo
He não temer do ſeu nenhum perigo.

86

Neſtas palauras o diſcreto Gama
Enxerga bem, que as naos deſeja perto
O Catual,porque com ferro,& flama
Lhas aſſalte,por odio deſcuberto:
Em varios penſamentos ſe derrama:
Fantaſiando eſtà remedio certo,
Que deſſe a quãto mal ſe lhe ordenaua
Tudo temia,tudo em fim cuidaua.

87

Qual o reflexo lume do polido
Eſpelho de aço, ou de criſtal fermoſo,
Que do rayo ſolar ſendo ferido,
Vay ferir noutra parte luminoſo,
E ſendo da ouciosa mão mouido
Pela caſa do moço curioſo,
Anda pelas paredes,& telhado,
Tremulo,aqui & ali,& deſſoſſegado.

88 Tal

Tal o vago juyzo fluctuaua
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos batels, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandaua,
Que se tornasse aa frota, que deixâra,
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos

89

Tal ha de ser, quẽ quer co dõ de Marte
Imitar os illustres, & igoalâlos.
Voar co pensamento a toda parte,
Adiuinhar perigos, & euitallos:
Com millitar engenho, & sutil arte
Entender os imigos, & enganallos,
Crer tudo em fim, que nunca louuarey
O Capitão que diga, não cuidey.

90

Insiste o Malabar em telo preso,
Senão manda chegar a terra a armada,
Elle constante, & de yra nobre aceso,
Os ameaços seus nam teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso,
De quanto mal a vil malicia ousa dá
Lhe andar armando, q̃ pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

91

Aquella noite esteue ali detido,
E parte do outro dia quando ordena
De se tornar ao Rei, mas impedido
Foi da guarda que tinha naõ piquena:
Cometelhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberâ, se mais tempo ali o detinha.

Dizlhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, pera a terra,
Pera que de vagar se troque,& venda,
q̃ quẽ naõ quer comercio,busca guerra
Posto que os maos prepositos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente,porque sabe por verdade,
Que compra co a fazenda a liberdade.

93.

Concertaõsse que o negro mande dar,
Embarcaçõees idoneas com que venha,
Que os seus bateis não quer auẽturar,
Onde lhos tome o inimigo,ou lhos de-
Partem as almadias a buscar (tenha,
Mercadoria Hispana que conuenha,
Escreue a seu irmão,que lhe mandasse
A fazenda,com que se resgatasse.

94.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Aluaro,& Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais q̃ obrigaçaõ,q̃ mando,& rogo,
No peito vil o premio pode,& val,
Bem o mostra o Gẽtio a quẽ o entẽda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

95.

Por ella o solta,crendo que ali tinha
Penhor bastante,donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detiuesse:
Elle vendo que ja lhe naõ conuinha
Tornar a terra,porque naõ podesse
Ser mais retido,sendo as naos chegado
Nellas estar se deixa descansado.

Nas naos eſtar ſe deyxa vagaroſo,
Atè ver o que o tempo lhe deſcobre,
Que não ſe fia ja do cobiçoſo
Regedor corrompido, & pouco nobre:
Veja agora o juyzo curioſo
Quanto no rico, aſsi como no pobre
Pode o vil intereſſe & ſede imiga
Do dinheyro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Rey Treicio,
Sò por ficar ſenhor do grão teſouro:
Entra, pelo fortiſsimo edificio,
Com a filha de Acriſo a chuua douro.
Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
Que a troco do metal luzente, & louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Da qual quaſi afogada em pago morre.

98

Eſte rende munidas fortalezas,
Faz tredores, & falſos os amigos,
Eſte a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos:
Eſte corrompe virginais purezas,
Sẽ temer de hõra, ou fama algũs perigos
Eſte deprana às vezes as ſciencias,
Os juyzos cegando, & as conſciencias.

99

Eſte interpreta mais que ſutilmente
Os textos eſte faz, & desfaz leis:
Eſte cauſa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Atè os que ſó a Deos omnipotente
Se dedicaõ, mil vezes ouuireis,
Que corrõpe eſte encantador, & illude,
Mas não ſem cor com tudo de virtude.

FIM.

CANTO IX.

1

Tiueraõ longamente na cidade
Sem venderſe a fazenda os dous feitores,
Que os infieis por manha,& falſidade
Fazem, q̃ não lha cõprem mercadores,
Que todo ſeu propoſito,& vontade
Era,deter ali os deſcubridores
Da India,tanto tempo que vieſſem
De Meca as naos,q̃ as ſuas desfizeſsem.

2

Là no ſeyo Eritreo,onde fundada
Arſinoe foy do Egipcio Ptholomeo,
Do nome dà irmaã ſua aſsi chamada,
Que deſpois em Suez ſe conuerteo,
Não longe,o porto jaz da nomeada
Cidade Meca,que ſe engrandeceo
Com a ſuperſtição falſa,& profana,
Da religioſa agoa Maumetana.

3

Gidà ſe chama o porto,aonde o trato
De todo o roxo mar mais florecia,
De q̃ tinha proueito grande,& grato
O Soldão que eſſe Reino poſſuhia:
Daqui aos Malabares,por contrato
Dos infieis,fermoſa companhia
De grandes naos,pelo Indico Oceano,
Eſpeciaria vem buſcar cada anno.

Por eſtas naos os Mouros eſperauão,
Que como foſſem grandes,& poſſantes
Aquellas,que o comercio lhe tomauão
Com flamas abraſaſſem crepitantes:
Neſte ſocorro tanto confiauão,
Que ja não querem mais dos nauegātes
Senão que tanto tempo ali tardaſſem,
Que da famoſa Meca as naos chegaſsē.

5

Mas o Gouernador dos Ceos,& gētes
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meyos dà conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influhio piadoſos accidentes
De affeição em Monçaide, q̃ guardado
Eſtaua pera dar ao Gama auiſo,
E merecer por iſſo o Paraiſo.

6

Eſte de quē ſe os Mouros nāoguardauão
Por ſer Mouro como elles,antes era
Participante em quanto machinauão
A tençaō lhe deſcobre torpe,& fera:
Muitas vezes as naos que lōge eſtauaō
Viſita,& com piedade conſidera
O dano, ſem razão, que ſe lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

7

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cad'ano,
Que agora ſaō dos ſeus tam deſejadas
Pera ſer inſtrumento deſte dano:
Dizlhe que vem de gente carregadas,
E dos trouoēs horrendos de Vulcano,
E que pòde ſer dellas oprimido
Segundo eſtaua mal apercebido.

O Gama que tambem confideraua
O tempo, que pera a partida o chama,
E que defpacho ja não efperaua
Melhor do Rey, q̃ os Maumetanos ama:
Aos feitores, q̃ em terra eftão, mãdaua
Que fe tornem às naos: & porq̃ a fama
Defta fubita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizeffem efcondida.

9

Porèm não tardou muito, q̃ voando
Hum rumor não foaffe com verdade,
Que forão prefos os feitores, quando
Forão fentidos virfe da cidade:
Efta fama as orelhas penetrando
Do fabio Capitão, com breuidade
Faz reprefaria nũs, que às naos vierão,
A vender pedraria que trouxerão.

10

Erão eftes antigos mercadores
Ricos em Calecut, & conhecidos
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que eftão no mar retidos:
Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,
Voluem o cabreftante, & repartidos
Pelo trabalho, hũs puxão pela amarra
Outros quebrão co peito duro a barra

11

Outros pendem da verga, & ja defatão
A vella, que com grita fe foltaua,
Quãdo com maior grita ao Rei relatão
A preffa, com que a armada fe leuaua:
As molheres & filhos, que fe matão
Daquelles que vão prefos, onde eftaua
O Samorim, fe aqueixão que perdidos
Hũs tem os pays, as outras os maridos.

12 Manda

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
A pesar dos imigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua preza gente:
Desculpas mãda oRei de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhormente
Os prezos, que as desculpas, & tornãdo
Algũs negros, se parte as vellas dando.

13

Partese costa abaxo, porq̃ entende
Que em vão co Rei gentio trabalhaua,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o comercio que trataua:
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixaua,
Com estas nouas torna à patria cara,
Certos sinais leuando do que achara.

14

Leua algũs Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mãdàra,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leua pimenta ardente que compràra,
A seca flor de Banda não ficou,
A Noz, & o negro crauo, que faz clara
A noua ilha Maluco, coa canella,
Cõ que Ceilão he rica, illustre, & bella.

15

Isto tudo lhe ouuera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leua,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no liuro de Christo q̃ se escreua:
ô ditoso Affricano, que a clemencia
Diuina asi tirou de scura treua,
E tam longe da patria achou maneira
Pera subir à patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,
As venturosas naos,leuando a proa
Pera onde a natureza tinha posta
A Meta Austrina da esperança boa,
Leuando alegres nouas,& reposta
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto,timidos,& ledos.

17

O prazer de chegar à patria cara,
A seus penates,caros,& parentes,
Pera contar a peregrina,& rara
Nauegação,os varios ceos,& gentes,
Vir a lograr o premio,que ganhara
Por tão longos trabalhos,& accidẽtes,
Ca la hum o tem por gosto tão perfeito
q̃ o coração para elle he vaso estreito.

18

Porem a Deosa Cipria , q̃ ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno ,& por bõ genio dada
Que sempre os guia ja de lõgos annos.
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andaua ja ordenando,& pretendia
Darlhe nos mares tristes alegria.

19

Despois de ter hũ pouco reuoluido
Na mente o largo mar que nauegàrão,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causarão,
Ia trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passarão,
Buscarlhe algũ deleite,algum descanso
No Reyno de cristal liquido,& manso.

Algum repouso em fim, com q̃ podesse
Refucilar a lassa humanidade
Dos nauegantes seus, como interesse
Do trabalho, q̃ incurta a breue idade:
Parecelhe razão, que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deoses faz decer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

21

Isto bem reuoluido, determina;
De terlhe aparelhada là no meio
Das agoas, algũa insula diuina.
Ornada desmaltado, & verde arreio:
Que muitas tem no reino, que confina
Da primeira co terreno seio,
Afora as que possue soberanas,
Pera dentro das portas Herculanas.

22

Ali quer que as aquaticas donzellas,
Esperem os fortissimos varões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações
Com danças, & coreas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

23

Tal manha buscou jà, pera q̃ aquelle
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo que a bouina pelle
Tomou de espaço, por sutil partido:
Seu filho vai buscar, porque so nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou jà, nestoutra a ajude, & siga.

No carro ajunta as aues,q̃ na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi conuertida
Periſtera,as boninas apanhando:
Em derredor da Deoſa ja partida,
No ar laſciuos beijos ſe vão dando,
Ella por onde paſſa,o ar,& o vento
Sereno faz,com brando mouimento.

25

Ia ſobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro eſtaua entaõ,
Ajuntando outros muitos,q̃ pretende
Fazer hũa famoſa expediçaõ
Contra o mundo reuelde,porq̃ emende
Erros grandes, que ha dias nelle eſtaõ,
Amando couſas que nos foraõ dadas,
Não pera ſer amadas,mas vſadas.

26

Via Acteon na caça,tam auſtero,
De cego na alegria bruta,inſana,
Que por ſeguir hum feo animal fero,
Foge da gente, & bella forma humana:
E por caſtigo quer doce,& ſeuero,
Moſtralhe a fermoſura de Diana,
E guardeſſe não ſeja inda comido
Deſſes cães q̃ agora ama,& conſumido.

27

E vè do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem pubrico imagina,
Vè nelles,que não tem amor a mais
q̃ a ſi somẽte,& a quẽ Philaucia enſina:
Vè que eſſes que frequentão os reais
Paços,por verdadeira , & ſaã doctrina
Vendem adulação,que mal conſente,
Mondarſe o nouo trigo florecente.

Vè q̃ aquelles q̃ deuem à pobreza
Amor diuino, & ao pouo caridade,
Amão somente mandos & riquezas,
Simulando justiça, & integridade:
Da fea tyrania, & de aspereza
Fazem direito, & vaã seueridade:
Leis em fauor do Rei se estabelecem,
As em fauor do pouo so perecem.

29

Vè em fim q̃ ninguem ama o q̃ deue,
Se não o que somente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, por que leue
Exercitos conformes à peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

30

Muitos destes mininos voadores,
Estão em varias obras trabalhando
Hũs amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas delgaçando,
Trabalhãdo cantando estão de amores,
Varios casos, em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suaue a letra, angelica a soada.

31

Nas fragoas immortais, onde forjauão,
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estauão,
Viuas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperauão,
Lagrimas sam de miseros amantes,
A viua flama, o nunca morto lume,
Desejo he, so q̃ queima, & não consume.

Algũs exercitando a mão andauaõ
Nos duros coraçoẽs da plebe ruda,
Quebros ſoſpiros pelo ar ſoauaõ,
Dos que feridos vão da ſeta aguda,
Fermoſas Nimphas ſaõ,as que curauaõ
As chagas recebidas,cuja ajuda
Não ſomente dà vida aos mal feridos,
Mas poẽ em vida os inda não naſcidos

33

Fermoſas ſaõ algũas, & outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno eſpalhado pelas veas,
Curaõ no as vezes aſperas triagas:
Algũs ficao ligados em cadeas,
Por palauras ſutis de ſabias Magas,
Iſto acontece as vezes quando as ſetas
Acertão de leuar eruas ſecretas.

34

Deſtes tiros aſsi deſordenados,
q̃ eſtes moços mal deſtros vão tirando
Naſcem amores mil deſconcertados,
Entre o pouo ferido miſerando,
E tambem nos heroes de altos eſtados
Exemplos mil ſe vem de amor neſando
Qual o das moças,Bibli,& Cynirea
Hum mancebo de Aſsiria, hũ de Iudea.

35

E vos ò poderoſos por paſtoras
Muitas vezes ferido o peito vedes,
E por baxos,& rudos vos ſenhoras
Tãbem vos tomão nas Vulcanias redes,
Hũs eſperando andais nocturnas horas
Outros ſubis telhados,& paredes,
Mas eu creyo que deſte amor indino,
He mais culpa a da mãy,q̃ a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,
Punhão os brancos Cisnes mansamẽte,
E Dione,que as rosas entre a neue
No rosto traz,decia diligente.
O frecheiro,que contra o ceo se atreue
A recebella vem,ledo,& contente,
Vem todos os cupidos seruidores
Bejar a maõ à Deosa dos amores.

37

Ella porque não gaste o tẽpo em vaõ,
Nos braços tendo o filho,confiada
Lhe diz,amado filho,em cuja maõ
Toda minha potencia està fundada:
Filho em quẽ minhas forças sẽpre estaõ
Tu que as armas Tifeas tẽs em nada,
A socorrerme a tua potestade
Me traz especial necessidade.

38

Bem ves as Lusitanicas fadigas,
Que eu ja de muito longe fauoreço,
Porque das Parcas sey minhas amigas;
Que me ande venerar, & ter em preço,
E porque tanto imitaõ as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

39

E porque das insidias do odioso
Baco foraõ na India molestados,
E das injurias sós do mar vndoso,
Podèraõ mais ser mortos , q̃ cansados:
No mesmo mar , que sempre temeroso
Lhe foy,quero que sejão repousados,
Tomãdo aquelle premio,&doce gloria
Do trabalho que faz clara a memoria,

E pera isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
Damor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descobrir o nouo mundo,
Todas nũa ilha juntas, & subidas,
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano, terei aparelhada.
De dões de Flora, & Zefiro adornada.

41

Ali com mil refrescos, & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Nimphas amorosas,
Damor feridas, pera lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

42

. Quero que aja no reyno Neptunino
Onde eu nasci, progenie forte, & bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se reuela,
Porq̃ entendão que muro Adamantino
Nem triste hypocresia val contra ella:
Mal hauerà na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

43

Assi Venus propos, & o filho inico
Pera lhe obedecer ja se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de pōta de ouro embebe:
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
A redea larga às aues, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

Mas,diz Cupido,que era necessaria
Hũa famosa,& celebre terceira,
Que posto q̃ mil vezes lhe he cõtraria,
Outras muitas a tem por cõpanheira:
A Deosa Gigantea temeraria,
Iactante,mentirosa,& verdadeira,
Que com cem olhos ve,& por onde voa
O que vè com mil bocas apregoa.

45

Vão a buscar,& mandaõna diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louuores da gente nauegante,
Mais do q̃ nũca os doutrem celebràra:
Ia murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cauernas se espalhàra,
Fala verdade,a vida por verdade,
Que junto a Deosa traz Credulidade.

46

O louuor grande,o rumor excelẽte,
No coração dos Deoses,que indinados
Forão por Baco contra a illustre gẽte,
Mudando os fez hũ pouco afeiçoados:
O peito feminil,que leuemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Ia julga por mao zelo,& por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

47

Despede nisto o fero moço as setas
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas
Algũas vão,& algũas fazem giros:
Caem as Nimphas,lanção das secretas
Entranhas ardentissimos sospiros,
Cae qualquer,sem ver o vulto q̃ ama,
Que tanto como a vista pòde a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
Cõ força o moço indomito excessiua,
Que Thetis quer ferir mais q̃ nenhũa,
Porq̃ mais que nenhũa lhe era esquiua:
Ia não fica na aljaua seta algũa,
Nem nos equoreos campos Nimfa viua
E se feridas inda estão viuendo,
Serà pera sentir que vão morrendo.

49

Dar lugar altas,& ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrãdo as brancas vellas,&redõdas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Pera que tu reciproco respondas
Ardente Amor à flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

50

Ia todo o bello coro se aparelha
Das Nereidas,& junto caminhaua
Em coreas gentis,vsança velha,
Pera a ilha,a que Venus as guiaua:
Aii a fermosa Deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quãdo amaua
Ellas que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

51

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente,pera a patria amada,
Desejando prouerse de agoa fria,
Pera a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
Ouuerão vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãy fermosa
De Menone suaue,& deleitosa.

52 De

De longe a ilha viraõ fresca, & bella,
Que Venus pelas ondas lha leuaua,
(Bem como o vento leua branca vella)
Pera onde a forte armada se enxergaua
Que porq̃ não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejaua,
Pera onde as naõs naucgaõ a mouia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

53

Mas firme a fez, & immouel, como vio
q̃ era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa à caça vsada:
Pera là logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua, & quieta, cuja branca area
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

54

Tres fermosos outeiros se mostrauaõ
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte s'adornauaõ
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes, & limpidas manauaõ
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriua,
A sonorosa Limpha fugitiua.

55

Num valle ameno, q̃ os outeiros fende
Vinhaõ as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginarse:
Aruoredo gentil sobre ella pende,
Como q̃ prompto està pera enfeitarse
Vendosse no cristal resplandecente
Que em si o està pintãdo propriamẽte.

Mil aruores eſtaõ ao Ceo ſubindo
Com pomos odoriferos,& bellos,
A Larangeira tem no fruito lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encoſtaſſe no chaõ,que eſtà caindo
A Cidreira cos peſos amarellos,
Os fermoſos limoẽs ali cheirando
Eſtaõ virgineas tetas imitando.

57

As aruores agreſtes, que os outeiros
Tem cõ frondente coma ennobrecidos
Alemos ſaõ de Alcides,& os Loureiros
Do louro Deos amados,& queridos:
Mirtos de Cyterea,cos Pinheiros
De Cybele por outro amor vencidos,
Eſtà apontando o agudo Ciparíſo
Pera onde he poſto o Etereo paraiſo.

58

Os doẽs que dà Pomona, ali natura
Produze differentes nos ſabores,
Sem ter neceſsidade de cultura,
Que ſem ella ſe dão muito melhores:
As Cerejas porpureas na pintura,
As Amoras,que o nome tem de amores,
O pomo,que da patria Perſia veyo,
Melhor tornado no terreno alheyo.

59

Abre a Romaã, moſtrãdo a rubicũda
Cor,cõ q̃ tu Rubi teu preço perdes: (da
Entre os braços do Vlmeiro eſtà a iocũ
Vide,cũs cachos roxos,& outros verdes
E vos ſe na voſſa aruore fecunda
Peras pyramidais viuer quiſerdes,
Entregaiuos ao dano,que cos bicos
Em vos fazem os paſſaros inicos.

60 Pois

Pois á tapeçaria bella,& fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno,
Ali a cabeça a flor Cyfisia inclina,
Sobolo tanque lucido,& sereno,
Florece o filho,& neto de Cyniras,
Porquẽ tu Deosa Paphia inda suspiras

61

Pera julgar deficil cousa fora, (res,
No ceo vẽdo,& na terra as mesmas co-
Se daua ás flores cor a bella Aurora,
Ou se-lha daõ a ella as bellas flores:
Pintando estaua ali Zefiro,& Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella
Qual reluze nas faces da donzella.

62

A candida Cacẽm das Matutinas
Lagrimas rociada,& a Manjarona,
Vense as letras nas flores Hyacintinas,
Tam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, & bonina
Que competia Cloris com Pomona:
Pois se as aues nõ ar cantando voaõ,
Alegres animais ó chaõ pouoaõ.

63

Ao longo da agoa ó niueo Cisne cãta,
Respondelhe do ramo Philomela,
Da sõbra de seus cornos não se espãta
Acteon nagoa cristalina,& bella:
Aqui a fugace Lebre se leuanta
Da espessa mata,ou timida Gazella,
Ali no bico traz ao caro ninho,
O mantimento o leue passarinho.

Nesta frescura tal desembarcauaõ
Ja das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixauaõ
Andar as bellas Deosas como incautas,
Algũas doces Cytaras tocauaõ,
Algũas arpas,& sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro se fingiaõ
Seguir os animais,que não seguiaõ.

65

Assi lho acõselhàra a mestra experta,
Que andassem pelos cãpos espalhadas,
Que vista dos varoẽs a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas
Algũas.que na forma descuberta
Do bello corpo estauão confiadas,
Deposta a artificiosa fermosura,
Nuas lauarse deixão na agoa pura.

66

Mas os fortes mancebos, q̃ na praya
Punhão os pès de terra cubiçosos,
Que não ha nenhum delles , q̃ não saya
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuidão q̃ sem laço,ou redes caya
Caça naquelles montes deleitosos
Tão suaue,domestica,& benina,
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

67

Algũs q̃ em espingardas,& nas bestas
Pera ferir os Ceruos se fiauaõ
Pelos sombrios matos,& florestas
Determinadamente se lançauaõ:
Outros nas sombras,q̃ das altas sestas
Defendem a verdura,passeauaõ
Ao longo da agoa,que suaue,& queda
Por aluas pedras corre à praya leda.

68 Come-

Começaõ de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores,
Cores de quem a vista julga,& sente,
Que não erão das rosas,ou das flores,
Mas da laã fina,& seda differente
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendosse por arte mais fermosas.

69

Dà Veloso espantado hũ grãde grito,
Senhores caça estranha disse he esta,
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do q̃ humano sprito
Desejou nunca,& bem se manifesta
Que saõ grãdes as cousas,& excellentes
q̃ o mũdo encobre aos homẽs imprudẽ(tes.

70

Sigamos estas Deosas,& vejamos
Se fantasticas saõ,se verdadeiras,
Isto dito velloces mais que Gamos,
Se lanção a correr pelas ribeiras:(mos,
Fugindo as Nimfas vão por entre os ra
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco &pouco surrindo,&gritos dãdo
Se deixão yr dos Galgos alcançando.

71

De hũa os cabellos de ouro o vẽto leua
Corrẽdo, & da outra as fraldas delica-
Acendese o desejo que se ceua (das
Nas aluas carnes subito mostradas,
Hũa de industria cae,& ja releua
Com mostras mais macias,q̃ indinadas
Que sobre ella empeçando tãbem caya
Quem a seguio pela arenosa praya.

72 Outros

Outros por outra parte vão topar,
Com as Deosas despidas, que se lauaõ,
Ellas começão subito a gritar,
Como que assalto tal não esperauaõ,
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançauaõ
Nuas por entre o mato, aos olhos dãdo
O que às mãos cobiçosas vão negando.

73

Outra como acudindo mais depressa,
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Escõde o corpo nagoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora:
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido asi & calçado (que co a mora
De se despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agoa o fogo que nelle arde

74

Qual cão de caçador sagaz, & ardido,
Vsado a tomar na agoa a aue ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta nagoa, & da preza nao duuida,
Nadando vay, & latindo, asi o mãçebo
Remete à que não era irmaã de Phebo.

75

Leonardo soldado bem desposto,
Manhoso, caualleiro, & namorado,
A quem Amor não dera hũ so desgosto,
Mas sempre fora delle maltratado:
E tinha ja por firme prosuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porèm não que perdesse a esperança,
De inda poder seu fado ter mudança.

76 Quis

Quis aqui sua ventura, que corria
Apos Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deu pera darse a natureza,
Ia cansado correndo lhe dizia.
ô fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hũ còrpo de quem leuas a alma.

77

Todas de correr cansaõ, Nimpha pura,
Rendendosse à vontade do inimigo,
Tu so de my so foges na espessura
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
q̃ em toda a parte sempre anda comigo
O naõ a creas, porq̃ eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78

Não canses, que me cãsas: & se queres
Fugirme, porque naõ possa tocarte,
Minha ventura he tal, q̃ inda q̃ esperes
Ella farà que naõ possa alcansarte:
Espera, quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escaparte,
E notaràs no fim deste successo, (messo
Tra la spica & la man, qual muro he

79

O naõ me fujas, assi nunca o breue
Tempo fuja de tua fermosura,
Que so com refrear o passo leue
Venceràs da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreue
A quebrantar a furia da ventura,
q̃ em quãto deseje me vai seguindo,
O que tu so faràs nam me fugindo?

80 Poéste

Poēste da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potēte:
Leuasme hũ coraçaõ, que liure tinha,
Soltamo, & correràs mais leuemente.
Não te carrega essa alma tam mesqui-
Que nesses fios de ouro reluzēte (nha,
Atada leuas? ou depois de preza
Lhe mudaste a ventura, & menos peza?

81

Nesta esperança sò te vou seguindo,
Que ou tu não sofreràs o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudaràs a triste, & dura estrella.
E se se lhe mudar, não vas fugindo,
Que Amor te ferirà, gentil donzella,
E tu me esperaràs, se amor te fere,
E se me esperas, não ha mais q̃ espere.

82

Ia não fugia a bella Nimpha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouuindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia:
Voluendo o rosto jà sereno, & sancto,
Toda banhada em riso, & alegria,
Cair se deixa aos pès do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

83

ó que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soaua,
Que afagos taõ suaues, que yra honesta
Que em risinhos alegres se tornaua.
O q̃ mais passam na menhã, & na sesta
Que Venus com prazeres inflamaua,
Milhor he esprimentalo que julgalo,
Mas julgueo quē naõ pode esprimētalo

84 Desta

Dest'arte enfim cóformes ja assembrosas
Nimphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornaõ de capellas deleitosas,
De louro, & de ouro, & flores abũdátes:
As maõs aluas lhe dauaõ como esposas
Com palauras formais, & estipulantes,
Se prometem eterna companhia
Em vida & morte, de honra & alegria.

85

Hũa dellas maior, a quẽ se humilha
Todo o coro das Nimphas, & obedece,
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchẽdo a terra, & o mar de marauilha
O Capitaõ illustre que o merece,
Recebe ali có pompa honesta, & rẽgia,
Mostrãdosse senhora grande, & egregia.

86

Que despois de lhe ter dito quẽ era,
Cũ alto exordio de alta graça ornado,
Dando lhe a entender, que ali viera
Por alta influiçam do imobil fado,
Pera lhe descobrir da vnida esphera,
Da terra immẽsa, & mar naõ nauegado,
Os segredos por alta prophecia,
O que esta sua naçam so merecia.

87

Tomandoo pela maõ o leua, & guia
Pera o cume dum móte alto, & diuino,
No qual hũa rica fabricã se erguia
De christaltoda, & de ouro puro, & fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doçes jogos, & em prazer contino,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sõbras entre as flores.

Asſi a fermoſa , & a forte cõpanhia,
O dia quaſi todo eſtaõ paſſando,
Nũa alma,doce,incognita alegria,
Os trabalhos taõ longos compenſando
Porque dos feitos grandes , da ouſadia
Forte,& famoſa,o mũdo eſtà guardãdo
O premio la no fim bem merecido,
Cõ fama grãde,& nome alto & ſubido.

89

q̃ as Nimphas doOcceano taõfermoſas
Thetis,& aIlha angelica pintada,
Outra couſa naõ he,que as deleitoſas
Honras, que a vida fazem ſublimada:
Aquellas pteminencias glorioſas,
Os triumphos,a fronte coroada
DePalma,&Louro,agloria&marauilha
Eſtes ſam os deleites deſta Ilha:

90

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illuſtres ama,
La no eſtrelianteOlimpo a quem ſubia
Sobre as aſas inclitas da fama,
Por obras valeroſas, que fazia,
Pelo trabalho immenſo , que ſe chama
Caminho da virtude alto & fragoſo:
Mas no fim doce,alegre,& deleitoſo.

91

Não eraõ ſenaõ premios , q̃ reparte
Por feitos inmortais,& ſoberanos,
O mũdo,cos varoẽs,que esforſo & arte
Diuinos os fizeraõ,ſendo humanos:
Que Iupiter,Mercurio,Phebo,&Marte
Eneas,& Quirino,& os dous Thebanos
Ceres,Palas,& Iuno,com Diana
Todos foraõ de fraca carne humana.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu nomẽdo nomes taõ estranhos
De Deoses, Semideoses immortais
Indigetes, Eroicos,& de Magnos,
Por isso, ò vos que as famas estimais,
Se quiserdes nomeando ser tamanhos,
Despertai ja do sono do ocio ignauo,
Que o animo de liure faz escrauo.

93

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambiçāo tābem, que indignamẽte
Tomais mil vezes,&no torpe,& escuro
Vicio da tirania Infame,& vrgente:
Porque essas hōras vaãs,esse ouro puro
Verdadeiro valor naõ daõ à gente,
Melhor he merecellos;sem os ter
Que possuilos sem os merecer.

94

Ou day na paz as leys iguais,cōstātes
q̃ aos grādes nāo dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a ley dos imigos Sarracenos,
Fareis os Reinos grandes;& possantes
E todos tereis mais,& nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Cō as honras,q̃ illustraõ tāto as vidas.

95

E fareis claro o Rey, que tanto amais
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas,que immortais
Vos faraõ, como os vossos ja passados:
Impossibilidades naõ fa[ç]ais,
q̃ quem quis sēpre pode: & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

F I M.

CANTO X.

1

As ja o claro amador da Larissea
Adultera, inclinaua os animais,
La pera o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea
Co sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a agoa serena, & despertaua
Os Lirios, & Iasmins q̃ a calma agraua.

2

Quando as fermosas Nimfas cos amãtes
Pella mão ja conformes, & contentes,
Subião pera os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas, daltos manjares, excelentes,
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3

Ali em cadeiras ricas cristalinas,
Se asẽtão, dous & dous, amãte & dama
Noutras à cabeceira douro finas,
Està coa bella Deosa o claro Gama:
De igoarias suaues, & diuinas
A quẽ não chega a Egipcia antiga fama
Se acúmulaõ os pratos de fuluo ouro,
Trazidos la do Atlantico tesouro.

4 Os

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão não so do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Ioue tãto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno:
Nos vasos, onde em vaõ trabalha a lima
Crespas escumas erguem, q̃ no interno
Coraçaõ mouem subita alegria,
Saltando coa mistura dagoa fria.

5

Mil praticas alegres se tocauaõ,
Rizos doces, sutis, & argutos ditos,
q̃ ẽtre hũ & outro mãjar se aleuãtauaõ
Despertando os alegres apetitos:
Musicos instrumentos não faltauaõ,
Quais no profũdo reyno os nùs spritos
Fizeraõ descansar da eterna pena,
Cũa voz d'hũa angelica Syrena.

6

Cantaua a bella Ninfa, & cos acentos
Que pellos altos paços vão soando,
Em consonancia igoal, os instrumẽtos
Suaues vem a hum tempo cõformãdo:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As agoas, & nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

7

Com doce voz està subindo ao ceo
Altos varoẽs, q̃ estão por vir ao mũdo,
Cujas claras Ideas vio Protheo,
Num globo vaõ, diafano, rotundo,
Que Iupiter em dom lho concedeo,
Em sonhos, & despois no reyno fundo,
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia

Materia he de Coturno,& não de Soco
A q̃ a Nimfa aprẽdeo no immẽſo lago:
Qual Yopas não ſoube,ou Demodoco,
Entre osPheaces hũ,outro em Cartago
Aqui minha Caliope te inuoco
Neſte trabalho extremo,porq̃ em pago
Me tornes do q̃ eſcreuo,&em vaõ pretẽ
O goſto de eſcreuer,q̃vou perdẽdo.(do
9
Vão os annos decendo,& ja doEſtio
Ha pouco que paſſar ate o Otono,
A fortuua me faz o engenho frio,
Do qual ja naõ me jacto,nẽ me abono:
Os deſgoſtos me vaõ leuando ao rio
Do negro eſquecimẽto,& eterno ſono,
Mas tu me dà q̃ cumpra ó graõ Rainha
DasMuſas, cò q̃ quero à naçaõ minha.
10
Cantaua a bella Deoſa,que viriaõ
Do Tejo,pello mar q̃ o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriaõ,
Por onde o Oceano Indico ſuſpira:
E que os Gentios Reis, que não dariaõ
A ceruiz ſua ao jugo,o ferro & ira
Prouariaõ do braço duro & forte,
Ate renderſe a elle,ou logo à morte.
11
Cantaua d'hum q̃ tem nos Malabares
Do ſumo ſacerdocio a dignidade
Que ſo por não quebrar cos ſingulares
Varoẽs,os nòs que dera damizade,
Sofrerà ſuas cidades,& lugares,
Com ferro,incendios,ira, & crueldade
Ver deſtruir do Samorim potente,
Que tais odios terà coa noua gente.
12 E canta

E canta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O graõ Pacheco, Achiles Lusitano:
O peso sentiràm, quando entraria
O curuo lenho, & o feruido Oceano,
Quãdo mais nagoa os trõcos q̃ gemerẽ
Contra sua natureza se meterem.

13

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado, & curuo rio
Desbaratarà os Naires infernais
No passo Cambalaõ, tornando frio
D'espanto o ardor immenso do Oriẽte
Que verà tanto obrar taõ pouca gente.

14

Chamarà o Samorim mais gẽte noua
Viraõ Reis de Bipur, & de Tànòr,
Das serras de Narsinga, que alta proua
Estaraõ prometendo a seu senhor:
Farà que todo o Naire em fim se moua
Que entre Calecut jaz, & Cananor,
Dambas as leis immigas, pera a guerra
Mouros por mar, Gentios polla terra.

15

E todos outra vez desbaratãdo (do
Por terra, & mar, o graõ Pacheco ousa
A grande multidaõ que irà matando,
A todo o Malauar terà admirado:
Cometerà outra vez não dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injriãdo os seus, fazẽdo votos (motos
Em vão aos Deoses vaõs, surdos, & im-

Ia não defenderà fomente os paſſos
Masqueimarlheha lugares,tẽplos caſas
Aceſo de ira o Caõ,não vendo laſſos
Aquelles que as cidades fazem raſas:
Farà q̃ os ſeus de vida pouco eſcaſſos
Cometaõ o Pacheco que tem aſas
Por dous paſſos num tẽpo,masvoando
D'hum nqutro,tudo ira desbaratando.

17

Virà ali o Samorim,porq̃ em peſſoa
Veja a batalha,& os ſeus erforce,& ani
Mas hũ tiro,q̃ com zonido voa (me,
De ſangue o tingirà no andor ſublime:
Ia não verà remedio,ou manha boa,
Nem forſa, q̃ o Pacheco muito eſtime,
Inuentarà traiçoẽs,& vaõs venenos,
Mas sepre(o ceo querendo)farà menos

18

Que tornarà a vez ſeptima, cantaua
Pellejar co inuicto,& forte Luſo,
A quem nenhũ trabalho peza,&agraua
Mas contudo eſte ſo o farà confuſo:
Trarà pera a batalha horrẽda,& braua
Machinas de madeiros fóra de vſo,
Pera lhe abalroar as Carauellas,
Que ate li vaõ lhe fora cometellas.

19

Pella agoa leuarà ſerras de fogo
Pera abrazatlhe quãta armada tenha,
Mas a militar arte,& engenho,logo
Farà ſer vaã a braueza com que venha:
Nenhum claro varaõ no Martio jogo,
Que nas azas da fama ſe ſoſtenha,
Chega a eſte,que a palma a todos toma
E perdoeme a illuſtre Grecia,ou Roma

Porque tantas batalhas sostentadas
Cõ muito pouco mais de cem soldados
Cõ tantas manhas,& artes inuentadas,
Tantos Cães não imbelles profligados:
Ou pareceram fabulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros inuocados
Decerâm a ajudallo,&lhe daram
Esforso,forsa,ardil,& coraçaõ.

21

Aquelle que nos campos Maratonios
O graõ poder de Dario estrue, & rẽde,
Ou quem cõ quatro milLacedemonios
O passo de Termopilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco cõtende
Em defensa da ponte,ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte,&sabio.

22

Mas neste passo a Nimfa o som canoro
Abaxando,fez ronco,& entristecido,
Cãtãdo em baxa voz enuolta em choro
O grande esforso mal agardecido:
ô Belisario,disse,que no coro
Das Musas seràs sempre engrandecido
Se em ti viste abatido o brauo Marte,
Aqui tens com quem pòdes cõsolarte.

23

Aqui tens cõpanheiro assi nos feitos
Como no galardaõ injusto,& duro,
Em ti,& nelle veremos altos peitos,
A baxo estado vir humilde,& escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos
Os que ao Rey,& à ley seruem de muro
Isto fazem os Reys,cuja vontade
Manda mais q̃ a justiça,& q̃ averdade.

Isto fazem os Reis, quãdo embebidos
Nũa aparencia branda q̃ os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
Aa lingoa vaã de Vlisses fraudulenta:
Mas vingome q̃ os bẽs mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta
Se não os dão a sabios caualeiros,
Dãonos logo a auarentos lisongeiros.

25

Mas tu de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo, ò Rey so nisto inico.
Se não es pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos, eu te fico
q̃ elle seja entre a gente illustre & claro
E tu nisto culpado por auaro.

26

Mas eis outro, cantaua, intitulado
Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar serà illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal, & humano.
Deitado fóra o perfido Tirano.

27

Tambem farão Mombaça, q̃ se arrea
De casas sumptuosas, & edificios,
Co ferro, & fogo seu, queimada, & feà,
Em pago dos passados maleficios:
Despois na costa da India, andãdo chea
De lenhos inimigos, & artefícios,
Contra os Lusos: cõ vellas, & cõ remos
O mancebo Lourenço farà estremos.

Das grãdes naos,do Samorim potẽte
Q̃ encheraõ todo omar,coa ferrea pela
Que sae como trouaõ do cobre ardẽte
Farà pedaços leme,masto,vela,
Despois lançando arpeos ousadamẽte
Na Capitaina immiga:dentro nela
Saltando, a farà so cõm lãça & espada
De quatrocentos Mouros despejada.

29

Mas de Deos a escondia prouidẽcia,
Que ella so sabe o bẽ de que se serue,
O porà onde esforço,nem prudencia
Poderà auer,que a vida lhe reserue:
Em Chaul,onde em sangue & resistẽcia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe faraõ,que com vida se naõ saya
As armadas de Egipto & de Cambaya.

30

Ali o poder de muitos inimigos
Que o grãde esforço, so cõ força rẽde
Os ventos que faltaraõ,& os perigos
Do mar,que sobejàraõ, tudo o ofendè,
Aqui resurjaõ todos os antigos,
A ver o nobre ardor, q̃ aqui se aprẽde.
Outro Sceua veraõ,que espedaçado,
Naõ sabe ser rendido,nem domado.

31

Cõ toda hũa coxa fora,q̃ em pedaços
Lhe leua hum cego tiro,que passàra,
Se serue inda dos animosos braços,
E do graõ coraçaõ,que lhe ficàra:
Ate que outro pilouro quebra os laços
Com que co alma o corpo se liàra,
Ella solta voou da prisam fora,
Onde subito se acha vencedora.

Vayte alma em paz daguerra turbulēta
Na qual tu mereceſtes paz ſerena,
Que o corpo q̄ em pedaços ſe apreſēta
Quē o gerou vingança ja lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a graõ tormēta
Que vem ja dar a dura, & eterna pena,
De Eſperas, Baſiliſcos, & Trabucos,
A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

33

Eis vem o pay cō animo eſtupendo,
Trazēdo furia & magoa por antolhos,
Cō q̄ o paterno amor lhe eſta mouēdo
Fogo no coraçaõ, agoa nos olhos:
A nobre yra lhe vinha prometendo,
Que o ſangue farà dar pellos giolhos
Nas inimigas naos ſentilo ha o Nilo,
Podèloha oIndo ver, & oGange ouuilo.

34

Qual o Touro cioſo, que ſe enſaya
Pera a crua pelleja, os cornos tenta
No trōco d'humCarualho, ou altaFàya
E o ar ferindo, as forças eſprimenta:
Tal, antes que no ſeyo de Cambaya
Entre Franciſco irado ná opulenta
Cidade de Dabul, a eſpada afia,
Abaxandolhe a tumida ouſadia.

35

E logo entrando fero na enſeada
De Dio, illuſtre em cercos, & batalhas,
Farà eſpalhar a fraca & grāde armada,
De Calecu, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano eſpalhas,
Farà yr ver o frio & fundo aſſento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem que abalroãdo
A furia esperarà dos vingadores,
Verá braços & pernas yr nadando,
Sẽ corpos, pello mar, de seus senhores,
Rayos de fogo yraõ representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto alí sentiràm olhos, & ouuidos,
He fumo, ferro, flamas, & alaridos.

37

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que despois virà ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubarà a famosa gloria.
Hum successo que triste & negro vejo,
O Cabo Tormentorio, que a memoria,
Cos ossos guardarà naõ tera pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que naõ tiraraõ toda a India, & Egito.

38

Ali Cafres seluagens poderàm,
O que destros immigos não puderão,
E rudos paos tostados, so faràm,
O que arcos & pelouros naõ fizeraõ,
Occultos os juizos de Deos sam,
As gentes vaãs que não nos entẽderaõ
Chamãolhe fado mao, fortuna escura,
Sendo so prouidencia de Deos pura.

39

Mas õ q̃ luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Nimfa, & a voz aleuantaua,
La no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:
Pello Cunha tambẽ, que nũca extinto
Serà seu nome, em todo o mar que laua,
As ilhas do Austro, & prayas, q̃ se chamão
De S. Lourẽço, & ẽ todo o Sul se afamão

Esta luz he do fogo,& das luzentes
Armas cõ q̃ Albuquerque vrà amãsãdo
De Ormuzos Parseos, por seu mal valẽtes
Que refusam o jugo honroso,& brãdo.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocarse,a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou,que Deos peleja
Por quem estẽde a fe da madre Igreja.

41

Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praya,&mar se estẽdẽ
De Gerum,de Mazcate,& Calayate:
Ate que à forsa so de braço aprendem
A abaxar a ceruiz,onde se lhe ate
Obrigação de dar o reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.

42

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria à fronte lhe corôa,
Quando sẽ sôbra vaã de medo,ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa:
Despois,obedecendo ao duro ensejo
A deixa,& ocasião espera boa,
Cõ q̃ a torne a tomar, q̃ esforso,& arte
Vencerão a fortuna,& o proprio Marte.

43

Eis ja sobre lla torna& vày rompendo
Por muros,fogo,lanças,& pilouros,
Abrindo cõ a espada o espesso,& horrẽ
Esquadrão de Gẽtios,& de Mouros: (do
Irão soldados inclitos fazendo
Mais que Liões fameiicos,& Touros,
Na luz que sempre celebrada & dina
Sera da Egipcia sancta Caterina.

Nem tu menos fugir poderàs deste,
Posto que rica,& posto que assentada
Là no gremio da Aurora,onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada:
As setas venenosas que fizeste,
Os Crises com que ja te vejo armada,
Malaios namorados,Iaos valentes
Todos faras ao Luso obedientes.

45

Mais estancas cantàra esta Syrena
Em louuor do illustrissimoAlbuquerq̃,
Mas alēbroulhe hũa yra que o cōdena,
Posto que a fama sua o mũdo cerque:
O grande capitão,que o fado ordena
Que cō trabalhos gloria eterna merq̃,
Mais ha de ser hũ brando cōpanheiro
Pera os seus,que juiz cruel & inteiro.

46

Mas em tēpo que fomes,&asperezas
Doenças,frechas, & trouoes ardentes,
A sazão,& o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes:
Parece de seluaticas brutezas,
De peitos inhumanos & insolentes,
Dar extremo suplicio pella culpa (pa.
Que a fraca humanidade&Amor descul

47

Não serà a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgē pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cũa escraua vil lacisua & escura:
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de vsado a crueza fera & dura,
Cos seus hũa ira insana não refrea,
Poe na fama alua noda negra,& fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
Da ſuà Cãpaſpe, & deulha alegremẽte,
Não ſendo ſeu ſoldado eſprimentado,
Nẽ vendoſſe num cerco duro & vrgẽte:
Sentio Ciro que andaua ja abraſado
Araſpas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara emguarda, & prometia
Que nenhum mao deſejo o venceria.

49

Mas vẽdo o IlluſtrePerſa, q̃ vencido
Fora de amor, q̃ em fim não tẽ defenſa,
Leuemente o perdoa, & foy ſeruido
Delle num caſo grande em recompẽſa.
Per força de Iudita foy marido
O ferreo Balduuino, mas diſpenſa
Carlos paydella, poſto emcouſasgrãdes
Que viua, & pouoador ſeja de Frãdes.

50

Masproſſeguindo aNimpha olõgo cãto
De Soarez cantaua, que as bandeiras
Faria tremolar, & pòr eſpanto,
Pellas roxas Arabicas ribeiras:
Medina abominabil teme tanto,
Quãto Meca, & Gida, coas derradeiras
Prayas de Abaſia: Barborà ſe teme,
Do mal de que o Emporio Zeila geme.

51

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Ia pello nome antigo tão famoſa,
Quanto agora ſoberba, & ſoberana,
Pella Cortiça calida, cheiroſa,
Della darà tributo à Luſitana
Bandeira, quando excelſa, & glorioſa,
Vencendo ſe erguerà na torre erguida
Em Colũbo, dos proprios tam temida.

Tambẽ Sequeira as ondas Eritreas
Diuidindo, abrirà nouo caminho,
Pera ti grande Imperio que te arreas
De feres de Candace, & Sabà ninho:
Maçua com Cifternas de agoa cheas
Verà, & o porto Arquico ali vizinho,
E farà defcobrir remotas ilhas,
Que daõ ao mundo nouas marauilhas.

53

Virà defpois Menefes, cujo ferro
Mais na Africa, que cà terà prouado:
Caftigarà de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama em pago do defterro
Em que eftàs, & feràs inda tornado,
Cos titulos de Cõde, & d'hõras nobres,
Viràs mandar a terra que defcobres.

54

Mas aquella fatal necefsidade,
De quẽ ninguẽ fe exime dos humanos,
Illuftrado coa Regia dignidade,
Te tirarà do mundo. & feus enganos:
Outro Menefes logo, cuja ydade
He mayor na prudencia que nos anos,
Gouernarà, & farà o ditofo Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

55

Naõ vencerà fomente os Malabares,
Deftruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bõbardas, que nos ares
Se vingão fo do peito que as comete:
Mas com virtudes certo fingulares,
Vence os immigos dalma todos fete,
De cubiça triumpha, & incontinencia,
Que em tal idade he fuma excellencia.

Mas despois q̃ as estrellas o chamarẽ,
Socederàs ò forte Mazcarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometote que fama eterna tenhas:
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto,ò fado quer que venhas
A mandar,mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

57

No reino de Bintão,q̃ tantos danos
Terà a Malaca muito tempo feitos,
Num so dia as injurias de mil anos
Vingaràs,co valor de illustres peitos.
Trabalhos & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras,Baluartes,lan ças,Setas,
Tudo fico que rompas & sometas.

58

Mas na India cubiça & ambiçaõ,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos,& Iustiça,te faraõ
Vituperio nenhum,mas so desgosto:
Quem faz injuria vil,& sem rezão
Com força & poder,em que està posto,
Naõ vence,que a vitoria verdadeira,
He saber ter justiça nua,& inteira.

59

Mas com tudo naõ nego q̃ Sampayo
Serà no esforço illustre,& asinalado,
Mostrandosse no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verà qualhado:
Em Baçanòr farà cruel ensayo
No Malabar,pera que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale,com quanta armada tenha.

E naõ menos de Dio a fera frota
Que Chaul temerà de grande & ousada
Farà coa a vista so perdida & rota,
Por Heitor da Silueira, & destroçada:
Por Heitor Portugues, de quẽ se nota,
Que na Costa Cãbaica sempre armada,
Serà aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

61

A Sampayo feroz socederà
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chale as torres altas erguerà,
Em quanto Dio illustre delle treme,
O forte Baçaim se lhe darà,
Naõ sem sangue porẽ, que nelle geme
Melique, porque a forsa so de espada
A tranqueira soberba ve tomada.

62

Tras este vẽ Noronha cujo Auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio que o peito & bellico exercicio
De Antonio da silueira bem sustenta:
Farà ẽNoronha a morte o vsado officio
Quãdo hũ teu ramo, ô Gama, se esprimẽ (ta
No gouerno do Imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar farà amarelo

63

Das maõs do teu Esteuão vem tomar
As redeas hum, que ja sera illustrado
No Brasil, com vencer & castigar
O Pirata Frances ao mar vsado,
Despois Capitão mor do Indico mar,
O muro de Dàmão soberbo & armado,
Escala, & primeiro entra a porta aberta
Que fogo & frechas mil teraõ cuberta,

64 A este.

A este o Rey Cambaico soberbissimo
Fortaleza darà na rica Dio,
Porque cõtra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irà com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rey gentio
De Calecut,que assi com quantos veyo
O farà retirar de sangue cheyo.

65

Destroirà a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey cõ muitos em fugida:
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destroir o mundo não duuida,
Vencerà co furor do ferro,& fogo,
Em si verà Beadàla o Marcio jogo.

66

Tendo assi limpa a India dos immigos
Virà despois com cetro a gouernala,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle,& nenhũ fala:
Sò quis prouar os asperos castigos
Baticalà,que vira ja Beadàla,
De sangue & corpos mortos ficou chea
E de fogo,& trouões desfeita,& fea.

67

Este serà Martinho,que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illustre em toda parte
Quãto em cõselho sabio,&bẽ cuidado:
Socederlheha ali Castro, q̃ o estãdarte
Portugues terà sempre leuantado,
Conforme successor ao succedido
q̃ hũ ergue Dio,outro o defẽde erguido

68 Persas

Perſas feroces, Abaſsîs, & Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de geſtos, varios de coſtumes
Que mil nações ao cerco féras vem:
Faraõ dos ceos ao mũdo vaõs queixu-
Porq̃ hũs poucos a terra lhe detẽ, (mes
Em ſangue Portugues juraõ deſcridos
De banhar os bigodes retorcidos.

169

Baſiliſcos medonhos, & Lioẽs,
Trabucos feros, minas encubertas,
Suſtenta Maſcarenhas cos varões,
Que tam ledos as mortes tẽ por certas:
Ate que nas mayores opreſſoẽs
Caſtro libertador, fazendo offertas
Das vidas de ſeus filhos, quer q̃ fiquem
Cõ fama eterna, & a Deos ſe ſacrifiquẽ

70

Fernãdo hũ delles, ramo da alta prãta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar leuanta,
Serà ali arrebatado, & ao ceo ſubido:
Aluaro quãdo o inuerno omũdo eſpãta
E tem o caminho humido impedido,
Abrindoo, vẽce as ondas, & os perigos,
Os ventos, & deſpois os inimigos.

71

Eis vem deſpois o pay, q̃ as ondas corta
Co reſtante da gente Luſitana,
E com força, & ſaber, q̃ mais importa,
Batalha da felice, & ſoberana:
Hũs paredes ſubindo eſcuſaõ porta,
Outros a abrẽ na fera eſquadra inſana
Feitos faraõ tão dinos de memoria,
q̃ não caibaõ em verſo, ou larga hiſtoria

Este despois em campo se apresenta
Vẽcedor forte & intrepido, ao posſãte
Rey de Cãbaya, & a vista lhe amedrẽta
Da fera multidaõ quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalchaõ do braço triumphante
Que castigando vay Dàbul na costa,
Nẽ lhe escapou Pondà no sertaõ posta.

73

Estes & outros varoẽs por varias partes
Dinos todos de fama,& marauilha,
Fazendosse na terra brauos Martes,
Viràm lograr os gostos desta ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas,que corta a aguda quilha
E acharàm estas Nimfas & estas mesas,
q̃ glorias, & hõras saõ de arduas emprẽ
(sas

74

Asſi cãtaua a Nimfa,& as outras todas
Com sonoroso aplauso vozes dauaõ,
Com que festejaõ as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebrauaõ:
Por mais q̃ da Fortuna andem as rodas
Nũa consona voz todas soauaõ,
Não vos ha de faltar,gente famosa,
Honra,valor,& fama gloriosa.

75

Despois que a corporal necesſidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na armonia,& doce suauidade,
Viraõ os altos feitos,que descobre,
Thetis de graça ornada , & grauidade,
Pera que com mais alta gloria dobre,
As festas deste alegre,& claro dia,
Pera o felice Gama asſi dizia.

76 Fazste

Fazlte merce varaõ a Sapiencia
Suprema, de cos olhos corporais
Veres, o que naõ póde a vaã ciencia
Dos errados, & miseros mortais:
Sigueme firme, & forte, com prudencia
Por este monte espesso, tu cos mais.
Asi lhe diz, & ò guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

77

Não andaõ muito q̃ no erguido cume
Sé acharão, onde hũ cãpo se esmaltaua
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisaua:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro està euidẽte
Como a sua superficia, claramente.

78

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxergasse bem que està composto
De varios orbes, que a diuina verga
Cõpos, & hũ cẽtro a todos so tẽ posto
Voluẽdo, ora se abaxe, agora se erga (to
Nũca s'ergue ous'abaxa, e hũ mesmo ros
Por toda a parte tẽ, & em toda a parte
Começa, & acaba, enfim por diuina arte

79

Vniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto, & de desejo ali ficou:
Dizlhe a Deosa, ò trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, pera q̃ vejas
Por onde vas, & iràs, & o que desejas.

80 Vos

Ves aqui a grande machina do mũdo,
Eterea,& elemental,que fabricada
Asi foy do saber alto,& profundo,
Que he sem principio,&meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo,&sua superficia taõ limada,(de
HeDeos,mas o q̃ heDeos ninguẽ o entẽ
q̃ a tãto o engenho humano naõ se estẽ

81

Este orbe que primeiro vai cercãdo
Os outros mais pequenos,q̃ em si tem,
Que està com luz taõ clara radiando,
Que a vista cega,& a mẽte vil tambem,
Empireo se nomea,onde logrando
Puras almas estaõ de aquelle bem,
Tamanho,q̃ elle so se entẽde,& alcãça,
De quem não ha no mundo semelhãça

82

Aqui so verdadeiros gloriosos
Diuos estaõ,porque eu,Saturno& Iano
Iupiter,Iuno,fomos fabulosos
Fingidos de mortal,& cego engano:
So pera fazer versos deleitosos
Seruimos,& se mais o trato humano
Nos pòde dar, he so que o nome nosso
Nestas estrellas pos o engenho vosso.

83

E tambem porq̃ a santa prouidẽcia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Gouerna o mundo todo , que sustenta:
Ensinao a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos,q̃ apresenta,
Os que saõ bós,guiando fauorecem,
Os maos,em quãto pódẽ nos empecem

84 Quer

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Darlhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anios da celeste companhia
Deoses o sacro verso està chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Tãbem aos maos se dà, mas falsamẽte.

85

Enfim q̃ o sumo Deos, q̃ por segũdas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deste circulo onde as mundas
Almas diuinas gozão, que naõ anda,
Outro corre tam leue, & tam ligeiro,
q̃ não se enxerga, he o Mobile primeiro

86

Com este rapto, & grande mouimẽto,
Vaõ todos os que dentro tem no seyo,
Por obra deste o Sol andando a tento
O dia & noite faz, com curso alheyo:
Debaxo deste leue anda outro lento,
Tam lento, & sojuzgado a duro freyo,
q̃ em quãto Phebo, de luz nũca escasso
Duzentos cursos faz, dà elle hũ passo.

87

Olha o outro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda, & radiantes,
Que tambem nelle tẽ curso ordenado,
E nos seus exes correm scintilantes:
Bem ves como se veste, & faz ornado
Cõ largo cinto douro, que estellantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo,
Olha a carreta, atenta a Cinosura,
Andromeda, & seu pay, & o drago horrē-
Ve de Cassiopea a fermosura, (do:
E do Orionte o gesto turbulento,
Olha o Cisne morrendo que sospira,
A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.

89

Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Rey antigo,
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assēto,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaxo vay Diana.

90

Em todos estes orbes, differente
Curso veras, nũs graue, & noutros leue:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar, o vẽto, & neue,
Os quaes veras q̃ iazem mais a dẽtro,
E tem co mar a terra por seu centro.

91

Neste centro pousada dos humanos
Que não somente ousados se conentão
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabil esprimentão,
Veràs as varias partes, que os insanos
Mares diuidem, onde se aposentão
Varias nações, que mandão varios Reis.
Varios costumes seus, & varias leis.

Ves Europa Christaã mais alta,& clara
Que as outras em policia, & fortaleza:
Ves Africa dos bẽs do mundo auara,
Inculta,& toda chea de bruteza,
Co Cabo que atequi se vos negàra,
Que assentou pera o Austro a natureza;
Olha essa terra toda,que se habita
Dessa gente sem ley,quasi infinita.

93

Vè do Monomotapa o grãde imperio,
De seluatica gente,negra,& nua:
Onde Gonçalo morte,& vituperio
Padecerà polla fé sancta sua:
Nace por este incognito Hemisphερio
O metal,porque mais a gente sua,
Ve que do lago,donde se derrama
O Nilo,tambem vindo està Cuama.

94

Olha as casas dos negros,como estaõ
Sem portas , confiados em seus ninhos
Na justiça real,& defensaõ,
E na fidelidade dos vizinhos:
Olha delles a bruta multidaõ (nhos,
Qual bãdo espesso,& negro de Estorni-
Combaterà em Sofala a fortaleza,
Que defenderà Nhaya com destreza.

95

Olha là as alagoas,donde o Nilo
Nace,que não souberão os antigos,
Velo rega,gerando o Cocodrilo,
Os pouos Abassis de Christo amigos,
Olha como sem muros (nouo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos,
Ve Meroe , que ilha foi de antiga fama
Que ora dos naturais Nobà se chama

Nesta remota terra,hum filho teu'
Nas armas cõtra os Turcos serà claro,
Ha de ser dom Christouão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Ve ca a costa do mar,onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso,& caro,
O Rapto rio nota,que o romance
Da terra chama Obì,ẽtra emQuilmãce

97

O Cabo vè ja Aromàta chamado,
E agora Guardafu dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo,que do fundo toma as cores
Este como limite està lançado,
q̃ diuide Asia de Africa,&as melhores
Pouoaçoẽs ,q̃ a grande Africa ali tem,
Maçuà saõ,Arquico,& Cuamquem.

98

Ves o extremo Suez,que antigamẽte
Dizem que foy dos Heroas a cidade,
Outros dizem q̃ Arsinoe,& ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade:
Olha as agoas,nas quaes abrio patente·
Estrada o graõ Moyses na antiga idade
Asia começa aqui,que se apresenta
Em terras grande,em reinos opulenta.

99

Olha o monte Sinay,q̃ se ennobrece
Co sepulchro de sancta Caterina,
Olha Toro,& Gidà,que lhe falece
Agoa das fontes doce,& cristalina:
Olha as portas do estreito , que fenece
No reyno da seca Adem,que confina
Com a serra Darzira,pedra viua,
Onde chuua dos Ceos se não deriua.

100 Olha

Olha as Arabias tres, q̃ tanta terra
Tomão, todas da gente vaga, & baça,
Donde vem os caualos pera a guerra
Ligeiros, & feroces, de alta raça:
Olha a costa que corre ate que cerra
Outro estreito de Persia, & faz a traça
O Cabo, que co nome se apellida,
Da cidade Fartaque ali sabida.

101

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenso pera as aras:
Mas atenta ja ca destoutra banda
De Roçalgate, & prayas sẽpre auaras,
Começa o reino Ormuz, q̃ todo se anda
Pellas ribeiras, que inda serão claras
Quãdo as gales do Turco, & fera armada
Virem de Castelbranco nua a espada.

102

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Mōçandão dos nauegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abũdantes.
Atenta a ilha Barem, q̃ o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

103

Olha da grãde Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos:
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os interualos,
Que da cidade Armuza, que all esteue
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui de dom Felipe de Meneſes
Se moſtrarà a virtude em armas clara,
Quando cõ muito poucos Portugueſes
Os muitos Parſeos vencerà de Lara:
Viram prouar os golpes,& reueſes
De dom Pedro de Souſa,que prouàra
Ia ſeu braço em Ampazá,que deixada
Terà por terra à força ſõ de eſpada.

105 (çido

Mas deixemos o eſtreito,& o conhe-
Cabo de Iaſque dito ja Carpella,
Com todo o ſeu terreno mal querido
Da natura,& dos dóes vſados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas vès o fermoſo Indo , que daquella
Altura naſce junto à qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.

106

Olha a terra de Vlcinde fertiliſsima,
E de Iaquete a intima enſeada,
Do mar a enchente ſubita grãdiſsima,
E a vazante que foge apreſſurada:
A terra de cambàya ve riquiſsima,
Onde do mar o ſeo faz entrada,
Cidades outras mil,que vou paſſando,
A voſoutros aqui ſe eſtaõ guardando.

107

Ves corre a coſta cèlebre Indiana
Pera o Sul,ate o Cabo Comori
Ia chamado Cori,que Taprobana
(Que ora he Ceilão)defronte tem de ſi:
Por eſte mar a gente Luſitana
Que com armas virà deſpois de ti,
Terà vitorias terras,& cidades
Nas quaes hão de viuer muitas ydades.

As prouincias, q̃ entre hũ & outro rio
Ves com varias nações, sam infinitas:
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escriptas:
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas & benditas,
Do corpo de Thome, baraõ sagrado,
Que a IesuChristo teue a mão no lado.

109

Aqui a cidade foy, que se chamaua
Meliapor, fermosa, grande, & rica:
Os Idolos antigos adoraua:
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estaua:
Quando a fe, que no mundo se publica,
Thome vinha prègando, & ja passára
Prouincias mil do mundo, q̃ ensinàra.

110

Chègado aqui prègãdo, & jũto dãdo
A doentes saude, a mortos vida
A caso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andaua edificando,
Fazer delle madeira, & não duuida
Poder tiralo a terra com possantes
Forças d'homẽs, de engenhos de Aliphã(tes.

111

Era tão grande o peso do madeiro
Que so pera abalarse, nada abasta,
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordaõ que traz por derradeiro
No trõco, & facilmẽte o leua & arrasta
Pera onde faça hum sumptuoso tẽplo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com fe formada
Mandar a hum monte surdo, q̃ se moua
Que obedecerà logo à voz sagrada,
q̃ assi lho ensinou Christo, & elle o pro-
A gente ficou disto aluoroçada, (ua
Os Bramenes o tem por cousa noua,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Haõ medo de perder autoridade.

113

Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quẽ mais penetrado tinha laenueja
Buscão maneiras mil, buscão desuios
Cõ q̃ Thome não se ouça, ou morto seja
O principal, que ao peito traz os fios,
Hũ caso horrendo faz, q̃ o munho veja,
Que inimiga naõ ha tão dura, & fera,
Como a virtude falsa da sincera.

114

Hum filho proprio mata, & logo acusa
De homecidio Thome, q̃ era innocente
Dà falsas testemunhas, como se vsa
Condenaraõno à morte breuemente:
O Santo que não vè milhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

115

O corpo morto manda ser trazido
Que resucite, & sèja perguntado,
Quem foy seu matador, & serà crido
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viraõ todos o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Dà graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homicida.

116 Este

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rey se banha logo na agoa sãta,
E muitos apos elle, hum beija o manto
Outro louuor do Deos de Thome cãta?
OsBramenes se encherão de odio tãto,
Com seu veneno os morde enueja tãta
Que persuadindo a isso o pouo tudo,
Determinão matalo em fim de tudo.

117

Hum dia q̃ prègãdo ao pouo estaua,
Fingirão entre a gente hum arroido,
Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
Que padecendo fosse ao Ceo subido,
A multidaõ das pedras,que voaua,
No Santo dà ja a tudo offerecido, (sa
Hũ dos maos por fartarse mais depres-
Com crua lança o peito lhe atrauessa.

118

Choraraõte Thome,o Gãge & o Indo,
Choroute toda a terra que pisaste,
Mais te choraõ as almas, que vestindo
Se yão da sancta Fè,que lhe insinaste
Mas os Anjos do ceo cantãdo,& rindo,
Te recebem na gloria que ganhaste,
Pedimoste,que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos fauoreças.

119

E vosoutros q̃ os nomes vsurpais
De mandados de Deos,como Thome,
Dizey se sois mandados,como estais
sem yrdes a prègar a santa Fè?
Olhay que se sois Sal,& vos danais
Na patria,onde Propheta ninguem he,
Com que se salgaram em nossos dias
(Infieis deixo)tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos à costa debuxada,
Ia com esta cidade tão famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica,& poderosa,
Corre Orixa de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

121

Ganges no qual os seus habitadores
Morrem banhados,tendo por certeza,
Que inda que sejão grãdes peccadores,
Esta agoa sancta os laua , & dà pureza:
Ve Chatigaõ cidade das milhores
De Bengala prouincia,que se preza
De abundante,mas olha que està posta
Pera o Austro daqui virada a costa.

122

Olha o reyno Arracão, olha o assento
De Pegu,que ja mõstros pouoarão,
Mõstros filhos do feo ajuntamento
D'hũa molher&hũ cão,q̃ sos seacharaõ
Aqui soante Arame no instromento
Da geração custumão,o que vsaraõ
Por manha da Raynha, que inuentãdo
Tal vso,deitou fora o error nefando.

123

Olha Tauay cidade,onde começa
De Siaõ largo o imperio tão cõprido,
Tenassari,Quedà,que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conheça
Malaca,por Imperio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grãde,
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes
Ondas o mar entrando diuidio,
A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
Iuntas ambas a gente antiga vio:
Chersoneso foy dita, & das prestantes
Veas douro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaraõ,
Alguns que fosse Ophir ymaginaraõ.

125

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, õde ocaminho às naos se estreita
Daqui tomando a Costa à Cynosura
Se encurua, & pera a Aurora se endereita
Ves Pam, Patane, reinos, & alongura
De Syão q̃ estes & outros mais sugeita
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grãde lago que Chiamay se chama.

126

Ves neste grão terreno os differẽtes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra & numero potentes,
Auàs, Bramàs, por serras taõ cõpridas:
Ve nos remotos montes outras gentes
Que Gueos se chamaõ de seluages vidas
Humana carne comem, mas a sua
Pintaõ com ferro ardẽte, vsança crua.

127

Ves passa por Camboja Mecom Rio
Que capitão das agoas se interpreta,
Tantas recebe doutro so no estio,
Que alagá os cãpos largos, & inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
A gente delle crè como indiscreta,
Que pena & gloria tẽ despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Este receberà placido & brando,
No seu regaço os Cantos, q̃ molhados
Vẽ do naufragio triste,& miserando,
Dos procelosos baxos escapados:
Das fomes,dos perigos grandes,quãdo
Serà o injusto mando executado
Naquelle cuja Lira sonorosa,
Serà mais affamada que ditosa.

129

Ves corre a costa q̃ Chãpà se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada,
Ves Cauchichina està de escura fama,
E de Ainão ve a incognita enseada,
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras,& riqueza não cuidada,
Da china corre,& ocupa o senhorio
Desdo Tropico ardente, aoCinto frio.

130

Olha o muro, edificio nunca crido,
Que entre hũimperio,&o outro se edi-
Certissimo final,& conhecido, (fica
Da potencia real,soberba,& rica:
Estes o Rey que tem não foy nacido
Principe,nem dos pais aos filhos fica
Mas elegem aquelle que he famoso
Por caualeiro sabio & virtuoso.

131

Inda outra muita terra se te esconde
Ate que venha o tempo de mostrarse,
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamarse:
Esta mea escondida que responde
De longe à China donde vem buscarse,
He Iapaõ,onde nace a prata fina,
Que illustrada serà coa Ley diuina,

132 Olha

Olha ca pellos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore,& Tarnate,co feruente
Cume,que lança as flamas ondeadas:
As aruores verás do Crauo ardente,
Co sanguePortuguez inda compradas,
Aqui ha as aureas aues,que não decem
Nunca à terra, & so mortas aparecem,

133

Olha de Bãda as Ilhas,q̃ se esmaltão
Da varia cor,que pinta o roxo fruto,
As aues variadas,que ali saltaõ,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornèo,onde não faltão
Lagrimas,no licor qualhado,& enxuto
Das aruores,que Cânfora he chamado
Com que da Ilha o nome he celebrado.

134

Ali tãbem Timor,que o lenho mãda
Sàndalo salutifero,& cheiroso,
Olha a Sunda tão larga,que hũa bãda
Esconde pera o Sul difficultoso:
A gente do Sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle so sem outro vae,
Conuerte em pedra o pao q̃ nelle cae:

135

Ve naquella q̃ o tempo tornou Ilha,
Que tambẽ flamas tremulas vapóra,
A fonte que oleo mana, & a marauilha
Do cheiroso licor,que o tronco chora,
Cheiroso mais que quanto estila afilha
De Cyniras,na Arabia onde ella mora,
E ve que tendo quanto as outras tem,
Branda seda& fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilaõ, q̃ o monte se aleuãta
Tãto, q̃ as nuuẽs passa, ou a vista engana
Os naturaes o tem por cousa sancta,
Polla pedra õde està a pègada humana:
Nas ilhas de Maldiua nace a pranta
No profundo das agoas soberana,
Cujo pomo contra o veneno vrgente
He tido por Antidoto excelente.

137

Veràs defrõte estar do roxo estreito
Socotorà cõ amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar tambem sojeito
A vos, na costa de Affrica arenosa,
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta, & preciosa,
De sam Lourenço ve a ilha afamada,
Que Madagascar he dalgũs chamada.

138

Eis aqui as nouas partes do Oriente,
Que vosoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito nauegais:
Mas he tambem razão, que no Ponẽte
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rey mostrandosse agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

139

Vedes a grande terra que contina
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a farà a luzente mina
Do metal, que a cor tẽ do louro Apolo,
Castella vossa amiga serà dina
De lançarlhe o colar ao seu colo,
Varias prouincias tem de varias gẽtes
Em ritos & costumes differentes.

Mas ca onde mais ſe alarga, ali tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De ſancta Cruz o nome lhe poreis,
Deſcobrilaha a primeira voſſa frota:
Ao longo deſta coſta que tereis
Irà buſcando a parte mais remota
O Magalhães,no feito com verdade
Portugues,porèm não na lealdade.

141

EDeſque paſſar a via mais que mea,
Que ao Antartico Polo vay da linha,
D'hũa eſtatura quaſi Gigantea
Homẽs verà,da terra ali vizinha:
E mais auante o eſtreito,que ſe arrea
Co nome delle agora,o qual caminha
Pera outro mar, & terra que fica onde
Com ſuas frias aſas o Auſtro a eſcóde.

142

Atequi,Portugueſes, concedido
Vos he ſaberdes os futuros feitos,
Que pello mar,que ja deixais ſabido,
Viram fazer varões de fortes peitos:
Agora,pois que tendes aprendido
Trabalhos,que vos fação ſer aceitos
Aas eternas eſpoſas,& fermoſas,
Que coroas vos tecem glorioſas.

143

Podeisvos embarcar,q̃ tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Aſsi lhe diſſe,& logo mouimento
Fazem da Ilha alegre,& namorada:
Leuão refreſco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia deſejada,
Das Nimfas que hão de ter eternamẽte
Por mais tẽpo q̃ o Sol o mũdo aquẽte.

Afsi forão cortando o mar fereno,
Cõ vento fempre manfo, & nũca irado
Ate que ouuerão vifta do terreno
Em que nacerão, fempre defejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a fua patria, & Rey temido & amado,
O premio, & gloria daõ, porq̃ mandou
E com titulos nouos fe illuftrou.

145

No mais Mufa, no mais, q̃ a Lira tenho
Deftemperada, & a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente furda, & endurecida:
O fauor cõ q̃ mais fe acẽde o engenho,
Não no dà a patria não, q̃ eftà metida
No gofto da cubiça, & na rudeza
D'hũa auftèra, apagada, & vil trifteza.

146

E não fey porque influxo de deftino
Não tẽ hũ ledo orgulho, & geral gofto,
Que os animos leuanta de contino,
A ter pera trabalhos ledo o rofto:
Por iffo vos ò Rey, que por diuino
Confelho eftais no regio folio pofto,
Olhai que fois (& vede as outras gẽtes)
Senhor fo de vaffallos excellentes.

147

Olhay que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompẽtes leoẽs, & brauos touros
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a fetas, & pilouros:
A quentes regioẽs, a plagas frias,
A golpes de idolatras, & de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo.

148 Poi

Por vos feruir a tudo aparelhados,
De vos tam longe fempre obedientes,
A quaefquer voffos afperos mandados
Sem dar repofta promptos,& cõtentes,
So com faber que faõ de vos olhados,
Demonios infernais,negros,& ardẽtes,
Cometeràm conuofco,& não duuido
Que vencedor vos façãọ, não vencido.

149

Fauoreceyos logo,& alegrayos
Com a prefença,& leda humanidade,
De rigurofas leys defaliuayos,
Que afsi fe abre o caminho à sãctidade
Os mais efprimentados leuantayos,
Se com a efperiencia tem bondade,
Pera voffo confelho,pois que fabem
O como,o quãdo,& onde ascoufas cabẽ

150

Todos fauorecey em feus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiofos exercicios
De rogarem por voffo regimento,
Com jejuns,difciplina,pellos vicios
Comuns,toda ambição teraõ por vẽto
Que o bom Religiofo verdadeiro,
Gloria vaã não pretende nem dinheiro

151

Os caualeiros tende em muita eftima
Pois cõ feu fangue intrepido,&feruẽte
Eftendem não fomente a ley de cima,
Mas inda voffo imperio preeminente:
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão feruir com paffo diligente,
Dous inimigos vencem,hũs os viuos,
(E o q̃ he mais)os trabalhos excefsiuos

Fazey ſenhor q̃ nunca os admirados
Alemaẽs,Galos,Italos,& Ingreſes
Poſſaõ dizer que ſaõ pera mandados,
Mais que pera mandar os Portugueſes:
Tomay conſelho ſo deſprimentados,
Que virão largos annos,largos meſes,
Que poſto que em ſcientes muito cabe
Mais em particular o experto ſabe.

153

De Phormião Philoſopho elegante
Vereis como Anibal eſcarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz trataua,& lia.
A diſciplina militar preſtante
Não ſe aprende ſenhor na fantaſia
Sonhando,imaginando,ou eſtudando,
Se não vendo,tratando,& pelejando.

154

Mas eu q̃ falo humilde,baxo, & rudo
De vos não conhecido,nem ſonhado?
Da boca dos pequenos ſey contudo,
Que o louuor ſae às vezes acabado,
Nam me falta na vida honeſto eſtudo
Com longa eſperiencia miſturado,
Nem engenho,que aqui vereis preſente
Couſas que juntas ſe achão raramente.

155

Pera ſeruiruos braço às armas feito,
Pera cantarnos mente às Muſas dada,
So me falece ſer a vos aceito,
De quem virtude deue ſer prezada:
Se me iſto o ceo cõcede,& o voſſo peito
Dina empreſa tomar de ſer cantada,
Como a preſaga mente vaticina,
Olhando a voſſa inclinaçaõ diuina.

Ou fazendo que mais q̃ a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos cãpos de Ampelusa
Os muros de Marrocos,& Trudante,
A minha ja estimada,& leda Musa,
Fico,que em todo o mũdo de vos cãte,
De sorte que Alexandro em vos se veja
Sem à dita de Achiles ter enueja.

FIM.